

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

KAZUO ISHIGURO

As Pálidas Colinas de Nagasáqui

«Um génio original e notável.»

New York Times

gradiva romance



KAZUO ISHIGURO

1954

AS
COLINAS
DE
NAGASAKI



A PALE VIEW OF HILLS

1982

As Colinas de Nagasaki

Kazuo Ishiguro

Romance

Relógio d' Água, Ficções

Relógio d' Água

Largo do Picadeiro, 10 2.º 1200 Lisboa — Telet. 32 36 29

Título original: A PALE VIEW OF HILLS

Tradução: GABRIELA GONÇALVES

Composição: Rogilo — Artes Gráficas, Lda.

Impressão: Arco Íris, Artes Gráficas

Depósito Legal N.º 27996

Sinopse

Depois do suicídio da filha, Etsuko, viúva japonesa que mora na Inglaterra, fica a sós com as recordações.

Etsuko é assim transportada a um verão quente de Nagasaki, num tempo em que procurava reconstruir a vida depois da guerra. E quando as reminiscências a levam à sua estranha amizade com Sachiko, uma mulher rica que ficou reduzida a uma vida errante, o passado e o presente fundem-se numa narrativa intensamente envolvente e de uma perturbante nitidez.

Kazuo Ishiguro nasceu em 1954 em Nagasaki, fixando-se na Grã-Bretanha em 1960.

PRIMEIRA PARTE

I



Niki, o nome que acabamos por dar à minha filha mais nova, não é um diminutivo; foi um acordo a que cheguei com o pai dela. Pois, paradoxalmente, era ele quem queria dar-lhe um nome japonês, enquanto eu, movida talvez por um desejo algo egoísta de não recordar o passado, insistia num nome inglês. Ele concordou finalmente com o nome Niki, pensando que havia nele uma vaga ressonância do Oriente.

Este ano ela veio visitar-me mais cedo, em Abril, quando os dias são ainda frios e chuvosos. Talvez tencionasse demorar-se mais tempo, não sei. Porém, a minha casa de campo e o sossego que a rodeia inquietavam-na, e em breve me apercebi que estava ansiosa por voltar a sua vida de Londres. Ouvia impientemente os meus discos de música clássica e folheava rapidamente várias revistas. O telefone tocava para ela com regularidade e então avançava a passos largos pela sala, o corpo delgado comprimido dentro das roupas justas, tendo o cuidado de fechar a porta atrás de si, para que eu não ouvisse a conversa. Só se demorou cinco dias.

Só no segundo dia mencionou Keiko. Estava uma manhã cinzenta e ventosa e tínhamos chegado as cadeiras para junto das janelas, para ver a chuva cair no jardim.

"Esperava que eu estivesse lá?", perguntou. "Refiro-me ao funeral."

"Não, acho que não. Não pensei realmente que fosses." "Mas perturbou-me de fato saber o que lhe acontecera. Estive quase para ir."

"Nunca esperei que fosses."

"As pessoas não sabiam o que se passava comigo", disse ela. "Não contei a ninguém. Suponho que estava embaraçada. Não iriam compreender verdadeiramente, não compreenderiam como me sentia em relação a isso. Espera-se que as irmãs sejam íntimas, não é? Pode não se gostar muito de uma irmã, mas mesmo assim é alguém de quem se está próximo. Contudo, não foi assim conosco. Nem sequer me lembro do aspecto dela ultimamente."

"Sim, faz muito tempo que a viste pela última vez." "Recordo-a apenas como alguém que costumava fazer-me infeliz. É tudo quanto me lembro dela. Mas, mesmo assim, fiquei triste quando soube."

Talvez não tenha sido apenas o sossego que levou a minha filha de volta para Londres. Pois, embora nunca nos tenhamos demorado muito tempo a falar na morte de Keiko, esse assunto nunca estava longe, pairando sobre nós sempre que conversávamos.

Keiko, ao contrário de Niki, era genuinamente japonesa, e este fato foi salientado por mais de um jornal. Os ingleses gostam de pensar que a nossa raça tem um instinto para o suicídio como se outras explicações fossem desnecessárias; de fato foi apenas isso que referiram, que ela era japonesa e se tinha enforcado no quarto.

Nessa mesma noite, estava junto da janela, olhando para a escuridão lá fora, quando ouvi Niki dizer por detrás de mim:

Em que é que está a pensar agora, mãe?" Estava estendida no sofá, um livro nos joelhos.

"Estava a pensar em alguém que conheci em tempos. Uma mulher que conheci em tempos."

"Alguém que conheceu quando, antes de vir para Inglaterra?"

"Conhecia-a quando vivia em Nagasaki, se é isso que queres dizer. "

Ela continuava a observar-me, por isso acrescentei: "Há muito tempo. Muito antes de conhecer o teu pai."

Pareceu ficar satisfeita e, tecendo um vago comentário, voltou ao livro. Em muitos aspectos Niki é uma miúda afetiva. Não tinha vindo apenas para ver como eu reagira à notícia da morte de Keiko; viera visitar-me movida por um sentimento de missão. Nos últimos anos tinha começado a admirar certos aspectos do meu passado e viera preparada para me dizer que as coisas não eram diferentes agora e que eu não devia lamentar as opções que fizera outrora. Em resumo, viera para me assegurar que eu não era responsável pela morte de Keiko.

Não tenho grande vontade de falar sobre Keiko neste momento, por isso pouco me conforta. Só a menciono aqui porque foram essas as circunstâncias que rodearam a visita de Niki em Abril último, e porque foi durante essa visita que de novo recordei Sachiko, depois de tanto tempo. Nunca cheguei a conhecer bem Sachiko. De fato a nossa amizade durou somente algumas semanas, num Verão, há muitos anos.

Nessa altura os piores dias já tinham passado. Continuavam a ver-se muitos soldados americanos — pois havia guerra na Coreia — mas em Nagasaki, depois de tudo o que se tinha passado, viviam-se dias de calma e alívio. Havia um sentimento de mudança no ar.

Eu e o meu marido vivíamos na zona leste da cidade, e para chegar ao centro tínhamos apenas de fazer uma curta viagem de bonde. Corria um rio perto da nossa casa, e tinham-me uma vez dito que antes da guerra uma pequena aldeia crescera nas suas margens. Mas então tinha caído a bomba e, depois disso, tudo o que restava eram ruínas carbonizadas. A reconstrução avançara e com o tempo tinham sido erigidos quatro edifícios de concreto, cada um aproximadamente quarenta apartamentos. Dos quatro blocos o

nosso fora o último a ser construído e indicava o momento em que o programa de reconstrução fora interrompido; entre nós e o rio avistava-se uma extensão de terra devastada, alguns acres de lodo seco e valas. Muita gente se queixava de que essa zona constituía um perigo para a saúde, e na verdade o sistema de esgotos era pavoroso. Durante todo o ano podiam ver-se os buracos, produzidos pela explosão da bomba, cheios de água estagnada, e nos meses de Verão os mosquitos tornavam-se insuportáveis. De vez em quando viam-se funcionários do Estado fazendo medições ou escrevinhando notas, mas os meses passavam sem que nada fosse feito.

Os habitantes dos outros blocos de apartamentos pareciam-se muito conosco — jovens casais, onde os homens ocupavam bons lugares em firmas em expansão. Muitos dos apartamentos pertenciam às empresas, que os alugavam por uma renda módica aos funcionários. Todos os apartamentos eram semelhantes; o chão era de tatame e as casas de banho e as cozinhas tinham sido concebidas segundo o modelo ocidental. Eram apartamentos pequenos e tornava-se muito difícil mantê-los frescos durante os meses mais quentes, mas, em geral, os locatários pareciam satisfeitos. E, contudo, vem-me à memória uma nítida sensação de que tudo aquilo era provisório, como se estivéssemos todos à espera do dia em que nos pudéssemos mudar para algo melhor.

Uma pequena casa de madeira tinha sobrevivido tanto à devastação da guerra como às escavadoras do Governo. Conseguia vê-la da janela, perfilando-se sozinha no fim daquela extensão de terra devastada, praticamente à beira do rio. Era o tipo de casa que se vê frequentemente no campo, com um telhado que chegava quase até o chão. Muitas vezes, durante os meus momentos de solidão, fiquei à janela observando-a.

A julgar pelo interesse que a chegada de Sachiko despertou, eu não era a única a observar aquela casa. Falou-se muito sobre dois homens que um dia foram vistos a trabalhar lá — e especulava-se

sobre se seriam trabalhadores do Governo. Mais tarde disse-se que uma mulher e a sua filha pequena tinham ido viver para lá e eu própria as vi em várias ocasiões, caminhando através das valas do terreno.

Foi por volta do início do verão — eu estava nessa época no meu terceiro ou quarto mês de gravidez — quando pela primeira vez vi aquele grande carro americano, branco e já muito usado, dirigindo-se aos solavancos para perto do rio. Começava a cair o crepúsculo e, por detrás da casa, o sol poente brilhou por momentos ao incidir na chapa do carro.

Depois, uma tarde, ouvi a conversa de duas mulheres na parada do bonde sobre a mulher que se tinha mudado para a casa abandonada perto do rio. Uma delas contava à companheira como nessa manhã falara à mulher e esta lhe tinha respondido desdenhosa e friamente. A outra concordou que a recém-chegada parecia antipática — provavelmente era arrogante. Ela não pode ter menos de trinta anos, observaram ainda, pois a criança tem pelo menos dez. A primeira mulher disse que a desconhecida falara num dialeto de Tóquio e que certamente não era de Nagasaki. Especularam um pouco sobre o seu "amigo americano e depois a primeira mulher referiu de novo a antipatia da desconhecida nessa manhã.

Presentemente, não tenho dúvidas de que essas mulheres, entre as quais então vivia, eram as mesmas que tinham sofrido, as mesmas que guardavam dentro de si tristes e tenebrosas recordações. Mas ao vê-las todos os dias tão ativamente absorvidas com o marido e os filhos, achava difícil acreditar nisto — que as suas vidas tinham um dia encerrado as tragédias e os pesadelos dos tempos de guerra. Nunca quis mostrar-me antipática, mas era provavelmente verdade que não fiz nenhum esforço especial para não o parecer. Pois nessa fase da minha vida ainda desejava que me deixassem em paz.

Assim, foi com interesse que ouvi essas mulheres falarem de Sachiko. Consigo recordar com nitidez essa tarde na parada do bonde. Era um desses primeiros dias em que o sol brilha intensamente depois das chuvas de junho e à nossa volta as superfícies de tijolo e concreto, encharcadas pela água da chuva, começavam a secar.

Estávamos numa ponte sobre a linha do bonde e num dos lados da via, no sopé da colina, via-se um aglomerado de telhados que lembrava um cacho, como se as casas tivessem escorregado pela encosta abaixo. Para lá das casas, um pouco isolados, viam-se os nossos blocos de apartamentos, erguidos como quatro pilares de concreto. Nessa altura já sentia uma espécie de solidariedade por Sachiko e compreendia, até certo ponto, aquela indiferença que tinha notado nela quando a observara de longe.

Ficamos amigas nesse verão e pelo menos durante um curto período fui admitida na sua intimidade. Não me lembro ao certo como travamos conhecimento. Recordo uma tarde em que avistei a sua figura caminhando à minha frente pelo atalho que levava à saída da zona residencial. Eu andava apressadamente tentando apanhá-la, mas Sachiko mantinha o seu andamento rápido. Nessa altura já nos devíamos conhecer de nome, pois lembro-me de a ter chamado quando me aproximei dela.

Sachiko voltou-se e esperou que a alcançasse: "Passa-se alguma coisa?", perguntou.

"Ainda bem que a encontro", disse eu, um pouco esbaforida. "É a sua filha, quando ia a sair via-a a lutar. Lá atrás perto das valas."

"Estava a lutar?"

"Com outras duas crianças. Uma delas era um rapaz. Parecia uma lutazinha muito desagradável."

"Estou a ver." Sachiko recomeçou a caminhar e eu acompanhei-a.

"Não quero alarmá-la", disse "mas parecia realmente uma luta muito desagradável. Na verdade, parece-me ter visto um corte no rosto de sua filha."

"Estou vendo."

"Foi ali atrás, perto da terra devastada."

"E acha que ainda estão lutando?" Ela continuava a caminhar encosta acima.

"Bem, não. Vi a sua filha fugir."

Sachiko olhou para mim e sorriu. "Não está habituada a ver crianças lutando?"

"Bem, as crianças realmente lutam, suponho. Mas pensei que devia contar. E, sabe, não me parece que neste momento ela esteja a caminho da escola. As outras crianças dirigiram-se para a escola, mas a sua filha voltou em direção ao rio."

Sachiko não respondeu e continuou a subir a encosta. "De fato", continuei, "já tinha pensado em falar disso há mais tempo. É que nos últimos tempos tenho visto a sua filha em várias ocasiões. Pergunto-me se ela não andarás talvez a faltar às aulas."

O atalho bifurcava-se no alto da colina. Sachiko parou e viramos uma para a outra.

"É muito amável da sua parte estar tão preocupada, Etsuko", disse ela. "Mesmo muito amável. Tenho certeza que dará uma mãe esplêndida."

De início eu pensara — tal como as mulheres na parada do bonde — que Sachiko fosse uma mulher na casa dos trinta e poucos anos. Mas possivelmente a sua figura jovem iludia, pois tinha um rosto de pessoa mais velha. Fitava-me com uma expressão levemente divertida e o modo como o fazia provocou um riso constrangido de minha parte.

"Agradeço muito ter vindo assim a minha procura", continuou, "mas como vê, estou muito ocupada neste momento. Tenho de ir até Nagasaki."

"Compreendo. Pensei que era melhor vir e contar, foi só isso."

Por momentos continuou a fitar-me com a mesma expressão divertida. Depois disse: "Como você é simpática! Agora, por favor desculpe, mas tenho de ir à cidade." Cumprimentou-me e depois seguiu pelo atalho que conduzia à parada do bonde.

"Foi só por ela ter um corte na face", tentei de novo, elevando um pouco a voz. "E em certos lugares o rio é muito perigoso. Pensei que era melhor vir avisá-la."

Ela virou-se e observou-me mais uma vez. "Se não tem mais nada com que se preocupar, Etsuko", disse ela, "talvez não se importe de tomar conta da minha filha hoje. À tarde estarei de volta. Estou certa que se dará muito bem com ela."

"Não tenho nada a opor, se quiser. Devo dizer que acho a sua filha muito nova para ficar entregue a si mesma o dia todo."

"Que amável você é", disse Sachiko de novo. Depois sorriu mais uma vez: "Sim, dará com certeza uma excelente mãe."

Depois de me separar de Sachiko retomei o meu caminho pela encosta abaixo e atravessei a zona habitacional. Encontrei-me rapidamente nas traseiras do nosso prédio, frente à extensão de terra devastada. Não vi sinais da menininha e estava prestes a entrar no prédio quando vislumbrei um certo movimento para os lados da margem do rio. Mariko devia ter andado a rastejar já há um bocado, pois agora via distintamente a sua figurinha movendo-se ao longo do terreno enlameado. Senti primeiro um impulso de esquecer aquilo tudo e regressar às tarefas domésticas. Contudo, passado um bocado comecei a caminhar em direção a ela, tentando evitar as valas.

Tanto quanto me lembro, foi essa a primeira ocasião em que falei a Mariko. Muito provavelmente, não havia nada de tão extraordinário no seu comportamento essa manhã, visto que eu era, afinal, uma estranha para a criança e ela tinha todo o direito de me olhar com desconfiança. E se de fato experimentei uma curiosa

sensação de mal-estar nesse momento, esse foi, provavelmente, apenas uma simples reação à atitude de Mariko.



Nessa manhã o rio ainda estava bem alto, deslizando velozmente depois da estação das chuvas algumas semanas antes. O terreno inclinava-se abruptamente antes de atingir o nível da água, e a lama no fundo da ladeira onde se encontrava a menininha estava nitidamente mais úmida. Mariko trazia um vestido simples de algodão, que lhe dava pelos joelhos, e o cabelo curto dava ao seu rosto um ar arrapazado. Levantou os olhos para o alto da ladeira enlameada onde eu estava, mas não sorriu.

"Olá", disse eu. "Estive agora mesmo com tua mãe. Deves ser a Mariko-San."

A menininha continuou a fitar-me em silêncio. Verificava agora que aquilo que eu antes julgara ser uma ferida na sua face, era afinal uma mancha de lama.

"Não deverias estar na escola?", perguntei.

Permaneceu silenciosa por uns momentos. Depois disse: "Eu não ando na escola."

"Mas todas as crianças devem ir à escola. Não gostas de ir à escola?"

"Eu não vou à escola."

"Mas tua mãe não te mandou para uma escola daqui?"

Mariko não respondeu. Em vez disso deu um passo para se afastar de mim.

"Cuidado", avisei. "Ainda caís na água. É muito escorregadio."

Continuou a fitar-me do fundo da ladeira. Tinha os sapatinhos a seu lado, no chão lamacento. Os pés nus estavam, tal como os sapatos, cobertos de lama.

"Acabei ainda há pouco de conversar com tua mãe, disse, sorrindo de um modo tranquilizador. "Ela disse que era ótimo se esperasses por ela em minha casa. É ali adiante, aquele edifício lá. Podias vir comigo e provar uns bolos que fiz ontem. Agrada-te a ideia, Mariko-San? E depois podias me contar tudo sobre ti."

Mariko continuava a observar-me cuidadosamente. Em seguida, sem tirar os olhos de cima de mim, agachou-se e pegou nos sapatos. De início pensei que este gesto significava que estava prestes a seguir-me. Mas depois, como continuasse a fitar-me, compreendi que segurava os sapatos para mais prontamente poder fugir.

"Não vou fazer-te mal", disse com uma risada nervosa. "Sou amiga da tua mãe."



Tanto quanto me lembro foi apenas isto que se passou entre nós nessa manhã. Eu não queria de modo algum assustar mais a criança e assim não tardei a retomar o caminho de regresso através da terra devastada. Na verdade, o comportamento da criança tinha-me perturbado um pouco; nessa época este tipo de coisas era susceptível de despertar em mim todo o tipo de apreensões em relação à maternidade. Disse a mim própria que este episódio era insignificante e que de qualquer modo nos dias que se seguiriam não faltariam oportunidades para travar amizade com a menininha. Mas na verdade só voltei a falar com Mariko uma tarde, mais ou menos quinze dias depois.

Foi nessa tarde que pela primeira vez entrei na casa de campo. O convite de Sachiko foi uma grande surpresa. Com efeito, compreendi imediatamente que ela tinha algo em mente, e os acontecimentos ulteriores provaram que não estava enganada.

A casa estava limpa e arrumada mas havia como que uma desolação sórdida em tudo aquilo; as vigas de madeira que atravessavam o tecto pareciam velhas e frágeis e sentia-se um leve cheiro a umidade por todo o lado. Na parte da frente, as principais divisões estavam escancaradas para permitir que a luz do Sol entrasse através da varanda. Apesar disso, a sombra envolvia grande parte da casa.

Mariko estava deitada no canto mais afastado da luz do Sol. Eu via qualquer coisa movendo-se ao lado dela, na penumbra, e quando me aproximei vi um grande gato enroscado em cima do tatami.

"Olá, Mariko-San", disse eu. "Não te lembras de mim?" Parou de afagar o gato e olhou para mim.

"Nós nos conhecemos no outro dia", continuei. "Não te lembras? Estavas perto do rio."

A miúda não mostrou qualquer sinal de reconhecimento. Continuou a olhar para mim por mais uns instantes, depois começou de novo a acariciar o gato. Ouvia Sachiko por detrás de mim, preparando o chá no fogão do meio da sala. Estava prestes a ir ter com ela quando Mariko subitamente disse: "Ela vai ter gatinhos."

"Ah sim? Que bom." "Queres um gatinho?"

"Isso é muito simpático da tua parte, Mariko-San. Logo se vê. Mas estou certa de que todos eles arranjarão lares simpáticos.

"Por que é que não ficas com um gatinho?", perguntou a criança. "A outra mulher disse que ficava com um."

"Veremos, Mariko-San. Que outra senhora é essa?" "É a outra mulher. A do outro lado do rio. Ela disse que ficaria com um. "Mas

não me parece que alguém viva para aqueles lados, Mariko-San. Para ali só há árvores e floresta."

"Ela disse que me levaria até acasa dela. Vive do outro lado do rio. Mas não fui com ela."

Olhei para a miúda por um instante. Em seguida fez-se luz no meu espírito e ri.

"Mas era eu, Mariko-San. Não te lembras? Convidei-te para ires para minha casa enquanto a tua mãe estava fora, na cidade."

Mariko levantou os olhos mais uma vez. "Não foste tu", disse. "Foi a outra mulher. A mulher que mora do lado de lá do rio. Ela esteve aqui a noite passada. Enquanto a mãe estava fora."

"Ontem à noite? Enquanto a tua mãe estava fora?" "Ela disse que me levaria para casa dela, mas eu não fui. Porque estava escuro. Ela disse que podíamos levar a lanterna" e apontou para uma lanterna pendurada na parede — "mas não fui com ela. Porque estava escuro."

Sachiko estava atrás de mim. Tinha-se levantado e olhava para a filha. Mariko calou-se, depois virou-nos as costas e começou uma vez mais a afagar o gato.

"Vamos lá para fora, para a varanda", disse-me Sachiko. Segurava num tabuleiro com os apetrechos para o chá. "Lá fora está mais fresco."

Assim fizemos, deixando Mariko no seu canto. Da varanda não se avistava o rio, mas eu conseguia ver o lugar onde o terreno fazia um grande declive e a lama se tornava mais úmida à medida que se aproximava da água. Sachiko sentou-se numa almofada e começou a servir o chá.

"Há gatos vadios por todo o lado", disse ela. "Eu não estou assim tão optimista em relação ao futuro desses gatinhos."

"Sim, há tantos gatos vadios", disse eu. "É uma vergonha. Mariko encontrou o gato dela por aqui?"

"Não, trouxeamos essa criatura conosco. Eu preferia tê-la deixado, mas Mariko nem queria ouvir falar nisso."

"Trouxeram-na de Tóquio?"

"Oh, não. Já estamos a viver em Nagasaki há quase um ano. Vivíamos na outra parte da cidade."

"Ah, sim? Não sabia. Moravam lá com... amigos?"

Sachiko parou de pôr o chá e olhou para mim, segurando o bule com as duas mãos. Vi no seu olhar fixo laivos daquela expressão divertida com que já me observara numa ocasião anterior.

"Receio que não tenha acertado, Etsuko", disse, passado um tempo. Depois recomeçou a servir o chá. "Nós estávamos em casa do meu tio."

"Garanto-lhe que estava apenas ..."

"Sim, é claro. Então não precisa ficar embaraçada, não é?"

Riu e passou-me a xícara de chá. "Desculpe, Etsuko, não queria arrelia-la. De fato, até tenho uma coisa para lhe pedir. Um pequeno favor." Sachiko começou a servir o chá na sua própria xícara e à medida que o fazia o seu rosto adquiria uma expressão mais séria. Depois pousou o bule e olhou para mim. "Sabe, Etsuko, certos planos não resultaram como eu tinha previsto. Em consequência disso preciso de dinheiro. Não muito, compreende. Apenas uma pequena quantia."

"Percebo perfeitamente", disse eu, baixando a voz. "Deve ser muito difícil para si, com a Mariko-San para cuidar."

"Etsuko, posso-lhe pedir um favor?"

Fiz um sinal de assentimento. Tenho algumas economias", disse eu quase num murmúrio. "Terei todo gosto em ajudá-la."

Para minha surpresa, Sachiko desatou a rir ruidosamente. "É muito amável", disse. "Mas na verdade não quero que me empreste dinheiro. Tenho outra coisa em mente. No outro dia você mencionou algo que me poderia interessar. Uma amiga sua que tem um restaurante."

"Refere-se à Senhora Fujiwara?"

"Você disse que ela talvez precise de uma empregada. Um emprego desse tipo fazia-me jeito."

"Bem", disse eu com pouca convicção, "posso informar-me, se quiser."

"Isso seria muito gentil da sua parte." Sachiko observou-me durante alguns momentos. "Mas você parece muito indecisa quanto a isso."

"De modo nenhum. Pergunto-lhe da próxima vez que a vir. Mas estava a pensar numa coisa" — baixei de novo a voz. "Quem tomará conta da sua filha durante o dia?"

"Mariko? Ela pode ajudar na loja. É perfeitamente capaz de se tornar útil."

"Acredito que sim. Mas, sabe, não sei o que a Senhora Fujiwara pensará a esse respeito. Afinal, Mariko devia estar na escola durante o dia."

"Garanto-lhe, Etsuko, Mariko não causará o mínimo problema. Além disso as aulas acabam na próxima semana. Farei tudo para que ela não atrapalhe. Pode ter certeza disso."

Fiz de novo um sinal de assentimento. "Da próxima vez que a encontrar, pergunto-lhe."

"Fico-lhe muito grata." Sachiko tomou um pequeno gole de chá. "Na verdade, gostaria até de pedir-lhe para falar com a sua amiga nos próximos dias."

"Tentarei."

"É muito amável."

Por momentos permanecemos em silêncio. O bule de Sachiko já anteriormente tinha atraído a minha atenção; tratava-se de uma delicada peça de arte, feita de porcelana clara. A xícara que neste momento tinha nas mãos era do mesmo delicado material. Enquanto estávamos sentadas a beber o chá, mais uma vez fui tomada de surpresa pelo estranho contraste entre o serviço de chá e o aspecto

sórdido da casa e do terreno lamacento sob a varanda. Quando levantei os olhos vi que Sachiko estivera a observar-me.

"Estou habituada a loiça de qualidade, Etsuko", disse ela. "Sabe, nem sempre tenho vivido do modo que..." — e apontou para a casa — "deste modo. É claro que não me importo com um certo desconforto. Mas em relação a certas coisas sou muito esquisita."

Fiz um sinal de cabeça, mas permaneci silenciosa. Sachiko começara a examinar a sua xícara de chá. Continuou a observá-la, fazendo-a rodar cuidadosamente nas mãos. Depois disse repentinamente: "Suponho que se pode dizer que roubei este serviço de chá. Contudo, não me parece que o meu tio vá sentir muito a sua falta."

Olhei para ela algo surpreendida. Sachiko pousou a xícara à sua frente e com a mão afastou algumas moscas.

"Disse que vivia em casa do seu tio?", perguntei. Ela inclinou a cabeça lentamente, em sinal de assentimento. "Numa casa belíssima. Com um pequeno lago no jardim. Muito diferente disto que me rodeia agora."

Por momentos, olhamos ambas o interior da casa. Mariko continuava no seu canto, tal como a havíamos deixado, de costas voltadas para nós. Parecia estar a falar suavemente com o gato.

"Não sabia", disse eu, depois de nenhuma de nós ter falado durante algum tempo, "que alguém vivia do outro lado do rio."

Sachiko voltou-se e olhou para as árvores na outra margem. "Não, nunca vi ninguém lá."

"Mas então a sua baby-sitter? Mariko disse que ela morava lá."

"Eu não tenho baby-sitter, Etsuko. Não conheço ninguém aqui."

"Mariko falou-me de uma senhora."

"Por favor, não faça caso."

"Quer dizer que ela inventou tudo?"

Por um breve instante Sachiko pareceu refletir sobre qualquer coisa. Em seguida, disse: "Sim. Ela inventou tudo."

"Bem, suponho que as crianças costumam fazer esse tipo de coisas."

Sachiko anuiu. "Quando for mãe, Etsuko", disse sorrindo, "vai ter de se habituar a isso."

Depois passamos para outros assuntos. Eram os primeiros tempos da nossa amizade e conversamos principalmente de trivialidades. Foi só numa manhã, algumas semanas depois, que de novo ouvi Mariko mencionar uma mulher que a tinha abordado.

II



Naqueles tempos, o regresso ao bairro de Nakagawa ainda me causava emoções desencontradas de tristeza e prazer. É uma zona de colinas e a subida por aquelas ruas estreitas e íngremes, por entre os aglomerados de casas, enchia-me sempre de uma profunda sensação de perda. Embora não fosse um lugar que visitasse movida por um impulso accidental, não conseguia manter-me afastada por muito tempo.

A visita à Senhora Fujiwara provocou em mim quase a mesma mistura de sentimentos, pois ela fora uma das amigas mais íntimas da minha mãe; era uma mulher amável, cujo cabelo começava já a ficar grisalho. O seu restaurante ficava numa rua secundária muito movimentada; tinha um átrio de concreto sobre o qual o telhado se estendia, e era aí que os clientes comiam, nas mesas e bancos de madeira. Fazia muito negócio com os empregados de escritório durante a hora de almoço e depois quando regressavam a casa, mas no resto do dia a clientela rareava.

Sentia-me um pouco inquieta nessa tarde, pois era a primeira vez que lá ia desde que Sachiko começara a trabalhar na loja. Preocupava-me com ambas as partes, especialmente por não ter certeza se a Senhora Fujiwara desejara realmente uma empregada. Estava um dia quente e a ruazinha fervilhava de gente. Fiquei contente por ir para a sombra.

A Senhora Fujiwara ficou contente por me ver. Fez-me sentar numa mesa, depois foi buscar chá. Havia poucos clientes nessa tarde — talvez nem houvesse nenhuns, não me recordo — e não via sinais de Sachiko. Quando a Senhora Fujiwara voltou, perguntei-lhe: "Que tal se está a dar a minha amiga? Tem dado conta do recado?"

"A sua amiga?" A Senhora Fujiwara olhou por cima do ombro em direção à porta da cozinha. "Estava descascando camarões. Deve estar quase acabando." Em seguida, como se tivesse pensado melhor no assunto, levantou-se e aproximou-se da entrada da cozinha. "Sachiko-San", chamou, "está cá a Etsuko." Ouvi uma voz responder lá de dentro.

Quando se voltou a sentar, a Senhora Fujiwara estendeu a mão e tocou-me no estômago. "Começa a notar-se", disse. "A partir de agora tem de ter muito cuidado."

"De qualquer modo não faço grandes esforços", disse eu. "Levo uma vida muito calma."

"Isso é ótimo. Lembro-me que da minha primeira vez houve um tremor de terra, e dos grandes. Estava grávida do Kazuo nessa altura. Contudo, ele saiu perfeitamente saudável. Tente não se preocupar demasiado, Etsuko."

"Sim, eu tento." Lancei uma olhadela para a porta da cozinha. "A minha amiga está a dar-se bem por cá?"

A Senhora Fujiwara seguiu o meu olhar. Depois virou-se de novo para mim e disse: "Acho que sim. Vocês são boas amigas, não são?"

"Sim. Não fiz muitos amigos no lugar onde vivo. Fiquei contente por ter conhecido Sachiko."

"Sim, foi sorte." Ficou ali sentada observando-me durante vários segundos. "Etsuko, você hoje parece muito cansada."

"Sim, tem razão." Ri um pouco. "Suponho que é mais que natural."

"Sim, claro." A Senhora Fujiwara continuava a perscrutar-me o rosto.

"Mas o que eu quis dizer foi que a Etsuko parece um pouco infeliz."

"Infeliz? Mas infeliz é que eu não me sinto. Estou apenas um pouco cansada, mas fora isso, nunca me senti mais feliz."

"Ainda bem. Nesta fase só deve pensar em coisas felizes. A criança. E o futuro."

"Sim, é o que farei. Pensar na criança anima-me." "Ótimo." Acenou afirmativamente com a cabeça, não deixando de me fitar. "A sua atitude vai ser determinante. Uma mãe pode tomar todos os cuidados físicos que quiser, mas para criar uma criança precisa de ter uma atitude positiva."

"Bem, eu estou realmente ansiosa para que a criança nasça", disse eu, dando uma risada. Ouvi um ruído que me fez de novo olhar em direção à cozinha, mas ainda não havia sinais de Sachiko.

"Há uma jovem mulher que eu vejo todas as semanas", continuou a Senhora Fujiwara. "Deve ir no sexto ou sétimo mês de gravidez. Vejo-a todas as vezes que vou ao cemitério. Nunca falei com ela, mas parece tão triste, ali em pé ao lado do marido. É uma vergonha, uma garota grávida e o marido passarem os domingos a pensar nos mortos. Sei que eles querem mostrar o seu respeito, mas ainda assim acho que é uma vergonha. Deviam era pensar no futuro."

"Suponho que deve ser difícil para ela esquecer." "Sim, suponho que sim. Tenho pena dela. Mas eles deviam pensar no futuro. Ir ao cemitério todas as semanas não é a melhor maneira de trazer uma criança ao mundo."

"Talvez não seja."

"Cemitérios não são lugares para jovens. Às vezes Kazuo vai comigo, mas nunca insisto. Já é tempo de ele começar também a pensar no futuro."

"Como é que está Kazuo?", perguntei. "O seu trabalho vai bem? "Sim, vai muito bem. Está a contar ser promovido no próximo mês. Mas precisa de pensar noutras coisas. Não vai permanecer sempre jovem."

Nesse preciso momento uma figurinha que avistei lá fora ao sol, no meio do fluxo de transeuntes, chamou-me a atenção.

"Não é a Mariko?", disse eu.

A Senhora Fujiwara voltou-se. "Mariko-San", chamou. "Onde é que tens estado?"

Mariko continuou lá fora na rua por mais alguns momentos.

Depois penetrou na sombra do átrio, passou por nós e veio sentar-se numa mesa desocupada ali ao pé.

A Senhora Fujiwara mirou a menininha, depois lançou-me um olhar apreensivo. Parecia prestes a dizer qualquer coisa, mas depois levantou-se e aproximou-se da garota.

"Mariko-San, onde é que tens estado?" A Senhora Fujiwara baixara a voz, mas ainda conseguia ouvi-la. "Não deves desaparecer assim. A tua mãe está muito zangada contigo."

Mariko examinava os dedos com toda a atenção. Não levantou os olhos para a Senhora Fujiwara.

"E por favor, Mariko-San, nunca mais voltes a falar com os clientes desse modo. Não sabes que isso é muito indelicado? A tua mãe está muito zangada contigo."

Mariko continuou entretida a observar as mãos. Sachiko apareceu por detrás dela, à entrada da cozinha. Lembro-me de que ao ver Sachiko nessa manhã, novamente me assaltou a ideia de que ela era na verdade mais velha que de início supusera; com o longo cabelo escondido sob um lenço, a pele cansada à volta dos olhos e da boca parecia mais vincada.

"Aqui está a tua mãe", disse a Senhora Fujiwara. "Parece-me que ela está muito zangada contigo."

A garota continuava sentada de costas voltadas para a mãe. Sachiko lançou-lhe uma olhadela rápida, depois virou-se para mim com um sorriso.

"Como vai, Etsuko", disse, saudando-me graciosamente. "Que surpresa agradável vê-la por aqui."

No outro extremo do hall duas mulheres em roupas de escritório acabavam de se sentar numa mesa. A Senhora Fujiwara acenou-lhes, em seguida virou-se de novo para Mariko.

"Por que é que não vais um bocadinho até a cozinha?", disse em voz baixa. "A tua mãe ensina-te o que tens de fazer. É muito fácil. Estou certa que uma garota esperta como tu dava conta do recado muito bem."

Mariko não mostrou qualquer sinal de ter ouvido. A Senhora Fujiwara lançou uma olhadela para Sachiko e por um breve instante pareceu-me que haviam trocado um olhar frio. Depois a Senhora Fujiwara voltou-se e dirigiu-se para os seus clientes. Parecia conhecê-los, pois quando caminhava através do átrio fez-lhes uma saudação familiar.

Sachiko veio sentar-se na beira da mesa onde eu estava. "Faz tanto calor na cozinha", disse.

"Como está se dando por aqui?", perguntei.

"Como estou me dando? Bem, Etsuko, trabalhar numa loja de talharim é certamente uma experiência divertida. Devo dizer que nunca me imaginei esfregando mesas num lugar destes. Ainda assim" — deu uma risada breve — "é bem divertido."

"Estou vendo. E Mariko, está se ambientando?" Olhamos para a mesa onde Mariko estava; continuava entretida observando as mãos.

"Oh, Mariko está bem", disse Sachiko. "É claro que às vezes é bem irrequieta. Mas dadas as circunstâncias também não se poderia esperar outra coisa. É lamentável, Etsuko, mas a minha filha não parece partilhar o meu sentido de humor. Ela não acha isto aqui

assim tão divertido." Sachiko sorriu e olhou de novo para Mariko. Depois levantou-se e foi ter com ela.

Perguntou-lhe calmamente: "Aquilo que a Senhora Fujiwara me contou é verdade?"

A garota permaneceu calada.

"Ela disse que foste de novo malcriada com os clientes. É verdade?"

Mariko continuou sem dar resposta.

"É verdade o que ela me disse? Mariko, por favor responde quando falam contigo."

"A mulher apareceu outra vez", disse Mariko, "ontem à noite. Enquanto tu estiveste fora."

Sachiko olhou para a filha durante um ou dois segundos.

Depois disse: "Acho que agora deves ir para dentro. Vá lá, eu digo-te o que tens de fazer."

"Ela veio outra vez a noite passada. Disse que me levaria para casa dela."

"Vá lá, Mariko, vai para a cozinha e espera lá por mim." "Ela vai me mostrar onde mora."

"Mariko, vai para dentro."

Do outro lado do átrio a Senhora Fujiwara e as duas mulheres riam alto de qualquer coisa. Mariko continuava a olhar para a palma das mãos. Sachiko afastou-se e voltou para a minha mesa.

"Desculpe-me por um momento, Etsuko", disse. "Mas deixei qualquer coisa ao lume. Não me demoro nada." Depois acrescentou, baixando a voz: "Não se pode esperar que ela fique entusiasmada com um lugar destes, não acha?" Sorriu e dirigiu-se para a cozinha. À entrada voltou-se uma vez mais para a filha. "Vá lá, Mariko, vem para dentro."

Mariko não se mexeu. Sachiko encolheu os ombros, depois desapareceu dentro da cozinha.

Por volta dessa altura, no princípio do Verão, Ogata-San veio ver-nos, era a sua primeira visita desde que saíra de Nagasaki, no princípio desse ano. Era o pai do meu marido e parece-me agora muito estranho pensar sempre nele como "Ogata-San", mesmo sendo esse o meu próprio nome. Mas de fato tinha-o tratado por "Ogata-San" durante tanto tempo — muito antes de ter conhecido Jiro — que nunca me habituei a tratá-lo por "pai".

Havia poucas parecenças entre Ogata-San e o meu marido. Hoje, quando relembro Jiro, vejo um homem baixo e forte, de expressão austera; o meu marido era sempre muito exigente quanto à sua apresentação, e mesmo em casa andava frequentemente de camisa e gravata. Recordo-o agora tal como o vi tantas vezes, sentado no tatami da nossa sala de estar, curvado sobre o pequeno-almoço ou o jantar. Lembro-me que tinha tendência para se inclinar para a frente — de um modo não muito diferente do" de um pugilista — quer estivesse parado ou a andar. O pai, pelo contrário, sentava-se sempre muito direito, e tinha um aspecto calmo e generoso. Quando nos veio visitar nesse Verão, Ogata-San estava ainda perfeitamente bem de saúde, ostentando um físico bem constituído e a energia robusta de um homem muito mais novo.

Lembro-me da manhã em que ele mencionou Shigeo Matsuda pela primeira vez. Estava conosco já há uns dias e parecia considerar o pequeno quarto quadrado suficientemente confortável para uma estada prolongada. Estava uma manhã radiosa e estávamos os três acabando o café da manhã antes de Jiro sair para o escritório.

"Essa tua reunião da escola", disse ele a Jiro, "é hoje, não é?"

"Não, é amanhã à noite."

"Será que vais ver Shigeo Matsuda?"

"Shigeo? Duvido. Não costuma ir a estas reuniões. Lamento sair e deixá-lo aqui em casa, pai. Não me importaria de faltar, mas podem levar a mal."

"Não te preocupes. Etsuko-San vai com certeza cuidar de mim muito bem. E estas reuniões são importantes."

"Gostaria de tirar uns dias de férias", disse Jiro, "mas neste momento temos muito o que fazer. Como já disse, recebemos esta encomenda no dia em que o pai chegou. É de fato muito aborrecido."

"De modo nenhum", disse o pai de Jiro. "Compreendo perfeitamente. Não faz assim tanto tempo que eu próprio andava completamente empenhado no trabalho. Sabes, também não sou tão velho."

"Claro que não."

Durante alguns momentos comemos em silêncio. Depois Ogata-San disse:

"Portanto, não pensas encontrar Shigeo Matsuda. Mas mesmo assim, costumavas vê-lo de vez em quando?"

"Nos últimos tempos, muito raramente. Quando nos tornamos adultos enveredamos por caminhos muito diferentes."

"Sim, é isso que costuma acontecer. Cada estudante segue o seu caminho, e depois é muito difícil manter o contato com os colegas. É por isso que estas reuniões são tão importantes. Não se deviam esquecer as velhas amizades assim tão depressa. E de vez em quando é bom olhar para trás, ajuda a manter uma certa perspectiva das coisas. Sim, acho que deves mesmo ir a essa reunião amanhã."

"Talvez o pai ainda cá esteja no domingo", disse o meu marido. "Nesse caso talvez pudéssemos ir dar um passeio a qualquer lado."

"Sim, podemos fazer isso. É uma ideia esplêndida. Mas se tens trabalho para fazer, isto não tem a menor importância."

"Não, penso que posso tirar o domingo. Lamento estar tão ocupado neste momento."

"Vocês convidaram alguns dos vossos antigos professores para amanhã?", perguntou Ogata-San.

"Que eu saiba, não."

"É uma vergonha os professores não serem convidados mais vezes para estas ocasiões. Eu era convidado de vez em quando. E quando era mais novo, fazíamos sempre questão de convidar os nossos professores. Acho que é isso que é correto fazer. É uma oportunidade do professor ver o fruto do seu trabalho, e de os alunos lhe expressarem a sua gratidão. Penso que os professores deviam estar presentes."

"Sim, talvez tenha razão."

"Hoje em dia os homens esquecem facilmente aqueles a quem devem a sua educação."

"Sim, tem toda a razão."

Meu marido acabou de comer e pousou os hashi. Servi-lhe o chá.

"No outro dia passou-se uma coisa estranha", disse Ogata-San. "Em retrospectiva, suponho que é até muito divertido. Estava na biblioteca em Nagasaki e veio parar em minhas mãos um periódico — uma revista de professores. Nunca tinha ouvido falar nela e não existia no meu tempo. Ao lê-la fica-se a pensar que agora todos os professores no Japão são comunistas. "O comunismo parece estar a aumentar no país", disse o meu marido.

"O teu amigo Shigeo Matsuda escreveu nesse periódico. Imagina só a minha surpresa ao ver o meu nome mencionado no seu artigo. Não sabia que ainda era tão digno de atenção nestes últimos tempos."

"Estou certa de que o pai ainda é recordado com saudade em Nagasaki", intervim eu.

"Foi extraordinário. Ele se referia ao Dr. Endo e a mim, a nossa aposentadoria. Se bem entendi, dava a entender que a profissão só tinha ganho em se ver livre de nós. De fato, foi ao ponto de sugerir que nós devíamos ter sido demitidos no fim da guerra. É de fato extraordinário."

"Tem certeza de que é o mesmo Shigeo Matsuda?", perguntou Jiro.

"Esse mesmo. Do Liceu Kuriyama. Extraordinário. Lembro-me de quando ia a nossa casa para tocar contigo. A tua mãe estragava-o com mimos. Perguntei ao bibliotecário se poderia comprar um exemplar e ele disse que mandaria vir um para mim. Depois mostro-te."

"Isso parece-me muito desleal", disse eu.

"Fiquei tão surpreendido", disse Ogata-San, virando-se para mim. "E fui eu quem o apresentou ao reitor de Kuriyama."

Jiro acabou de beber o chá e limpou a boca no guardanapo. "É deveras lamentável. Tal como disse, há algum tempo que não vejo Shigeo. Desculpe, pai, mas tem de me dar licença agora, senão chegarei atrasado."

"É claro. Que tenhas um bom dia de trabalho."

Jiro desceu para o vestíbulo de entrada, onde começou a calçar os sapatos. Eu disse a Ogata-San: "Uma pessoa que chegou onde o pai chegou, tem de contar com algumas críticas. É muito natural."

"Evidentemente", disse ele, desatando a rir. "Não se preocupe com isso, Etsuko. Nem sequer tinha voltado a pensar no assunto. Lembrei-me disso agora, só por Jiro ir para a tal reunião. Gostava de saber se Endo leu esse artigo."

"Espero que tenha um bom dia, pai", gritou Jiro do hall de entrada.

"Vou tentar vir para casa um pouco mais cedo, se puder."
"Que ideia, não te preocupes com isso. O importante é o teu trabalho."

Nessa manhã, um pouco mais tarde, Ogata-San saiu do quarto envergando casaco e gravata.

"Vai sair, pai", perguntei eu.

"Pensei em fazer uma visita ao Dr. Endo."

"Ao Dr. Endo?"

"Sim, pensei ir ver como ele tem passado nestes últimos tempos."

"Mas não vai antes do almoço, não?"

"Acho melhor sair dentro de pouco tempo", disse ele, olhando para o relógio. "Agora, Endo vive nos arredores de Nagasaki. Terei de ir de comboio."

"Então deixe-me arranjar-lhe uma merenda para levar. É um instante."

"Obrigado, Etsuko. Nesse caso espero mais uns minutos. Na verdade estava à espera que se oferecesse para me arranjar o almoço."

"Então deveria ter pedido", disse eu, levantando-me. "Nem sempre se consegue o que se quer, dando-o apenas a entender desse modo, pai."

"Mas sabia que ia perceber o que eu queria, Etsuko. Tenho confiança em si."

Fui até a cozinha, calcei as sandálias e caminhei até o chão de ladrilho. Alguns minutos depois alguém afastou o biombo e Ogata-San apareceu na entrada. Sentou-se ali a ver-me trabalhar.

"O que é que me está a preparar?"

"Nada de especial. Apenas uns restos de ontem à noite. Assim em cima da hora, não merece melhor."

"E, contudo, tenho certeza de que vai conseguir transformar isso em algo muito apetitoso. O que é que está a fazer com esse ovo? Isso não é uma sobra, não?"

"Estou fazendo uma omelete. Tem muita sorte, pai, por eu estar com um espírito tão generoso."

"Uma omelete. Tem de me ensinar a fazer isso. É difícil?"

"Extremamente difícil. É inútil tentar aprender nesta fase."

"Mas eu gosto de aprender. E o que é que quer dizer com nesta fase? Ainda sou suficientemente jovem para aprender muitas

coisas novas."

"Está realmente pensando em se tornar cozinheiro, pai? "

"Não é caso para gozação. Com o passar dos anos aprendi a dar mais valor à culinária. Estou convencido de que é uma arte tão nobre quanto a pintura ou a poesia. Não é devidamente apreciada, simplesmente porque o produto desaparece muito depressa."

"Continue a pintar, pai. É muito melhor nisso que cozinando."

"Pintar." Suspirou. "Já não me dá a satisfação que dava. Não, acho que devia aprender a fazer omeletes tão bem como a Etsuko. Tem de me ensinar antes de eu voltar para Fukuoka."

"Deixava de considerar a culinária uma arte logo que aprendesse os seus segredos. Talvez as mulheres devessem manter estas coisas secretas."

Riu, como para si próprio, depois continuou calmamente a observar-me.

Passado um tempo perguntou: "O que é que prefere, Etsuko? Um rapaz ou uma garota?"

"Na realidade não tenho preferência. Se for um rapaz podemos dar-lhe o seu nome."

"A sério? Isso é uma promessa?"

"Pensando melhor, não sei. Estava-me a esquecer de qual era o seu primeiro nome. Seiji — é um nome muito feio."

"Mas isso é só porque me acha feio, Etsuko. Lembro-me de uma turma ter decidido que eu, definitivamente, parecia um hipopótamo. Mas uma pessoa não devia se deixar impressionar assim pelo aspecto exterior."

"Isso é verdade. Bem, teremos de ver o que pensa Jiro."

"Sim."

"Mas gostaria que o meu filho tivesse o seu nome, pai."

"Isso me faria muito feliz."

Sorriu e fez uma pequena reverência. "Por outro lado sei como é irritante quando os parentes insistem em querer que as crianças tenham seu nome. Lembro-me de quando eu e minha mulher discutimos por causa do nome a dar a Jiro. Eu queria dar-lhe o nome de um tio meu, mas a minha mulher não gostava do costume de dar o nome dos familiares às crianças. É claro que ela acabou por ganhar. Era muito difícil fazer Keiko ceder."

"Keiko é um nome bonito. Se for uma garota, talvez lhe possamos chamar Keiko."

"Não devia fazer promessas dessas tão precipitadamente. Se depois não as cumprir, vai deixar um velhote muito desapontado."

"Desculpe, estava apenas a pensar alto."

"E além disso, Etsuko, tenho certeza que há outros nomes que preferia dar à criança. Nomes que significam mais para si."

"Talvez. Mas se for um rapaz, quero que tenha o seu nome. Em tempos foi como um pai para mim."

"E já não sou como um pai para si?"

"É claro que sim. Mas é diferente."

"Espero que Jiro seja um bom marido."

"Claro que sim. Não poderia ser mais feliz."

"E a criança vai fazê-la feliz."

"Sim. Não podia ter acontecido em melhor altura. Agora já estamos aqui instalados e o trabalho de Jiro vai bem. Foi o momento ideal para isto acontecer."

"Portanto, está feliz."

"Sim, estou muito feliz."

"Ainda bem. Fico feliz pelos dois."

"Aqui tem tudo pronto para levar." Estendi-lhe a lancheira de madeira envernizada.

"Ah, sim, os restos", disse ele, pegando nela com uma reverência dramática. Levantou um pouco a tampa. "Contudo, parece delicioso."

Quando pouco depois voltei à sala de estar, Ogata-San estava no vestíbulo de entrada a calçar os sapatos.

"Diga-me, Etsuko", disse ele, não levantando os olhos dos atacadores. "Já alguma vez viu este Shigeo Matsuda?"

"Uma ou duas vezes. Ele costumava visitar-nos depois do casamento."

"Mas ultimamente ele e Jiro já não são assim tão íntimos?"
"Não, de modo nenhum. Trocamos cartões de felicitações, e é tudo."

"Vou sugerir a Jiro que escreva ao seu amigo. Shigeo deve apresentar desculpas, senão terei de insistir com Jiro para que se dissocie desse jovem."

"Compreendo."

"Pensei em sugerir mais cedo, quando estávamos conversando no café. Mas depois pensei que era melhor deixar uma conversa desse tipo para a noite."

"Provavelmente tem razão."

Antes de sair, Ogata-San agradeceu uma vez mais pelo lanche.

Afinal não abordou o assunto nessa noite. Quando chegaram a casa pareciam ambos cansados e passaram a maior parte da noite a ler jornais; quase não falaram. E só uma vez Ogata-San mencionou o Dr. Endo. Foi durante o jantar e disse apenas: "Endo parecia estar bem. Contudo, sente a falta do trabalho. Afinal, era para isso que ele vivia."

Nessa noite, já na cama antes de adormecer, disse para Jiro: "Espero que o pai esteja satisfeito com o nosso acolhimento."

"Que outra coisa poderia ele esperar?", disse o meu marido.
"Se estás tão preocupada, por que não o levas a algum lado? ",

"Vais trabalhar no sábado à tarde?"

"Como é que me posso dar ao luxo de não ir? Neste momento tenho muito trabalho em atraso. Acontece que ele escolheu uma altura péssima para me visitar. Não podia ser pior."

"Mas de qualquer modo podíamos dar uma volta no domingo, não podíamos?"

Parece-me que não obtive resposta, embora tivesse continuado à espera, fitando o vácuo na escuridão do quarto. Depois de um dia de trabalho, Jiro estava quase sempre muito cansado e sem disposição para conversar.

Em todo o caso, parece que me estava a preocupar com Ogata-San sem motivo, pois nesse Verão a sua estada entre nós foi uma das mais longas. Recordo-me que ele ainda estava conosco naquela noite em que Sachiko bateu à porta do nosso apartamento.

Trazia um vestido que nunca vira antes e um xaile envolvia-lhe os ombros. O seu rosto fora cuidadosamente maquilhado, mas uma fina madeixa de cabelo desprendera-se e viera colocar-se na sua face.

"Desculpe vir incomodá-la, Etsuko", disse ela sorrindo." Pensei que Mariko talvez estivesse aqui."

"Mariko? Não; não está."

"Bem, não tem importância. De qualquer modo não a viu por aí? "Infelizmente, não. Não sabe dela?"

"Não é preciso fazer essa cara", disse ela, dando uma risada. "É que ela não estava em casa quando cheguei, é só isso. De certeza que não tardo a encontrá-la."

Estávamos a conversar à entrada e apercebi-me que Jiro e Ogata-San nos observavam. Apresentei-lhes Sachiko, e todos se cumprimentaram.

"Isso é inquietante", disse Ogata-San. "Talvez seja melhor telefonar imediatamente para a polícia."

"Não há necessidade disso", disse Sachiko. "Estou certa de que vou encontrá-la."

"Em todo caso talvez seja melhor por segurança telefonar."

"Não, realmente" — o tom de voz de Sachiko revelava uma leve irritação — "não há necessidade disso. Tenho certeza de que a

encontrarei."

"Eu ajudo-a a procurá-la", disse eu, começando a vestir o casaco.

O meu marido olhou para mim com ar desaprovador. Parecia prestes a dizer qualquer coisa, mas deteve-se. Finalmente, acabou por dizer: "Já é quase noite."

"Na verdade, Etsuko", não há razão para tanta preocupação", disse Sachiko. "Mas fico muito grata se não se importar de ir até lá fora por uns momentos."

"Tenha cuidado, Etsuko", disse Ogata-San. "E telefonem à polícia se não encontrarem logo a criança."

Descemos o lanço de escadas. Lá fora fazia ainda uma temperatura cálida, e o sol, já muito baixo, espalhava os seus raios sobre os sulcos enlameados da terra devastada.

"Já procurou em volta dos prédios?", perguntei.

"Não, ainda não."

"Então vamos lá ver." Comecei a andar depressa. "Mariko tem amigos com quem possa estar?"

"Acho que não. Realmente, Etsuko" — Sachiko riu e pôs-me a mão no braço — "não é preciso ficar tão alarmada. Com certeza que não aconteceu nada. Na verdade, Etsuko, vim até aqui porque queria contar umas novidades. Sabe, finalmente está tudo decidido. Partimos para a América em poucos dias."

"América?" Talvez por causa da mão de Sachiko no meu braço, talvez por causa da surpresa em si, parei de caminhar.

"Sim, América. Sem dúvida já ouviu falar da América."

A minha perplexidade parecia agradar-lhe.

Recomecei a caminhar. O nosso bairro era uma extensão de concreto pavimentado, que aqui e ali cedia lugar a arvorezinhas de troncos ainda delgados, plantadas na construção dos prédios. Acima de nós, as luzes estavam acesas na maioria das janelas.

"Não me vai perguntar mais nada?", disse Sachiko, quando me alcançou. "Não me vai perguntar por que parto? E com quem?"

"Se era isso que queria, fico muito contente", disse eu. Mas talvez devêssemos procurar primeiro a sua filha."

"Etsuko, tem de compreender que não há nada de que eu me envergonhe. Não há nada que eu queira esconder de ninguém. Por favor, pergunte-me o que quiser, não tenho vergonha."

"Talvez seja melhor procurarmos primeiro a sua filha. Podemos conversar mais tarde."

"Muito bem, Etsuko", disse ela com uma risada. "Então vamos lá procurar Mariko primeiro."

Procuramos à volta das zonas de recreio e de cada um dos blocos de apartamentos. Em breve nos encontramos de novo no lugar onde iniciáramos as buscas. Foi então que avistei duas mulheres a conversar na entrada principal de um dos blocos de apartamentos.

"Talvez aquelas senhoras ali nos possam ajudar", disse eu. Sachiko não se mexeu. Olhou na direção das duas mulheres, depois disse: "Não creio."

"Mas talvez elas a tenham visto. Talvez tenham visto a sua filha."

Sachiko continuou a olhar para as mulheres. Em seguida deu uma risada breve e encolheu os ombros. "Muito bem", disse. "Vamos lá dar-lhes tema para mexericos. Não me ralo nada."

Aproximamo-nos e Sachiko fez as perguntas calma e delicadamente. As mulheres trocaram olhares preocupados, mas nenhuma delas vira a garota. Sachiko garantiu-lhes que não havia motivo para alarme e nos despedimos.

"Tenho certeza de que já ganharam o dia", disse Sachiko. "Agora já têm assunto de conversa."

"Estou certa de que elas não estavam com quaisquer pensamentos maliciosos. Pareciam as duas realmente preocupadas."

"É muito amável, Etsuko, mas realmente não precisa de me tentar convencer disso. Sabe, nunca me preocupei com o que pessoas desse tipo pensavam, e agora ainda me importo menos."

Paramos de caminhar. Olhei à minha volta, depois ergui o olhar para as janelas dos apartamentos. "Em que outro lugar poderá ela estar?", disse.

"Sabe, Etsuko, não há nada de que eu me envergonhe. Não há nada que eu queira esconder. Ou dessas mulheres, aliás."

Acha que devíamos procurar perto do rio?"

"Ao pé do rio? Oh, já procurei por esses lados." "E na outra margem? Talvez esteja na outra margem."

"Duvido, Etsuko. Na verdade e se conheço a minha filha, neste momento ela já deve ter voltado para casa. Provavelmente muito satisfeita consigo mesma por ter causado todo este rebuliço."

"Bem, então vamos lá ver."

Quando chegamos perto da extensão de terra devastada, o Sol desaparecia por detrás do rio, realçando o contorno dos salgueiros ao longo da margem.

"Não é necessário vir comigo", disse Sachiko. "Não devo demorar a encontrá-la."

"Não há problema. Eu vou."

"Então, muito bem. Venha."

Começamos a caminhar em direção à casa de Sachiko. Eu calçava sandálias e era difícil andar naquele terreno irregular.

"Quanto tempo estive fora de casa?", perguntei. Sachiko ia um passo ou dois à minha frente: não respondeu logo, e pensei que talvez não tivesse ouvido. "Quanto tempo estive fora de casa?", repeti.

"Ah, pouco tempo."

"Mas quanto tempo? Meia-hora? Mais?"

"Cerca de três ou quatro horas, suponho."

"Ah, sei."

Continuamos a caminhar através do terreno lamacento, tentando evitar as poças. Quando nos aproximamos da casa, disse: "Talvez fosse melhor irmos ver do outro lado, só por prevenção."

"No bosque? A minha filha não iria lá. Vamos ver dentro de casa. Não é caso para ficar tão preocupada, Etsuko." Riu outra vez, mas pareceu-me que ao fazê-lo a sua voz tremeu um pouco.

"Como não havia eletricidade, a casa estava envolta em escuridão. Esperei à entrada, enquanto Sachiko caminhou até o tatami. Chamou pela filha e desviou os biombos que separavam as duas divisões mais pequenas da principal. Fiquei ali parada, ouvindo-a mover-se no meio da escuridão, depois voltou para a entrada.

"Talvez tenha razão", disse ela. "É melhor irmos ver na outra margem."

Ao longo do rio, o ar estava cheio de insectos. Caminhávamos em silêncio, em direção à pequena ponte de madeira mais abaixo. Na margem oposta encontrava-se o bosque que Sachiko mencionara.

Quando íamos atravessando a ponte, Sachiko virou-se para mim e disse rapidamente: "Acabamos por ir a um bar. Éramos para ir ao cinema, ver um filme com Gary Cooper, mas havia uma fila muito longa. A cidade estava apinhada de gente e viam-se muitas pessoas embriagadas. Acabamos por ir a um bar e nos arranjam um cantinho para sentar."

"Compreendo."

"Suponho que não costuma ir a bares, não é, Etsuko?"

"Não, não costumo."

Era a primeira vez que eu atravessava para a parte mais longínqua do rio. Sentia a terra macia sob os meus pés, quase pantanosa. Talvez fosse apenas devido à minha imaginação que sentia o toque frio da inquietação ao percorrer aquela margem, uma sensação não muito diferente da premonição, que me fez caminhar

com ímpeto renovado para a escuridão das árvores que se estendiam à nossa frente.

Sachiko fez-me parar, agarrando-me no braço. Segui seu olhar e vi que um pouco mais à frente, na margem do rio, algo semelhante a uma trilha jazia na relva, muito perto da beira da água. Era de um tom um pouco mais escuro do que o terreno em volta, mas as trevas que nos cercavam não permitiam distinguir mais nada. O meu primeiro impulso foi correr na sua direção, mas foi então que percebi que Sachiko permanecia imóvel, de olhar fixo no objeto.

"O que há?", disse eu, estupidamente.

"É Mariko", disse ela calmamente. E quando se virou para mim seus olhos tinham uma expressão estranha.

III

É possível que o decurso do tempo tenha afetado a minha memória e tornado os acontecimentos nebulosos; é possível que as coisas não tenham se passado exatamente da maneira em que hoje me ocorrem. No entanto, recordo com alguma clareza aquele misterioso feitiço que parecia nos unir enquanto permanecemos imóveis no meio da escuridão que se adensava, fitando aquele vulto lá em baixo, na margem do rio. Depois o feitiço quebrou-se e começamos ambas a correr. Quando nos aproximamos, vi Mariko deitada de lado, toda enroscada, os joelhos dobrados, de costas voltadas para nós. Sachiko chegou junto dela primeiro que eu, pois a minha gravidez fazia que avançasse mais devagar. Quando me juntei a ela, Sachiko encontrava-se de pé junto da criança. Mariko tinha os olhos abertos e a princípio pensei que estivesse morta. Mas depois vi-a mexer os olhos e fitar-nos de um modo estranhamente inexpressivo.

Sachiko ajoelhou-se e levantou a cabeça da criança. Mariko continuou a fitar-nos do mesmo modo ausente.

"Mariko-San, estás bem?", perguntei, um pouco ofegante. Ela não respondeu. Também Sachiko estava silenciosa, examinando a filha, virando-a nos seus braços como se fosse uma frágil mas insensível boneca. Reparei que a manga de Sachiko estava manchada de sangue, depois vi que vinha de Mariko.

"É melhor chamarmos alguém", disse eu.

"Não é nada de grave", disse Sachiko. "É apenas um arranhão. Veja, é apenas um pequeno corte."

Mariko estava deitada numa poça e um dos lados do vestidinho estava ensopado de água suja. O sangue vinha de uma ferida na parte interna da coxa.

"O que aconteceu?", disse Sachiko para a filha. "O que te aconteceu?"

Mariko continuou a fitar a mãe.

"Ela deve estar em estado de choque", disse eu. "Talvez seja melhor não a interrogar já."

Sachiko pôs Mariko de pé.

"Estávamos muito preocupadas contigo, Mariko-San", disse eu. A garotinha lançou-me um olhar desconfiado, depois virou-se e começou a andar. Caminhava com firmeza; a ferida na perna não parecia incomodá-la excessivamente.

Empreendemos o caminho de volta passando sobre a ponte e depois caminhando ao longo do rio. Iam as duas à minha frente, silenciosas. Quando chegamos à casa de campo já era completamente noite.

Sachiko levou Mariko para o banheiro. Acendi o fogão do centro da divisão principal para fazer chá. À parte o fogão, a sala só era iluminada por uma velha lanterna pendurada na parede e que Sachiko acendera. Assim, grande parte da sala permanecia envolta na obscuridade. Num canto, vários gatinhos pretos e minúsculos, despertados pela nossa chegada, começaram a mover-se inquietos de um lado para o outro. As suas garras, ao raspar no tatami, faziam um ruído peculiar.

Quando reapareceram, tanto a mãe como a filha envergavam quimonos. Atravessaram a sala, dirigindo-se para uma das pequenas divisões contíguas, e eu continuei à espera durante mais algum tempo. Ouvia-se o som da voz de Sachiko através do biombo.

Finalmente, Sachiko voltou à sala principal sozinha. "Ainda está muito calor", observou. Atravessou a sala e afastou os biombos que davam para a varanda.

"Como é que ela está?", perguntei.

"Está bem. O corte não tem importância nenhuma." Sachiko sentou-se a apanhar a brisa, perto dos biombos.

Vamos participar o caso à polícia?"

"À polícia?" Mas o que é que há a participar? Mariko diz que estava a subir a uma árvore e caiu. Foi assim que fez o corte.

"Portanto, ela não esteve com ninguém hoje à noite?"

"Não. Com quem é que ela podia ter estado?"

"E então aquela mulher?", disse eu.

"Que mulher?"

"A mulher de que Mariko fala. Continua a pensar que ela é imaginária?"

Sachiko suspirou. "Não é inteiramente imaginária, suponho", disse. "É apenas alguém que Mariko conheceu. Há muito tempo, quando ela era muito mais pequena."

"Mas acha que essa mulher poderia ter estado aqui hoje?"

Sachiko deu uma risada. "Não, Etsuko, isso é completamente impossível. De qualquer modo, essa mulher está morta. Acredite, Etsuko, tudo isso sobre a tal mulher não passa de um pequeno jogo que Mariko gosta de jogar quando se quer armar em difícil. Já me habituei a estes jogos dela."

"Mas por que havia ela de inventar histórias destas?"

"Por quê?"

Sachiko encolheu os ombros. "Porque é o que as crianças gostam de fazer. Quando for mãe, Etsuko, vai ter de se habituar a estas coisas."

"Tem certeza que ela não esteve com ninguém hoje à noite?"

"A certeza absoluta. Conheço muito bem a minha filha." Durante alguns momentos ficamos silenciosas. À nossa volta os mosquitos zumbiam no ar. Sachiko bocejou, cobrindo a boca com a mão.

"Portanto, compreende, Etsuko", disse, "vou deixar o Japão dentro de muito pouco tempo. Você não parece muito

impressionada com isso."

"É claro que sim. E fico muito contente, se é isso que deseja. Mas não irão surgir dificuldades de todo o gênero?"

"Dificuldades?"

"Quer dizer, ir viver para um país diferente, com uma língua diferente e hábitos estranhos para nós."

"Compreendo a sua preocupação, Etsuko. Mas na verdade não me parece que tenha muito com que me preocupar. Sabe, já ouvi tanta coisa sobre a América que não será um país inteiramente estranho para mim. E quanto à língua, já a falo razoavelmente. Eu e Frank-San falamos sempre em inglês. Depois de estar uns tempos na América passo a falar como uma americana. Realmente não vejo motivo nenhum para me preocupar. Sei que vou me sair bem."

Fiz um sinal de cabeça, mas não disse nada. Dois dos gatinhos começaram a dirigir-se para o lugar onde Sachiko estava sentada. Observou-os por um momento, depois riu. "É claro", disse, "que às vezes tenho momentos em que me pergunto como é que tudo se irá desenrolar. Mas na verdade" — sorriu-me — "sei que vou conseguir."

"De fato", disse eu, "era em Mariko que eu estava a pensar. O que irá ser dela?"

"Mariko? Oh, ela não vai ter problemas. Sabe como são as crianças. É muito mais fácil se adaptarem a novos ambientes, não é?"

"Mas de qualquer modo não deixa de ser uma enorme reviravolta na vida dela. Será que ela está preparada para uma coisa dessas?"

Sachiko suspirou com impaciência. "Realmente, Etsuko, pensa que eu não considere todos estes aspectos? Acha que eu me decidi a abandonar o país sem ter primeiro pensado cuidadosamente no bem-estar da minha filha?"

"É claro", disse eu, "que estudou o assunto cuidadosamente."
"O bem-estar da minha filha é da maior importância para mim,

Etsuko. Eu não seria capaz de tomar qualquer decisão que pusesse em risco o seu futuro. Pensei maduramente no assunto e discuti-o com Frank. Garanto-lhe que Mariko ficará bem. Não haverá problemas."

"Mas o que vai ser da sua educação?"

De novo Sachiko riu. "Etsuko, eu não vou partir para a selva. Existem escolas na América. E tem de ver que a minha filha é uma criança muito inteligente. O pai era um homem instruído, e do meu lado também existiam familiares do mais alto nível. Não deve supor, Etsuko, só porque a conheceu nestas... nas circunstâncias atuais, que ela é filha de camponeses."

"Claro que não. Nem por um momento."

"Ela é uma criança muito inteligente. Não a viu como ela realmente é, Etsuko. Neste ambiente é natural que uma criança se mostre por vezes um pouco desagradável. Mas se a tivesse conhecido quando estávamos em casa do meu tio, teria visto então as suas verdadeiras qualidades. Se um adulto lhe dirigia a palavra, respondia-lhe com clareza e inteligência, nada de desatar às risadinhas e de se retrair timidamente como a maioria das crianças. E é claro que não me pregava as partidas que prega agora."

Frequentava a escola e travou amizade com crianças do melhor nível. Tinha um explicador particular, que a elogiava muito. Foi espantoso como conseguiu rapidamente apanhar os outros alunos."

"Apanhar os outros?"

"Bem" — Sachiko encolheu os ombros — "infelizmente a educação de Mariko teve de ser interrompida de vez em quando. Tudo isso junto, e o fato de andarmos sempre de um lado para o outro. Mas esses foram tempos difíceis por que nós passamos, Etsuko. Se não fosse a guerra, se o meu marido ainda estivesse vivo, então Mariko teria tido a educação adequada a uma família da nossa posição."

"Sim", disse eu, "é verdade."

Talvez Sachiko se tenha apercebido de qualquer coisa no meu tom de voz; levantou os olhos para mim e fitou-me. Quando voltou a falar a sua voz tornara-se mais tensa.

"Eu não tinha necessidade de sair de Tóquio, Etsuko", disse ela. "Mas fi-lo para o bem de Mariko. Vim de tão longe para casa do meu tio, porque pensei que seria melhor para a minha filha. Eu não era obrigada a fazer isso, não tinha necessidade nenhuma de deixar Tóquio."

Fiz um sinal de assentimento. Sachiko observou-me durante alguns momentos, depois voltou-se e quedou-se absorta, o olhar perdido na escuridão que chegava até nós através da varanda.

"Mas saiu de casa do seu tio", disse eu. "E agora está prestes a deixar o Japão."

Sachiko fitou-me com um olhar irritado. "Por que é que me fala assim, Etsuko? Por que é que não me deseja que tudo corra bem? Será apenas por que está com inveja?"

"Mas eu realmente desejo que tudo lhe corra bem. E garanto-lhe que eu..."

"Mariko vai dar-se bem na América, por que é que não acredita nisso? É um lugar melhor para uma criança crescer. E lá ela terá muito mais oportunidades, na América a vida é muito melhor para uma mulher."

"Garanto-lhe que me sinto feliz por si. Quanto a mim, não me poderia sentir mais feliz com o modo como as coisas estão a correr. O trabalho de Jiro vai tão bem, e agora a criança que chega mesmo quando nós queríamos."

"Ela poderá vir a ser uma mulher de negócios ou até uma atriz. A América é assim, Etsuko, tudo é possível. Frank diz que também eu me poderei tornar numa mulher de negócios. Lá todas essas coisas são possíveis."

"Acredito que sim. Só que pessoalmente estou muito feliz com a minha vida aqui no Japão."

Sachiko fitou os dois gatinhos, que brincavam ao seu lado no tatami. Ficamos em silêncio durante alguns momentos.

"Tenho de voltar para casa", disse eu, passado um tempo. "Eles já devem estar a ficar preocupados comigo." Levantei-me, mas Sachiko não desviou os olhos dos gatinhos. "Quando é que parte?", perguntei.

"Nos próximos dias. Frank vem buscar-nos em seu carro, no fim da semana devemos estar a caminho, num navio."

"Então presumo que já não vá ajudar a Senhora Fujiwara por muito mais tempo."

Sachiko olhou para mim e soltou uma gargalhada de incredulidade. "Etsuko, estou prestes a partir para a América. Já não tenho necessidade de trabalhar num restaurante."

"Compreendo."

"A propósito, Etsuko, não se importa de dizer à Senhora Fujiwara o que me aconteceu? Não penso em voltar a vê-la."

"Por que não diz você mesma?"

Ela suspirou impaciente. "Etsuko, será que não compreende como foi horrível para uma pessoa como eu ter de trabalhar todos os dias num restaurante daqueles? Mas não me queixei e fiz o que tinha que fazer. Mas agora acabou, e não tenho vontade nenhuma de ver de novo aquele lugar."

Um gatinho puxava a manga do quimono de Sachiko. Ela deu-lhe um violento tapa com as costas da mão e a criaturinha fugiu correndo através do tatami. "Então, dê, por favor, os meus cumprimentos à Senhora Fujiwara", disse ela. "Assim como os meus votos de boa sorte para o seu restaurante."

"Assim farei. Agora, por favor, dê-me licença, tenho de ir embora."

Sachiko levantou-se e acompanhou-me até a saída.

"Venho despedir-me antes de partirmos", disse ela, quando eu calçava as sandálias.

No início parecia um sonho perfeitamente inocente; eu sonhara apenas com algo que vira no dia anterior — a garota que observáramos brincando no parque. Mas depois o sonho voltou na noite seguinte. Na verdade voltou várias vezes nos últimos meses.

Eu e Niki tínhamos observado a garota brincando no balanço na tarde em que fomos até a aldeia. Era o terceiro dia da visita de Niki e a chuva diminuía para um chuvisco. Já há vários dias que não saía de casa, e a sensação do ar fresco ao saímos para a viela caiu bem.

Niki caminhava muito depressa, fazendo ranger as apertadas botas de couro a cada passo que dava. Embora não tivesse dificuldade em acompanhar o ritmo dela, teria preferido caminhar mais devagar. Mas suponho que Niki ainda tem de aprender a apreciar o prazer de caminhar só por caminhar. Também não se mostra nada sensível ao campo, apesar de ter crescido aqui. Disse-o enquanto caminhávamos e ela replicou que este não era o verdadeiro campo, apenas uma versão residencial para satisfazer as pessoas endinheiradas que aqui viviam. Admito que tenha razão; nunca me aventurei para as zonas agrícolas do Norte de Inglaterra; onde, insiste Niki, encontrarei a verdadeira paisagem rural. Contudo, há nestas vielas uma tranquilidade e uma quietude que com o correr dos anos passei a apreciar.

Quando chegamos à aldeia levei Niki à casa de chá onde por vezes vou. A aldeia é pequena, apenas alguns hotéis e lojas; a casa de chá fica numa esquina de rua, por cima de uma padaria. Nessa tarde eu e Niki sentamos numa mesa perto da janela, e foi daí que observamos a garota a brincar no parque lá em baixo. Enquanto a observávamos, ela subia para o baloiço e gritava a chamar a atenção

de duas mulheres sentadas num banco próximo. Era uma menininha alegre e vestia um mackintosh verde e pequenas botas "Wellington"².

"Talvez te cases e tenhas crianças em breve", disse eu. "Tenho saudades de crianças pequenas."

"Não consigo me lembrar de nada que me agradasse menos" disse Niki.

"Bem, suponho que ainda sejas muito nova para isso." "Não tem nada a ver com a idade. Simplesmente não me apetece ter uma data de miúdos a gritar à minha volta."

"Não te preocupes, Niki", disse eu rindo. "Eu não estava a insistir para seres mãe já de seguida. Apenas me passou pela cabeça a ideia fantasista de ser avó, só isso. Pensei que talvez te sentisses tentada, mas é uma coisa que pode esperar. A garota, em pé no assento do baloiço, impelia as correntes com força, mas por qualquer razão não conseguia que o baloiço subisse mais alto. Mesmo assim sorria e continuava a chamar as mulheres.

"Uma amiga minha acabou de ter um bebé", disse Niki. Está muito contente. Não consigo perceber porquê. Fabricou uma coisinha horrível e gritona."

Mackintosh: impermeável feito de borracha e pano. 2: Botas Wellington: botas de cano alto, com uma aba solta na frente que se prolonga até os joelhos.

"Bem, mas pelo menos está feliz. Que idade tem a tua amiga?" "Dezanove."

"Dezanove? Ainda é mais nova do que tu. É casada?"

"Não. Que diferença é que isso faz?"

"Mas com certeza que ela não se pode sentir feliz com essa situação."

"Por que não? Só porque não é casada?"

"Sim, por isso também. E pelo fato de ter apenas dezanove anos. Não posso crer que ela se sinta feliz assim."

"Que diferença faz o fato de ser ou não casada? Ela desejava a criança, planeou tudo."

"Foi isso que ela te disse?"

"Mas, mãe, eu conheço-a, sou amiga dela. Sei que ela o desejava."

As mulheres que estavam sentadas no banco levantaram-se e uma delas chamou a garota. Esta saiu do baloiço e desatou a correr em direção às mulheres.

"E quanto ao pai?", perguntei.

"Ele também ficou contente. Lembro-me de quando eles souberam. Saímos todos para festejar."

"Mas as pessoas fingem sempre ficar radiantes. É como naquele filme que vimos ontem à noite na televisão."

"Que filme?"

"Calculo que não o estiveste a ver. Estavas a ler a tua revista."

"Ah, esse. Parecia horrível."

"E realmente era-o. Mas é isso que eu quero dizer. Tenho certeza que nunca ninguém recebe a notícia da chegada de um bebé como essas pessoas o fazem nesses filmes."

"Sinceramente, mãe, não sei como é capaz de ficar sentada a ver disparates como esse. Antigamente era raro ver televisão. Lembro-me que costumava ralhar-me por eu passar demasiado tempo frente ao televisor."

Ri. "Vês como os papéis se estão a inverter, Niki? Estou certa que tu me aconselhas bem. Tens de me impedir de desperdiçar o meu tempo assim."

Quando saímos da casa de chá e empreendemos o caminho de regresso, o céu tinha-se coberto de nuvens agourentas e os chuviscos tinham-se tornado mais intensos. Passáramos há pouco pela pequena estação de trem quando por detrás de nós uma voz chamou: "Senhora Sheringham! Senhora Sheringham!"

Voltei-me e vi uma mulher baixa envergando uma gabardina, apressando-se pela rua acima.

"Bem me pareceu que era a senhora", disse ela, ao chegar perto de nós. "E como tem passado?" Fez-me um sorriso amistoso.

"Boa tarde, Senhora Waters", disse eu. "É um prazer voltar a vê-la!"

"Parece que o tempo voltou a ficar péssimo, não foi? Olá, Keiko" — e tocou na manga de Niki — . "Não tinha visto que eras tu."

"Não", disse eu precipitadamente, "esta é a Niki." "É claro, é a Niki. Meu Deus, como está crescida. Foi por isso que as confundi. Está mesmo crescida."

"Boa tarde, Senhora Waters", disse Niki, recompondo-se. A Senhora Waters vive relativamente perto de mim. Presentemente só a vejo muito de vez em quando, mas há alguns anos atrás deu lições de piano a ambas as minhas filhas. Ensinou Keiko durante alguns anos e depois Niki durante mais ou menos um ano, quando ela ainda era pequena. Não demorei muito a perceber que a Senhora Waters era uma pianista muito limitada e a sua atitude para com a música em geral irritara-me várias vezes; por exemplo, referia-se a obras de Chopin e Tchaikovski do mesmo modo, como "melodias encantadoras". Mas era uma mulher tão afetuosa que nunca tive coragem de a substituir.

"E o que é que faz agora, querida?", perguntou ela a Niki. "Eu? Oh, vivo em Londres."

Ah, sim? E o que é que faz lá? Está a estudar?" "Na verdade não faço nada. Vivo lá, apenas." "Ah, compreendo. Mas sente-se feliz por lá, não sente? Isso é o principal, não é?"

"Sim, sou suficientemente feliz."

"Bem, realmente isso é o mais importante, não é? E quanto a Keiko?"

A Senhora Waters voltou-se para mim. "Como é que Keiko tem passado?"

"Keiko? Oh, ela foi viver para Manchester."

"Ah, sim? No geral é uma cidade agradável. Pelo menos foi o que ouvi dizer. E ela gosta de lá viver?"

"Ultimamente não tenho tido notícias dela."

"Ah, então tudo bem. As más notícias sabem-se logo. E Keiko ainda toca piano?"

"Acho que sim. Ultimamente não tenho tido notícias dela." A minha falta de entusiasmo pareceu finalmente surtir efeito e ela abandonou o assunto, dando uma risada que revelava um certo embaraço. Tal persistência da sua parte tem caracterizado os nossos encontros ao longo dos anos, desde que Keiko saiu de casa. Nem a minha evidente relutância em debater o tema Keiko, nem o fato de que até nessa tarde ter sido incapaz de lhe contar o paradeiro da minha filha tinham conseguido demovê-la. Muito provavelmente, a Senhora Waters continuará a perguntar-me jovialmente pela minha filha de cada vez que nos encontrarmos.

Quando chegamos a casa a chuva já caía fortemente:

"Suponho que a embarcei, não foi?", perguntou-me Niki. Estávamos de novo sentadas nas cadeiras de braços, olhando lá para fora, para o jardim.

"Por que é que supões isso?", disse eu.

"Eu dever-lhe-ia ter dito que estava a pensar ir para a universidade ou qualquer coisa do género."

"Não me importo de modo algum com aquilo que dizes a teu respeito. Não tenho vergonha de ti."

"Não, suponho que não."

"Mas de fato pensei que foste muito pouco delicada com ela. Na verdade, nunca gostaste muito dessa mulher, não?"

"Da Senhora Waters? Bem, eu odiava aquelas lições que ela me dava. Eram uma chatice completa. Eu costumava "desligar" e

começar a sonhar acordada, mas de vez em quando ouvia de novo aquela vozinha dizendo-me para pôr o dedo aqui ou ali. Foi sua a ideia de arranjar-me lições de piano?"

"Sim, a ideia foi essencialmente minha. Sabes, em tempos fiz grandes planos para ti."

Niki riu. "Lamento ser este fracasso. Mas a culpa é toda sua. Eu não tenho nenhum sentido musical. Há lá em casa uma garota que toca guitarra e que me tentou ensinar algumas cordas. Mas eu nem estive para me dar ao trabalho de as aprender. Acho que a Senhora Waters me tirou o gosto pela música para o resto da vida."

"Talvez um dia voltes para a música e aí vais gostar de ter tido lições."

"Mas eu esqueci tudo o que aprendi."

"Duvido que tenhas esquecido tudo. Nada que se aprenda nessa idade se perde totalmente."

"Foi uma perda de tempo, de qualquer modo", resmungou Niki. Durante algum tempo ficou-se olhando lá para fora. Depois virou-se para mim e disse: "Suponho que deve ser muito difícil contar às pessoas. Sobre Keiko, quero eu dizer."

"Pareceu mais fácil dizer o que disse", retorqui-lhe. "Ela apanhou-me de surpresa."

"Sim, acredito que sim." Niki continuou a olhar pela janela com uma expressão ausente. "Keiko não veio para o funeral do pai, não?", disse ela passado um momento.

"Sabes perfeitamente que não, portanto por que perguntas?"
"Falei só por falar."

"Quer dizer que não vieste ao funeral dela porque ela não veio ao do teu pai? Não sejas infantil, Niki!"

"Não estou a ser infantil. Estou apenas a dizer que foi assim que as coisas se passaram. Ela nunca fez parte das nossas vidas — em todo o caso, não da minha ou da do pai. Nunca esperei que ela fosse ao funeral do pai."

Não repliquei e continuamos sentadas em silêncio. Então Niki disse:

"Foi estranho aquilo agora mesmo com a Senhora Waters. Foi quase como se tivesse gostado."

"Gostado de quê?"

"De fingir que Keiko está viva."

"Não gosto de enganar as pessoas." Talvez tenha falado um pouco rispidamente, pois Niki pareceu espantada.

"Não, suponho que não", disse ela debilmente.

Choveu durante toda essa noite e no dia seguinte — o quarto dia da estada de Niki — ainda continuava a chover muito.

Importa-se que eu troque de quarto esta noite?", perguntou Niki. "Podia utilizar o quarto de hóspedes." Estávamos na cozinha, a lavar a loiça do pequeno-almoço.

"O quarto de hóspedes?" Ri. "Agora são todos quartos de hóspedes. Não, não há nenhuma razão para não poderes dormir no quarto de hóspedes. Já não gostas do teu antigo quarto?"

"Sinto-me um pouco esquisita a dormir lá."

"Mas que antipático da tua parte, Niki. Esperava que ainda sentisses que era o teu quarto."

"Sim, sinto", disse ela apressadamente. "Não é que eu não goste dele." Quedou-se silenciosa, a limpar as facas com o pano da loiça. Finalmente disse: "É aquele outro quarto. O quarto dela. Provoca-me uma sensação estranha, o fato de aquele quarto estar ali mesmo em frente ao meu."

Interrompi o que estava a fazer e olhei-a severamente. "Não consigo evitar, mãe. Acontece que me sinto esquisita ao pensar que aquele quarto está ali mesmo em frente."

"Sem dúvida que podes ficar no quarto de hóspedes", disse eu friamente. "Mas tens de fazer a cama."

Embora me tivesse mostrado perturbada com o pedido de Niki para mudar de quarto, não desejava de modo nenhum

dificultar-lhe a vida, visto que também eu experimentara uma sensação perturbadora em relação àquele quarto. Em muitos aspectos aquele quarto é o mais agradável da casa, com uma vista esplêndida sobre o pomar. Mas fora durante tanto tempo o domínio de Keiko, por ela fanaticamente preservado, que um feitiço estranho parecia ainda lá pairar agora, seis anos depois de o ter deixado — um feitiço que se tornara ainda mais forte agora que Keiko estava morta.

Dois ou três anos antes de finalmente nos deixar, Keiko retirara-se para aquele quarto, excluindo-nos da sua vida. Raramente saía do quarto, embora às vezes a ouvisse andar pela casa, depois de todos nos termos deitado. Eu suponha que ela passasse o tempo a ler revistas e a ouvir rádio. Não tinha amigos e todos nós estávamos proibidos de entrar no seu quarto. À hora das refeições deixava-lhe o prato na cozinha e ela descia para o vir buscar. Depois voltava a fechar-se de novo. Eu sabia que o quarto estava num estado miserável. Vinha lá de dentro um cheiro a perfume já envelhecido e a roupa suja, e nas ocasiões em que deitei uma olhadela lá para dentro vi inúmeras revistas vistosas espalhadas pelo chão por entre montões de roupa. Consegui persuadi-la e pôr cá fora a roupa para lavar, e pelo menos neste campo chegamos a acordo. Duas ou três vezes por mês encontrava um saco com roupa suja à porta do quarto, que eu lavava e voltava a entregar. Acabamos todos por nos habituar ao seu modo de vida, e, quando devido a qualquer impulso, Keiko se aventurava a descer à sala de estar, sentíamos todos uma grande tensão. Essas excursões acabavam invariavelmente com ela a brigar com Niki ou com o meu marido e então ela voltava para o quarto.

Nunca vi o quarto de Keiko em Manchester, o quarto em que ela morreu. Pode parecer mórbido; uma mãe ter pensamentos destes, mas ao saber do seu suicídio, o primeiro pensamento que atravessou a minha mente — antes mesmo de registar o choque — foi perguntar-me quanto tempo ela teria ali estado assim antes de a

encontrarem. Vivera no meio da sua própria família sem ser vista durante dias a fio; era muito pouco provável que tivesse sido descoberta rapidamente numa cidade estranha onde ninguém a conhecia. Mais tarde o médico legista disse que tinha lá estado vários dias". Fora a senhoria que abrira a porta, pensando que Keiko se fora embora sem pagar a renda.

Dou comigo a trazer continuamente à lembrança aquela imagem — a minha filha enforcada no quarto durante dias e dias.

O horror dessa imagem nunca diminuiu, mas deixou há muito de ser um assunto mórbido; tal como com uma ferida no nosso próprio corpo, é possível criar uma intimidade com a mais perturbante das coisas.

"De qualquer modo, vou ficar mais quente no quarto de hóspedes", disse Niki.

"Se tens frio de noite, Niki, basta-te ligar o aquecimento." "Está bem." Suspirou. "Não tenho dormido muito bem ultimamente. Acho que tenho pesadelos, mas nunca consigo me lembrar deles ao certo quando acordo."

"Tive um sonho a noite passada", disse eu.

"Acho que pode ser do sossego. Não estou habituada a esta calma à noite."

"Sonhei com aquela garota. A que vimos ontem. A garota do parque."

"Consigo dormir bem no meio do barulho do tráfego, mas já me esqueci de como é dormir no meio do sossego." Niki encolheu os ombros e deixou cair alguns talheres na gaveta. "Talvez durma melhor no quarto de hóspedes."

O fato de eu ter mencionado o meu sonho a Niki da primeira vez que o tive, talvez indique que já então tinha dúvidas quanto à sua inocência. Devo ter suspeitado desde o princípio — sem saber ao certo o porquê — que esse sonho tinha menos a ver com a garota que víramos como com o fato de dois dias antes ter recordado Sachiko.

IV

Uma tarde encontrava-me na cozinha a preparar o jantar antes de o meu marido chegar do trabalho quando ouvi um som estranho vindo da sala de estar. Interrompi o que estava a fazer e pus-me à escuta. Ouvi de novo o mesmo som — o som de alguém a tocar violino muito mal. Os ruídos continuaram por mais alguns minutos e depois pararam.

Quando pouco depois fui até a sala de estar encontrei Ogata-San debruçado sobre um tabuleiro de xadrez. O sol de fim de tarde inundava a sala e apesar das ventoinhas a umidade instalara-se por todo o apartamento. Abri um pouco mais as janelas.

"Não acabaram o jogo ontem à noite?", perguntei, aproximando-me.

"Não, Jiro alegou estar demasiado cansado. Suspeito que foi um ardil da sua parte. Sabe, tenho-o aqui bem encurralado."

"Estou a ver."

"Ele está-se a fiar no fato de ultimamente a minha memória já andar muito nebulosa. Portanto, vou retomar a minha estratégia."

"É um bom expediente, pai. Mas duvido que a mente de Jiro funcione assim tão astutamente."

"Talvez não. Eu diria que atualmente a Etsuko o conhece melhor do que eu." Ogata-San continuou a estudar o tabuleiro durante alguns momentos, depois levantou os olhos e riu: Isto deve diverti-la. Jiro a labutar no escritório e eu aqui a preparar um jogo de xadrez para quando ele chegar a casa. Sinto-me como uma criança pequena à espera do pai."

"Bem, prefiro de longe que se ocupe com o xadrez. O seu recital musical de há momentos foi medonho."

"Que falta de respeito! E eu que pensei que a Etsuko se iria comover."

O violino estava ali perto, no chão, dentro da caixa. Ogata-San observava-me enquanto eu a abria.

"Reparei nele ali em cima na prateleira", disse ele. "Tomei a liberdade de o tirar cá para baixo. Não esteja tão preocupada, Etsuko. Fui muito meigo com ele."

"Não tenho certeza disso. Tal como diz, o pai ultimamente comporta-se como uma criança." Peguei no violino e examinei-o. "Só que as crianças pequenas não conseguem chegar às prateleiras altas."

Coloquei o violino debaixo do queixo. Ogata-San continuou a observar-me.

"Toque qualquer coisa para mim", pediu ele. "Tenho certeza que é capaz de tocar melhor do que eu."

"Estou certa que sim." Peguei mais uma vez no violino. "Mas já passou tanto tempo."

"Quer dizer que não tem praticado? Isso agora é que é uma pena, Etsuko. Você era uma violinista tão dedicada."

"Sim, acho que antigamente o era de fato. Mas agora mal lhe toco."

Isso é uma vergonha, Etsuko. E você que era tão dedicada. Lembro-me de quando costumava tocar no silêncio da noite e acordar a casa toda."

"Acordar a casa toda? Quando é que eu fiz isso?" "Sim, lembro-me bem. Da primeira vez que veio ficar conosco." Ogata-San deu uma gargalhada. "Não fique tão preocupada, Etsuko. Todos nós lhe perdoamos. Agora deixe-me cá ver qual era o compositor que tanto admirava. Era Mendelssohn?"

Isso é verdade? Eu acordava a casa toda?"

"Não esteja tão preocupada, Etsuko. Isso já foi há anos. Toque-me qualquer coisa de Mendelssohn."

"Mas por que é que não me disseram nada?" "Foi só durante as primeiras noites. E além disso, nós não nos importávamos nada."

Experimentei as cordas de leve. O violino estava desafinado. "Devo ter sido um fardo para vocês nesse tempo! disse eu brandamente.

"Que disparate."

"Mas para o resto da família. Eles devem ter pensado que eu era uma garota maluca."

"Com certeza eles não pensaram muito mal de você. Afinal de contas acabou se casando com Jiro. Agora vá lá, Etsuko, já chega. Toque qualquer coisa para mim."

"Como é que eu era nessa época, pai? Parecia uma louca?"

"Estava muito chocada e outra coisa não seria de se esperar. Estávamos todos chocados, nós os que tínhamos sobrado. Agora, Etsuko, vamos esquecer essas coisas. Lamento ter trazido o assunto à baila."

Mais uma vez levei o violino ao queixo.

"Ah", disse ele, "Mendelssohn."

Permaneci assim durante vários segundos, o violino sob o queixo. Depois baixei-o até o colo e suspirei: "Raramente toco agora", disse.

"Desculpe, Etsuko." A voz de Ogata-San tornara-se solene. "Talvez eu não devesse ter tocado no violino."

Levantei os olhos para ele e sorri: "Então", disse eu, "a criancinha está agora com sentimentos de culpa?"

"Foi só por o ver ali em cima que me lembrei dos velhos tempos."

"Toco para si noutra altura. Depois de ter praticado um pouco." Fez uma pequena reverência e os seus olhos voltaram a

sorrir. "Não me vou esquecer dessa promessa, Etsuko. E talvez me possa ensinar um pouquinho."

"Não lhe posso ensinar tudo, pai. Disse que queria que eu o ensinasse a cozinhar."

"Ah, sim. Isso também."

"Toco para si da próxima vez que nos vier visitar." "Não me esquecerei disso", disse ele.

Depois do jantar dessa noite, Jiro e o pai instalaram-se e retomaram o jogo de xadrez. Arrumei a cozinha e sentei-me a coser. A certo passo Ogata-San disse:

"Acabei de reparar numa coisa. Se não te importas, gostaria de repetir aquele lance."

"Certamente", disse Jiro.

"Mas isso é muito injusto para contigo. Especialmente porque eu pareço levar a melhor neste momento."

"Não, de modo nenhum. Por favor faça lá de novo o seu lance."

"Não te importas?" "De modo nenhum."

Continuaram a jogar em silêncio.

"Jiro", disse Ogata-San passados vários minutos. "Estava cá a pensar. Já escreveste aquela carta? Ao Shigeo Matsuda?"

Levantei o olhar da costura. Jiro parecia absorvido no jogo e só respondeu depois de ter feito o seu lance. "Shigeo? Bem, ainda não. Tive intenção disso, mas tenho andado tão ocupado nestes últimos dias."

"É claro. Compreendo perfeitamente. Apenas me lembrei disso agora, foi só isso."

"Tenho tido muito pouco tempo livre ultimamente." "É claro. Não há pressa nenhuma. Não tenciono continuar a maçar-te com isto. Só que talvez fosse mais conveniente que ele recebesse notícias tuas em breve. Já passaram algumas semanas desde que o artigo dele apareceu."

"Sim, certamente. Tem toda a razão."

Voltaram ao jogo. Durante alguns momentos nenhum deles falou. Depois Ogata-San disse:

"Como é que achas que ele irá reagir?"

"Shigeo? Não sei. Tal como disse, já não o conheço como dantes."

"Disseste que ele aderiu ao Partido Comunista?" "Não tenho a certeza. Mas ele realmente manifestou esse tipo de simpatias da última vez que o vi."

"Que pena! Mas na verdade há atualmente tanta coisa no Japão que pode levar um homem jovem a vacilar."

"Sim, sem dúvida."

"Hoje em dia há tantos homens jovens que se deixam arrebatados por ideias e teorias. Mas talvez ele se retrate e peça desculpa. Não há nada como lembrar oportunamente a alguém as suas obrigações pessoais. Sabes, presumo que Shigeo nem sequer parou para pensar no que estava a fazer. Acho que ele escreveu aquele artigo com uma caneta numa mão e os seus livros sobre o comunismo na outra. No final pode muito bem vir a arrepender-se."

"É muito possível. Tenho tido tanto trabalho ultimamente."

"Evidentemente, evidentemente. O teu trabalho tem prioridade sobre tudo o resto. Por favor, não te preocupes com isso. Bem, é a minha vez de jogar?"

Continuaram a jogar, falando pouco. Uma vez ouvi Ogata-San dizer: "Fizeste esse lance exatamente como eu previ. Vais ter de ser muito esperto para escapar desse beco sem saída."

Estavam a jogar já há algum tempo quando bateram à porta. Jiro levantou os olhos do jogo e lançou-me uma olhadela. Larguei a costura e levantei-me.

Quando abri a porta deparei com dois homens que me saudaram, sorrindo forçadamente e fazendo reverências. Já era muito tarde e de início pensei que se tinham enganado no

apartamento. Mas depois identifiquei-os como dois colegas de Jiro e convidei-os a entrar. Ficaram parados no vestíbulo, às risadinhas um para o outro. Um deles era um homenzinho baixo e gordo, de rosto afogueado. O seu companheiro era mais magro, de tez clara como um europeu; mas também ele parecia ter estado a beber, pois cada uma das suas bochechas ostentava uma roseta bem avermelhada. Usavam ambos gravata, desleixadamente desapertada e traziam os casacos pendurados no braço.

Jiro pareceu satisfeito por os ver e convidou-os a sentarem-se. Mas eles permaneceram no vestíbulo, aos risinhos."

"Ah, Ogata", disse o homem de tez clara para Jiro, "talvez te tenhamos apanhado em má altura."

"De modo nenhum. Mas em todo o caso, o que andam a fazer por estes lados?"

"Fomos ver o irmão de Murasaki. Na verdade, ainda não fomos a casa."

"Viemos incomodar-te porque estamos com medo de ir para casa", acrescentou o homem baixo e gordo. "Não dissemos às nossas mulheres que chegaríamos tarde."

"Vocês dois são cá uns malandros! ", disse Jiro. "Por que é que não descalçam os sapatos e vêm até aqui?"

"Viemos em má altura", voltou a dizer o homem de tez clara. "Vejo que tens uma visita..." Sorriu afetadamente para Ogata-San e fez-lhe uma reverência.

"É o meu pai, mas como é que posso apresentar-vos se vocês não entram?"

Os visitantes tiraram finalmente os sapatos e sentaram-se. Jiro apresentou-os ao pai e eles começaram de novo às risadinhas e a fazer reverências.

"O senhor trabalha na firma de Jiro?", perguntou Ogata-San. "Sim, trabalho", respondeu o homem gordo. "O que é uma grande honra, se bem que nos faça passar um mau pedaço. No escritório

chamamos o filho de faraó, por estar sempre nos instando a trabalhar como escravos enquanto ele próprio não faz nada."

"Que loucura", disse meu marido.

"É verdade. Ele passa a vida a dando ordens como se fôssemos seus servos. Depois senta e lê o jornal."

Ogata-San parecia um pouco confuso, mas ao ver os outros rindo, riu também.

"E o que vem a ser isto aqui?" O homem de tez clara apontava para o tabuleiro de xadrez. "Estão a ver, bem sabia que tínhamos interrompido qualquer coisa."

"Estávamos apenas a jogar xadrez para passar o tempo", disse Jiro.

"Então continuem a jogar. Não deixem que malandros como nós vos interrompam."

"Não sejas tolo. Como é que me poderia concentrar tendo à minha volta idiotas como vocês?"

Jiro afastou o tabuleiro de xadrez e uma ou duas peças tombaram; ele pô-las de novo em pé sem olhar para as casas.

"Muito bem. Vieram ver o irmão de Murasaki. Etsuko, vai buscar chá para estes senhores." O meu marido disse isto, embora eu já fosse a caminho da cozinha. Mas então o homem gordo começou a acenar freneticamente.

"Minha senhora, minha senhora, sente-se. Por favor! Nós vamos já embora. Por favor, sente-se."

"Não é maçada nenhuma", disse eu, sorrindo. "Não, minha senhora, suplico-lhe" — começara a gritar bem alto. "Nós não passamos de uns malandros, tal como diz o seu marido. Por favor não se incomode, sente-se por favor."

Estava prestes a obedecer-lhe, mas foi então que vi Jiro lançar-me um olhar zangado.

"Pelo menos tomem chá conosco", disse. "Não é maçada nenhuma. Agora que se sentaram, também podem demorar-se um

pouco", disse o meu marido para os visitantes. "De qualquer modo, quero saber notícias do irmão de Murasaki. Está assim tão louco como dizem?"

"É de fato um excêntrico", disse o homem gordo, dando uma gargalhada. "Não ficamos de modo nenhum desapontados. E alguém te contou da mulher dele?"

Fiz uma saudação e encaminhei-me discretamente para a cozinha. Preparei o chá e pus num prato alguns bolos que fizera durante o dia. Ouvia gargalhadas vindas da sala e distinguia a voz do meu marido. Um dos visitantes estava de novo a chamar-lhe "faraó", num tom de voz muito elevado. Quando regresssei à sala, Jiro e os colegas pareciam muito animados. O homem gordo contava uma anedota sobre o encontro de um qualquer ministro do Governo com o general MacArthur. Pus os bolos perto deles, deitei o chá, depois sentei-me ao lado de Ogata-San. Os amigos de Jiro contaram mais algumas anedotas sobre políticos e depois o homem de tez clara mostrou-se ofendido porque o seu companheiro falara injuriosamente de uma personalidade que ele admirava. Manteve uma cara séria enquanto os outros o arreliavam.

"A propósito, Hanada", disse meu marido. "No outro dia ouvi uma história interessante lá no escritório. Contaram que nas últimas eleições ameaçaste bater na tua mulher com um taco de golfe, porque ela não queria votar como lhe dizias."

"Onde é que foste buscar essa tolice?"

"Disseram de fonte segura."

"É verdade", disse o homem gordo. "E tua mulher queria ir chamar a polícia para se queixar de intimidação política."

"Mas que disparate. Além disso, já não tenho tacos de golfe. Vendi-os todos no ano passado."

"Mas ainda tens aquele seven-iron*", disse o homem gordo. "Vi no teu apartamento na semana passada. Talvez o tenhas usado."

**Taco de golfe nº 7, de metal.*

"Não podes negá-lo, Hanada?", disse Jiro.

"Aquilo do taco de golfe era uma brincadeira."

"Mas é verdade que não conseguiste que ela obedecesse."

O homem de tez clara encolheu os ombros. "Bem, ela tem o direito de votar como quiser."

"Então por que a ameaçaste?", perguntou o amigo.

"É claro, tentava fazê-la ver as coisas. Minha mulher vota no Yoshida só porque ele é parecido com o tio dela. Isso é típico das mulheres. Elas não entendem nada de política. Pensam que podem escolher os líderes do país da mesma maneira que escolhem os vestidos."

"Então, bateu nela com um taco *seven-iron*", disse Jiro.

"Isso é realmente verdade?", perguntou Ogata-San. Ele não voltara a falar desde que eu tinha chegado à sala com o chá. Os outros três pararam de rir e o homem de tez clara olhou para Ogata-San, surpreso.

"Bem, não." Tornou-se subitamente formal e fez uma pequena vênia. "Na verdade não bati."

"Não, não", disse Ogata-San. "Referia-me a tua mulher e a ti — vocês votaram em partidos diferentes?"

"Bem, sim." Encolheu os ombros, depois riu desajeitadamente. "O que se pode fazer?"

"Desculpe. Não queria me intrometer."

Ogata-San fez-lhe uma reverência que o outro retribuiu. Como se as reverências fossem um sinal, os três homens mais novos recomeçaram a rir e a falar entre si. Abandonaram a política e começaram a discutir vários membros da firma. Quando servi mais chá reparei que os bolos tinham quase desaparecido, apesar de ter posto na mesa uma quantidade generosa. Acabei de encher as xícaras e depois sentei-me de novo ao lado de Ogata-San.



Os visitantes demoraram-se mais ou menos uma hora. Jiro acompanhou-os à porta e sentou-se de novo suspirando. "Já se está a fazer tarde", disse. "Não tardo a ter de me recolher." Ogata-San examinava o tabuleiro de xadrez. "Acho que as peças estão um bocado fora do lugar", disse ele. "Tenho certeza de que o cavalo estava nesta casa e não naquela."

"É muito provável."

"Então vou pô-lo aqui. Concordas?"

"Sim, sim, estou certo que tem razão. Teremos de acabar o jogo noutra altura, pai. Vou ter de me retirar dentro de muito pouco tempo."

"E que tal fazermos só os próximos lances? Pode ser que acabemos o jogo."

"Realmente preferia não jogar. Já me sinto muito cansado."

"Naturalmente."

Arrumei a costura que fazia no início da noite e sentei-me à espera de que se retirassem. Contudo, Jiro pegou um jornal e começou a ler a página de trás. Em seguida tirou do prato o último bolo que restava e começou a comer com ar indiferente. Passados alguns momentos, Ogata-San disse:

"Talvez devêssemos acabar o jogo agora. São apenas mais alguns lances."

"Pai, estou realmente muito cansado. Tenho de ir trabalhar de manhã."

"Sim, naturalmente."

Jiro voltou ao jornal. Continuou a comer o bolo e vi várias migalhas caírem no tatami. Ogata-San continuou de olhos fixos no

tabuleiro de xadrez durante algum tempo.

"É realmente extraordinário", disse passados uns momentos. "Aquilo que o teu amigo disse."

"Ah, sim? E o que foi isso?"

Jiro não levantou os olhos do jornal.

"Aquilo de ele e a mulher votarem em partidos diferentes. Há alguns anos isso seria impensável."

"Sem dúvida."

"É de fato extraordinário as coisas que hoje em dia acontecem. Mas suponho que é isso que significa a democracia." Ogata-San suspirou. "Essas coisas que tão avidamente aprendemos com os americanos nem sempre são para melhor."

"Não, realmente não."

"Vê o que acontece. Marido e mulher votando em partidos diferentes. É lamentável quando já não se pode confiar na mulher em assuntos destes."

Jiro continuava a ler o jornal. "Sim, é lastimável", disse. "Hoje em dia uma esposa já não tem qualquer sentimento de lealdade para com o lar. Faz apenas o que tem vontade, vota num partido diferente se lhe der na veneta. Isso é mesmo típico do rumo que as coisas tomaram no Japão. Em nome da democracia as pessoas abandonam as suas obrigações."

Jiro olhou para o pai durante um breve instante, depois voltou de novo os olhos para o jornal. "Sem dúvida que tem toda a razão", disse. "Mas também é verdade que os Americanos não trouxeram só coisas más."

"Os americanos nunca compreenderam como as coisas se passavam no Japão. Nem por um só momento compreenderam. O seu modo de vida pode ser ótimo para americanos, mas as coisas são diferentes no Japão, muito diferentes." Ogata-San suspirou outra vez. "Disciplina, lealdade, foram essas coisas que em tempos mantiveram o Japão unido. Pode parecer ilusório, mas é verdade. As

peessoas estavam ligadas pelo sentido do dever. Para com a família, para com os superiores, para com a pátria. Mas agora em vez disso só se fala em democracia. As pessoas a citam sempre que querem ser egoístas, sempre que querem esquecer as obrigações."

"Sim, sem dúvida que tem razão." Jiro bocejou e coçou a face. "Vê o que aconteceu na minha profissão, por exemplo. Tínhamos um sistema por nós criado e acarinhado durante anos. Depois vieram os Americanos e desmantelaram-no; destruíram-no sem pensar duas vezes. Decidiram que as nossas escolas seriam como as americanas, que as nossas crianças deveriam aprender aquilo que aprendem as crianças americanas. E os Japoneses acolheram tudo alegremente. Acolheram tudo isso com muita conversa fiada sobre democracia." — Abanou a cabeça — . "Deram cabo de muito do que havia de bom nas nossas escolas." "Sim, estou certo que tudo isso é inteiramente verdade." Jiro voltou a levantar os olhos do jornal. "Mas certamente que havia algumas falhas no sistema antigo, nas escolas como em tudo o resto."

"Mas o que vem a ser isto, Jiro? Algo que leste algures?" "É apenas a minha opinião."

"Leste isso no teu jornal? Devotei a minha vida a ensinar os jovens. E depois vi os Americanos destruir todo esse trabalho. É de fato extraordinário o que atualmente se passa nas escolas, o modo como as crianças são ensinadas a comportar-se. Extraordinário. E há tanta coisa que já não se ensina! Sabes que as crianças hoje em dia saem da escola sem saber nada da história do seu próprio país?"

"Admitamos que isso seja uma pena. Mas recorde-me de algumas coisas estranhas dos meus tempos de estudante. Lembro-me de me ensinarem como o Japão fora criado pelos deuses, por exemplo; como nós enquanto nação éramos divinos e superiores. Tínhamos de decorar o compêndio, palavra por palavra. Talvez algumas coisas não sejam assim uma perda tão grande."

"Mas, Jiro, as coisas não são assim tão simples. É óbvio que não entendes como as coisas funcionam. As coisas não são nem de longe tão simples. Procuramos assegurar que as qualidades de valor fossem transmitidas, que as crianças crescessem com atitude correta em relação a seu país, aos semelhantes. Antigamente existia no Japão um espírito que unia a todos. Agora imagina como é ser um rapazinho no Japão de hoje. Na escola não lhe ensinam valores — exceto talvez que deva egoisticamente exigir da vida tudo o que deseja. Vai para casa e encontra os pais brigando porque a mãe se recusa a votar no mesmo partido que o pai. Mas que estado de coisas!"

"Sim, entendo o que quer dizer. Bem, agora, pai, desculpe mas tenho de ir deitar."

"Nós demos o nosso melhor, homens como eu e Endo, demos o nosso melhor para que o que havia de bom no país frutificasse. Muita coisa boa foi destruída."

"É deveras lamentável." Meu marido levantou-se. "Desculpe, pai, mas tenho de dormir. Amanhã tenho outro dia de muito trabalho."

Ogata-San olhou para o filho com uma expressão algo surpresa. "Mas é claro. Que falta de consideração da minha parte te reter até tão tarde." Fez uma saudação.

"De modo nenhum. Lamento não podermos conversar mais tempo, mas realmente agora tenho de ir dormir."

"Mas é claro."

Jiro desejou ao pai uma noite tranquila e saiu da sala. Durante alguns segundos Ogata-San ficou de olhos fitos na porta pela qual Jiro desaparecera, como se esperasse que ele voltasse a qualquer momento. Depois virou-se para mim com um olhar transtornado.

"Não tinha percebido como era tarde", disse. "Não queria que Jiro ficasse de pé por minha causa."



"Foi embora? E não lhe deixou nenhum recado no hotel?"

Sachiko riu. "Você parece tão espantada, Etsuko", disse. "Não, ele não deixou nada. Partiu ontem de manhã, é tudo que sabem. Para lhe dizer a verdade já estava mais ou menos à espera disso."

Vi que ainda tinha a bandeja na mão. Pousei-a com cuidado e depois sentei-me numa almofada frente a Sachiko. Nessa manhã corria uma brisa agradável pelo apartamento.

"Mas isso é terrível", disse eu. "E já tinha tudo na mala, estava pronta para partir."

"Nada disso é novo para mim, Etsuko. Quando voltei a Tóquio — que foi onde o conheci — quando voltei a Tóquio foi exatamente a mesma coisa. Ah, não, isso não é novo para mim. Aprendi a contar com este tipo de coisa."

"Disse que ia à cidade hoje à noite? Sozinha?"

"Não fique tão chocada, Etsuko. Depois de Tóquio, Nagasaki parece uma pacífica vilazinha. Se ele ainda estiver em Nagasaki, encontro-o hoje à noite. Pode mudar de hotel, mas com certeza não mudou os hábitos."

"Mas é tudo tão angustiante. Se quiser, terei muito gosto em ir até sua casa e fazer companhia a Mariko até você voltar."

"Isso é muito amável da sua parte. Mariko é perfeitamente capaz de ficar sozinha, mas se puder passar algumas horas com ela esta noite, ficaria muito agradecida. Mas estou certa que tudo vai acabar por se resolver, Etsuko. Sabe, quando já se passou pelas coisas que eu passei uma pessoa aprende a não deixar que pequenos contratempos nos preocupem."

"Mas então e se ele... quero dizer, se ele deixou mesmo Nagasaki?"

"Oh, não foi longe, Etsuko. Além disso, se realmente tencionasse me deixar teria escrito uma nota qualquer, não acha? Sabe, ele não foi longe: sabe que vou procurá-lo e que o encontrarei."

Sachiko olhou para mim e sorriu. Fiquei sem resposta.

"Além disso, Etsuko", continuou, "ele de fato veio de muito longe até aqui. Veio até Nagasaki para me procurar em casa do meu tio, veio de Tóquio. Então, por que é que o teria feito se não tencionasse cumprir tudo aquilo que prometeu?"

Etsuko, aquilo que ele mais deseja é levar-me para a América. É isso que ele quer. Na verdade, nada mudou, isto é apenas um pequeno atraso." Deu uma risada breve. "Sabe, ele às vezes parece uma criança pequena."

"Mas o que é que acha que o seu amigo pretende ao sumir-se assim? Não entendo."

"Não há nada para entender, Etsuko, isso é praticamente irrelevante. O que ele na realidade quer é levar-me para a América e ter lá uma vida segura e respeitável. Isso é o que ele realmente quer. De outro modo, por que é que teria vindo de tão longe para me procurar em casa do meu tio? Sabe, Etsuko, não é caso para tantas preocupações."

"Não, estou certa que não."

Vi que Sachiko estava prestes a falar de novo, mas depois pareceu mudar de ideia. Ficou calada, fitando os apetrechos para o chá em cima da bandeja. "Bem, Etsuko", disse com um sorriso, "vamos lá então servir o chá."

Observou-me em silêncio enquanto eu enchia as xícaras. Uma vez, quando lhe deitei uma olhadela rápida, sorriu-me como para me encorajar. Acabei de servir o chá e durante uns instantes ficamos silenciosas.

"A propósito, Etsuko", disse Sachiko, "presumo que já tenha falado com a Senhora Fujiwara e lhe tenha explicado a minha situação."

"Sim. Vi-a anteontem."

"Suponho que ela já devia estar pensando no que teria me acontecido."

"Expliquei que você tinha sido chamada à América. Ela compreendeu perfeitamente."

"Sabe, Etsuko", disse Sachiko, "neste momento estou numa situação difícil."

"Sim, calculo."

"No que se refere a finanças como a todo o resto."

"Sim, compreendo", disse eu, com uma pequena reverência. "Se quiser, é claro que posso falar com a Senhora Fujiwara. Tenho certeza de que, atendendo às circunstâncias, ela ficaria muito feliz por..."

"Não, não, Etsuko" — Sachiko riu — "não tenho desejo algum de voltar para o restaurantezinho dela. Conto realmente partir para a América dentro de pouco tempo. As coisas vão apenas ser adiadas um pouco, é só isso. Mas sabe, preciso de algum dinheiro. E estava precisamente lembrando, Etsuko, de como uma vez se ofereceu para me ajudar nesse campo."

Olhava-me com um sorriso afetuoso. Olhei para ela durante alguns momentos. Depois fiz-lhe uma reverência e disse:

"Tenho as minhas próprias economias. Não é uma grande quantia, mas gostaria de ajudá-la no que puder."

Sachiko fez-me uma graciosa reverência, depois pegou a xícara. "Não vou embarcá-la", disse, "referindo qualquer quantia. Isso, naturalmente, depende inteiramente de você. Aceitarei com gratidão o que achar adequado. Evidentemente que o empréstimo lhe será devolvido a seu tempo, disso pode ter certeza, Etsuko."

"Naturalmente", disse eu com brandura. "Nunca tive dúvida a esse respeito."

Sachiko continuou a me olhar com o mesmo sorriso afetuoso. Pedi licença e saí da sala.

V



O sol entrava pelo quarto dentro, descobrindo toda a poeira que havia no ar. Ajoelhei-me perto de um conjunto de pequenas gavetas na parte de baixo do armário. Da última tirei vários objetos — álbuns de fotografias, cartões de boas-festas, uma pasta com aquarelas pintadas por minha mãe, e coloquei-os cuidadosamente no chão, a meu lado. No fundo da gaveta estava a caixinha preta de laca. Ao levantar a tampa encontrei as cartas que tinha preservado — e cuja existência o meu marido desconhecia — assim como duas ou três fotografias pequenas. Debaixo destas tirei o sobrescrito que continha as minhas economias. Com cuidado, voltei a pôr tudo como estava e fechei a gaveta. Antes de sair do quarto abri o roupeiro, escolhi um lenço de seda com um padrão que me pareceu convenientemente discreto e enrolei-o à volta do sobrescrito.

Quando voltei à sala, Sachiko estava de novo a servir-se de chá. Não olhou para mim e quando pus o lenço dobrado no chão, ao seu lado, continuou a deitar o chá sem olhar para ele. Fez-me um sinal de assentimento quando me sentei, depois começou a beber o chá. Só por uma vez, enquanto pousava a xícara, é que lançou uma rápida olhadela de través para o embrulho ao lado da sua almofada.

"Há algo que a Etsuko não parece compreender", disse ela.
"Sabe, eu não me sinto envergonhada ou embaraçada em relação a

nada que tenha feito. Pode estar à vontade para me perguntar seja lá o que for."

"Sim, é claro."

"Por exemplo, Etsuko, por que será que nunca me pergunta nada sobre o meu amigo' como insiste em chamar-lhe? Não há realmente motivo nenhum para embaraços. Pronto, Etsuko, já está a corar."

"Garanto-lhe que não me sinto embaraçada. De fato." Isso é que está, Etsuko, bem vejo." Sachiko deu uma gargalhada e bateu palmas. "Mas por que é que não consegue perceber que não tenho nada a esconder, que não tenho nada de que me envergonhar? Por que é que está a corar assim? Só porque mencionei o Frank?"

"Mas eu não estou embaraçada. E garanto-lhe que nunca supus que."

"Por que é que nunca me faz perguntas sobre ele, Etsuko? Deve haver imensas coisas que gostaria de saber. Portanto, por que é que não pergunta? Afinal de contas, toda a vizinhança parece muito interessada no caso, você também deve estar, Etsuko. Então, por favor esteja à vontade para me perguntar o que quiser."

"Mas eu realmente."

"Vá lá, Etsuko, insisto. Faça-me perguntas sobre ele. Quero de fato que as faça. Faça-me perguntas sobre ele, Etsuko."

"Muito bem, então."

"Muito bem? Vá lá, Etsuko, pergunte."

"Muito bem. Que aspecto tem ele, o seu amigo?" "Que aspecto tem ele?" Sachiko voltou a rir. "É só isso que deseja saber? Bem, é alto como a maior parte desses estrangeiros, e o cabelo começa a ficar um pouco ralo. Ele não é velho, compreende. Os estrangeiros ficam calvos mais cedo, sabia disso, Etsuko? Agora faça-me outra pergunta sobre ele. Deve haver mais coisas que queira saber."

"Bem, sinceramente."

"Vá lá, Etsuko, pergunte. Quero que pergunte." "Mas realmente não há nada que deseje."

"Tem de haver, por que é que não quer perguntar? Pergunte-me sobre ele, Etsuko, pergunte."

"Bem, de fato", disse eu, "de fato gostaria de saber uma coisa."

Sachiko pareceu de repente ficar com frio. Conservara as mãos juntas à sua frente, mas nesse momento baixou-as e pô-las no colo.

"Gostaria realmente de saber", disse eu; "se ele fala japonês." Durante uns instantes Sachiko não disse nada. Depois sorriu e pareceu ficar mais relaxada. Voltou a pegar na xícara e deu vários goles. Quando em seguida voltou a falar, a sua voz quase parecia sonhadora.

"Os estrangeiros têm tanta dificuldade em aprender a nossa língua", disse ela. Fez uma pausa e sorriu-se. "O japonês do Frank é horrível, por isso falamos em inglês. Sabe inglês, Etsuko? Nem um bocadinho? Sabe, o meu pai falava muito bem inglês. Tinha amizades na Europa e sempre me encorajou a estudar a língua. Mas depois, é claro, quando me casei deixei de estudar inglês. O meu marido proibiu-o. Tirou-me todos os meus livros de inglês. Mas não me esqueci. Quando encontrava estrangeiros em Tóquio, lembrava-me novamente de tudo."

Permanecemos sentadas em silêncio por uns instantes. Depois Sachiko soltou um suspiro de cansaço.

"Acho que é melhor ir-me embora", disse ela. Baixou-se e apanhou o lenço dobrado. Em seguida e sem o inspecionar, deixou-o cair na mala.

"Não quer mais um bocadinho de chá?", perguntei. Ela encolheu os ombros. "Só mais um pouco, talvez." Voltei a encher as xícaras. Sachiko observou-me, depois disse: "Se não lhe der jeito — refiro-me a hoje à noite — não tem importância nenhuma. Com a

idade que tem, Mariko já deve ser capaz de ficar entregue a si própria."

"Não me faz transtorno nenhum. De certeza que o meu marido não se opõe."

"É muito amável, Etsuko", disse Sachiko num tom de voz inexpressivo. Em seguida acrescentou: "Mas talvez eu deva avisá-la. Nestes últimos dias a minha filha tem andado com um humor algo difícil."

"Não faz mal", disse eu sorrindo. "Vou ter de me habituar a crianças dos mais variáveis humores."

Sachiko continuou lentamente a beber o chá. Não parecia ter pressa nenhuma de ir embora. Depois pousou a xícara e durante alguns momentos examinou as costas da mão.

"Sei que o que aconteceu aqui em Nagasaki foi terrível", disse ela finalmente. "Mas em Tóquio também foi mau. Aquilo continuou semana após semana, foi horrível. Perto do final já estávamos todos a viver em túneis e edifícios abandonados e só se via entulho por todo o lado. Toda a gente que vivia em Tóquio viu coisas desagradáveis. Mariko também." Continuou a fitar as costas da mão.

"Sim", disse eu. "Devem ter sido tempos muito difíceis." "Essa mulher. Essa mulher de que ouviu Mariko falar. Isso foi algo que Mariko presenciou em Tóquio. Ela viu outras coisas em Tóquio, coisas horríveis, mas nunca se esqueceu dessa mulher." Virou as mãos e pôs-se a mirar as palmas, olhando de uma para a outra como para as comparar.

"E essa mulher", disse eu, "foi morta num ataque aéreo?" "Suicidou-se. Dizem que cortou a garganta. Nunca cheguei a conhecê-la. Sabe, houve uma manhã em que Mariko fugiu. Não me lembro porquê; talvez estivesse perturbada com qualquer coisa. De qualquer modo fugiu para a rua, por isso eu fui atrás dela. Era muito cedo; não se via ninguém. Mariko correu ao longo de um beco e eu segui-a. Lá ao fundo havia um canal e era aí que a mulher estava

ajoelhada, com água até aos cotovelos. Uma mulher jovem, muito magra. Mal a vi apercebi-me que algo se passara. Sabe, Etsuko, ela voltou-se e sorriu para Mariko. Eu sabia que algo acontecera e Mariko também se deve ter apercebido porque parou de correr. De início pensei que a mulher fosse cega, tinha esse tipo de olhar, os seus olhos não pareciam de fato ver nada. Bem, ela levantou os braços e mostrou-nos aquilo que estivera a segurar debaixo de água: um bebé. Nessa altura peguei em Mariko e saímos dali."

Fiquei calada, esperando que ela continuasse. Sachiko serviu-se de mais chá.

"Tal como já lhe disse", continuou, "ouvi dizer que a mulher se suicidara. Isso foi alguns dias depois."

"Que idade tinha então Mariko?"

"Cinco, quase seis. Ela viu outras coisas em Tóquio. Mas está sempre a lembrar-se dessa mulher."

"Ela viu tudo? Viu o bebé?"

"Sim. Na verdade durante muito tempo pensei que ela não percebera o que vira. Não falou nisso e na altura nem sequer pareceu particularmente perturbada. Só começou a falar no assunto mais ou menos um mês depois. Nós dormíamos então num velho edifício abandonado. Acordei a meio da noite e vi Mariko sentada muito direita, olhando fixamente para a entrada. Já não havia porta, restava apenas o vão e era para aí que Mariko olhava fixamente. Fiquei deveras alarmada. Sabe, não havia nada que impedisse alguém de entrar no edifício. Perguntei a Mariko o que se passava e ela respondeu que estava ali uma mulher a observar-nos. Perguntei-lhe de que tipo de mulher se tratava e Mariko respondeu que era aquela que víamos naquela manhã há um mês atrás, a observar-nos da entrada. Levantei-me e olhei à volta, mas não havia lá ninguém. É claro que é perfeitamente possível que uma mulher tivesse estado ali. Não havia nada que impedisse alguém de entrar."

"Compreendo. E Mariko tomou-a pela mulher que tinham visto naquele dia."

"Penso que foi isso que aconteceu. De qualquer modo foi então que começou a obsessão de Mariko por aquela mulher. Pensei que ela já se tivesse esquecido disso, mas muito recentemente recomeçou tudo outra vez. Se ela começar a falar nisso esta noite, por favor não lhe ligue nenhuma."

"Sim, compreendo."

"Sabe como são as crianças", disse Sachiko. "Gostam de brincar a fazer de conta' e depois já não sabem onde começam e acabam as suas fantasias."

"Sim, suponho que isso não seja realmente nada de invulgar." "Sabe, Etsuko, quando Mariko nasceu a vida estava muito difícil."

"Sim, acredito", disse eu. "Sei que tenho muita sorte."

"As coisas eram muito difíceis. Talvez tenha sido uma insensatez ter casado quando eu casei. Afinal, toda a gente via que se aproximava uma guerra. Mas depois também ninguém sabia, Etsuko, o que era a guerra, pelo menos naqueles tempos não se sabia. Casei numa família muitíssimo respeitada. Nunca pensei que uma guerra pudesse mudar tanto as coisas." Sachiko pousou a xícara e passou uma mão pelo cabelo. Depois fez um sorriso breve. "No que diz respeito a esta noite, Etsuko", disse, "a minha filha é perfeitamente capaz de se entreter sozinha. Portanto, por favor não se incomode demasiado com ela."

O rosto da Senhora Fujiwara adquiria frequentemente uma expressão de aborrecimento ao falar do filho.

"Está-se a tornar um velho", estava-me ela a dizer. "Em breve só terá solteironas para escolher."

Estávamos sentadas no átrio do seu restaurante. Havia várias mesas ocupadas por empregados de escritório que almoçavam.

"Pobre Kazuo-San", disse eu, rindo. "Mas percebo o que sente. Foi tão triste o que aconteceu com a Menina Michiko. E eles já

estavam noivos há muito tempo, não estavam?"

"Há três anos. Nunca fui muito adepta destes noivados tão longos. Sim, Michiko era boa garota. Estou certa que seria a primeira a concordar comigo em relação ao modo como Kazuo se entregou ao desgosto. Ela haveria de querer que ele continuasse a viver a vida."

"Contudo, deve ser difícil para ele. Ter feito planos durante tanto tempo para as coisas acabarem assim."

"Mas tudo isso já pertence ao passado", disse a Senhora Fujiwara. "Todos nós tivemos de deixar coisas para trás. A Etsuko também; lembro-me que em tempos estive muito desesperada. Mas consegui continuar e refazer a sua vida."

"Sim, mas tive muita sorte. Ogata-San foi muito bom para mim nesses tempos. Não sei o que teria sido de mim se não fosse ele."

"Sim, ele foi muito bom para si. E é claro, foi assim que conheceu o seu marido. Mas a Etsuko merecia ser feliz."

"Na verdade não sei onde estaria hoje se Ogata-San não me tivesse deitado a mão e acolhido lá em casa. Mas compreendo como deve ser difícil — quero dizer, para o seu filho. Até mesmo eu ainda penso às vezes em Nakamura-San. Não consigo evitá-lo. Às vezes acordo e esqueço-me. Penso que ainda aqui estou, aqui em Nakagawa."

"Vá lá, Etsuko, isso não são maneiras de falar." A Senhora Fujiwara olhou-me durante alguns momentos, depois suspirou. "Mas também me acontece. Tal como diz, de manhã ao acordar essa sensação apanha-nos de surpresa. Acordo muitas vezes a pensar que tenho de me despachar para ir preparar o pequeno-almoço para eles todos."

Ficamos durante alguns momentos em silêncio. Depois a Senhora Fujiwara riu.

"É muito mazinha, Etsuko", disse. "Está a ver, fez-me falar assim." "Foi tolice minha", disse eu. "De qualquer modo, eu e

Nakamura-San, nunca houve nada entre nós. Quer dizer, não estava nada decidido."

A Senhora Fujiwara continuou a observar-me, inclinando a cabeça de acordo com as correntes de pensamento que a invadiam. Então, do outro lado do átrio, um cliente pôs-se em pé, prestes a ir-se embora.

Observei a Senhora Fujiwara ir ter com ele, um homem novo e de aspecto cuidado, em mangas de camisa. Cumprimentaram-se e começaram a cavaquear animadamente. O homem fez qualquer observação enquanto fechava a pasta e a Senhora Fujiwara riu com gosto. De novo trocaram várias reverências e depois ele desapareceu no bulício da tarde. Fiquei grata pela oportunidade de retocar as minhas emoções. Quando a Senhora Fujiwara voltou, disse-lhe:

"É melhor eu ir andando. Está muito ocupada neste momento."

"Deixe-se estar aí sossegada. Acabou de sentar-se agora mesmo. Vou buscar-lhe algo para almoçar."

"Não, não é preciso."

"Então, Etsuko, se não come aqui, fica mais uma hora sem almoçar. E sabe como é importante no seu estado comer regularmente."

"Sim, suponho que sim."

A Senhora Fujiwara observou-me atentamente durante uns momentos. Depois disse: "Ainda tem tudo a esperar da vida, Etsuko. O que é que a faz infeliz?"

"Infeliz? Mas eu não sou de modo nenhum infeliz."

Continuou a olhar-me e eu ri nervosamente.

"Quando a criança chegar", disse ela, "vai ficar encantada; acredite-me. E dará uma esplêndida mãe, Etsuko."

"Espero que sim."

"É claro que sim."

"Sim." Olhei para ela e sorri.

A Senhora Fujiwara fez um aceno de cabeça, depois levantou-se mais uma vez.

O interior da casa de Sachiko tornara-se progressivamente mais escuro — só havia uma lanterna na sala — e a princípio pensei que Mariko estivesse a observar uma mancha preta na parede. Estendeu um dedo e essa forma moveu-se um pouco. Só então percebi que era uma aranha.

"Mariko, deixa lá estar isso. Não é bonito."

Pôs ambas as mãos atrás das costas mas continuou a fitar a aranha.

"Nós dantes tínhamos uma gata", disse. "Antes de virmos para aqui. Ela costumava apanhar aranhas."

"Estou a ver. Não, Mariko, deixa isso em paz." "Mas não é venenoso?"

"Não, mas deixa isso, é sujo."

"A gata que nós tínhamos comia aranhas. Que aconteceria se eu comesse uma aranha?"

"Não sei, Mariko."

"Ficava doente?"

"Não sei." Voltei à costura que trouxera comigo. Mariko continuou a observar a aranha. Passado um bocado disse: "Eu sei porque vieste cá hoje."

"Vim porque as meninas pequenas não devem ficar sozinhas." "Vieste por causa da mulher. Porque a mulher pode voltar." "Por que é que não me mostras mais desenhos? Aqueles que me mostraste há bocadinho eram muito bonitos."

Mariko não respondeu. Foi até a janela e ficou a olhar para a escuridão lá fora.

"A tua mãe já não se deve demorar", disse eu. "Por que é que não me mostras mais alguns desenhos?"

Mariko continuou de olhar fixo na escuridão da noite. Passados alguns momentos voltou para o canto onde estivera

sentada antes de a aranha ter atraído a sua atenção.

"Como é que passaste o dia hoje, Mariko?", perguntei.

"Fizeste algum desenho?"

"Brinquei com Atsu e Mee-Chan."

"Muito bem! E onde é que eles vivem? São dos apartamentos?"

"Este é Atsu" — e apontou para um dos gatinhos pretos ao seu lado — "e este é Mee-Chan."

Ri. "Ah, estou a perceber. São uns gatinhos amorosos, não são? Mas tu nunca brincas com outras crianças? Com as crianças dos apartamentos?"

"Brinco com Atsu e Mee-Chan."

"Mas devias tentar travar amizade com as outras crianças. Tenho certeza que são todas muito simpáticas."

"Eles roubaram Suji-Chan. Era o meu gatinho preferido."

"Roubaram-no? Céus, por que é que terão feito isso?" Mariko começou a afagar um gatinho. "Agora fiquei sem Suji-Chan."

"Talvez ele apareça em breve. Com certeza que as crianças estavam apenas a brincar."

"Eles mataram-no. Perdi Suji-Chan."

"Ah! Por que será que fizeram uma coisa dessas?" "Atirei-lhes pedras. Porque eles disseram umas coisas." "Bem, não devias atirar pedras, Mariko."

"Disseram umas coisas. Sobre a mãe. Atirei-lhes pedras e eles levaram Suji-Chan e não o quiseram devolver."

"Bem, ainda tens os teus outros gatinhos."

Mariko atravessou de novo a sala em direção à janela. A sua altura permitia-lhe à justa apoiar os cotovelos no parapeito. Durante alguns minutos quedou-se a olhar para a escuridão lá fora, com o rosto colado ao vidro.

"Agora quero ir até lá fora", disse subitamente.

"Ir lá para fora? Mas já é muito tarde, está escuro lá fora. E a tua mãe deve chegar a qualquer momento."

"Mas eu quero ir lá para fora."

"Fica aqui, Mariko."

Continuou a olhar lá para fora. Tentei perceber o que seria visível para ela; de onde estava sentada só conseguia ver a escuridão.

"Talvez devesses ser mais simpática com as outras crianças. Talvez então se tornassem tuas amigas."

"Eu sei porque é que a mãe te pediu para vir cá." "Não podes esperar fazer amigos se Lhes atiras pedras." "É por causa da mulher. É porque a mãe sabe da mulher." "Não entendo de que estás a falar, Mariko-San. Conta-me mais coisas sobre os teus gatinhos. Vais fazer mais desenhos deles quando crescerem?"

"É porque a mulher pode aparecer outra vez. Foi por isso que a mãe te pediu."

"Não me parece."

"A mãe viu a mulher. Viu-a na outra noite." Parei de coser por uns segundos e olhei para Mariko. Voltara-se e fitava-me com um olhar estranhamente inexpressivo. "Onde é que a tua mãe viu essa pessoa?"

"Ali fora. Viu-a ali fora. Foi por isso que te pediu." Mariko afastou-se da janela e voltou para junto dos gatinhos. A gata aparecera e os gatinhos tinham-se enroscado perto da mãe. Mariko deitou-se ao lado deles e começou a sussurrar. Os seus sussurros eram vagamente perturbadores.

"A tua mãe deve estar a chegar", disse eu. "O que será que ela anda a fazer."

Mariko continuou a sussurrar.

"Ela falou-me de Frank-San", disse. "Parece ser um homem muito simpático."

Os sussurros pararam. Fitamo-nos uns instantes. "Ele é um homem mau", disse Mariko.

"Isso não é uma coisa bonita de se dizer, Mariko-San. A tua mãe falou-me dele e parece muito simpático. E estou certa que é muito amável contigo, não é?"

Levantou-se e foi até a parede. A aranha ainda lá estava. "Sim, certeza que é um homem simpático. É amável contigo, não é, Mariko-San?"

Mariko estendeu a mão para a aranha. Esta começou a mover-se com lentidão ao longo da parede.

"Mariko, não mexas nisso."

"A gata que tínhamos em Tóquio costumava apanhar aranhas. Éramos para a ter trazido conosco."

Eu conseguia ver a aranha mais distintamente na sua nova posição. Tinha pernas curtas e grossas e cada uma delas projetava a respectiva sombra na parede amarela.

"Era uma boa gata", continuou Mariko. "Era para vir conosco para Nagasaki."

"E trouxeram-na?"

"Desapareceu. Um dia antes de partirmos. A mãe prometeu-me que a traríamos, mas ela desapareceu."

"Compreendo."

Mexeu-se de repente e pegou na aranha por uma das pernas. As outras treparam freneticamente pela mão de Mariko enquanto ela tirava a aranha da parede.

"Mariko, larga isso. É sujo."

Mariko voltou a mão e a aranha começou a arrastar-se pela sua palma. Fechou a outra mão sobre a aranha para a encurralar.

"Mariko, põe isso no chão!"

"Não é venenoso", disse ela, aproximando-se de mim.

"Não, mas é sujo. Volta a pôr isso lá no canto."

"Mas não é venenoso."

Estava parada à minha frente, a aranha dentro das suas mãos em concha. Através de uma brecha nos seus dedos eu via uma das

pernas a mover-se lenta e ritmicamente.

"Volta a pôr isso ali no canto, Mariko!"

"Que aconteceria se eu a comesse? Não é venenosa." "Ficavas muito doente. Agora, Mariko, vamos lá pôr isso ali ao canto."

Mariko aproximou a aranha do rosto e abriu a boca. "Não sejas tola, Mariko. Isso é uma porcaria." A sua boca abriu-se mais e então as mãos desuniram-se e a aranha veio aterrar mesmo à minha frente. Assustei-me e recuei bruscamente. A aranha afastou-se rapidamente através do tatami, em direção à escuridão por trás de mim. Demorei alguns momentos a recuperar e nessa altura vi que Mariko saíra de casa.

VI



Já não me recordo ao certo quanto tempo passei à procura dela nessa noite. É bem provável que tenha sido muito tempo, pois nessa altura a minha gravidez já ia avançada e eu preocupava-me em evitar movimentos bruscos. Além disso, uma vez cá fora, comecei a sentir que a caminhada ao longo do rio me enchia de uma estranha serenidade. A erva era muito alta à beira-rio e nessa noite devia usar sandálias, pois lembro-me distintamente da sensação da erva nos meus pés. Enquanto caminhava ouvia o barulho dos insetos à minha volta.

Passado algum tempo, apercebi-me de um som distinto, um rumor sussurrante, como se uma cobra deslizasse na erva por trás de mim. Parei para escutar e percebi então o que causava esse ruído; um velho bocado de corda enredara-se à volta do meu tornozelo e eu tinha vindo a arrastá-lo através da erva. Tirei-o cuidadosamente e quando o segurei à luz do luar senti-o úmido e enlameado entre os meus dedos.

"Olá, Mariko", disse, pois ela estava sentada no chão, um pouco à frente, o queixo apoiado nos joelhos flectidos. Um salgueiro — um dos muitos que cresciam na margem do rio inclinava-se sobre o lugar onde ela estava sentada. Dei alguns passos até conseguir distinguir mais claramente o seu rosto.

"O que é isso?", perguntou ela.

"Nada. Enrolou-se no meu pé quando caminhava. ". "Mas de qualquer modo, o que é isso?"

"Nada, apenas um bocado de uma corda velha. O que fazes aqui? "Queres levar um gatinho?"

"Um gatinho?"

"A mãe diz que nós não podemos ficar com os gatinhos. Queres um?"

"Acho que não."

"Mas então temos de arranjar casas para eles depressa. Senão a mãe diz que teremos de os afogar."

"Isso seria uma pena."

"Podias ficar com Atsu."

"Veremos."

"Por que é que tens isso na mão?"

"Já te disse, não é nada. Apenas se enrolou no meu tornozelo." Dei mais um passo na sua direção." Por que é que estás a fazer isso, Mariko?"

"A fazer o quê?"

"Estavas agora mesmo a fazer uma cara muito esquisita."

"Não estava nada. Por que é que tens a corda?" Observei-a por um instante. O seu rosto mostrava sinais de medo.

"Então não queres um gatinho?", voltou a perguntar-me.

"Não, acho que não. O que é que tu tens?"

Mariko levantou-se. Caminhei até chegar perto do salgueiro. Reparei então que a casa de campo já se encontrava perto, distinguindo-se o recorte do telhado escuro de encontro ao céu enluzado. Ouvi o som dos passos de Mariko fugindo na escuridão.

Quando cheguei à porta da casa de campo ouvi lá dentro a voz encolerizada de Sachiko. Ambas se voltaram quando entrei. Sachiko estava no meio da sala, a filha diante dela. À luz da lanterna, o seu rosto cuidadosamente maquilhado fazia lembrar uma máscara.

"Temo que Mariko lhe tenha dado muito trabalho", disse-me." Bem, ela fugiu lá para fora."

"Pede desculpa à Etsuko-San." Agarrou no braço de Mariko com violência.

"Quero ir outra vez lá fora."

"Não sais daqui. Agora pede desculpa."

"Quero ir lá fora."

Com a mão que tinha livre Sachiko deu uma forte palmada no rabo da filha. "Agora pede desculpa à Etsuko-San."

Pequenas lágrimas apareceram nos olhos de Mariko. Olhou para mim rapidamente, depois voltou-se de novo para a mãe.

"Porque é que estás sempre a ir embora?"

Sachiko levantou de novo a mão ameaçadoramente. "Por que é que te vais sempre embora com Frank-San?" "Vais ou não pedir desculpa?"

"Frank-San mijá como um porco. Ele é um porco numa pocilga."

Sachiko fitou a filha, a mão ainda imobilizada no ar. "Ele bebe a sua própria urina."

"Silêncio!"

"Ele bebe a sua própria urina e caga na cama." Sachiko continuou a olhar fixamente para a filha, mas não se mexeu.

"Ele bebe a sua própria urina." Mariko libertou o braço e passeou-se ao longo da sala ostentando um ar de indiferença. À saída voltou-se e fitou a mãe. "Ele urina como um porco", repetiu; em seguida saiu e desapareceu na escuridão.

Sachiko ficou alguns momentos a olhar para a porta, aparentemente alheada da minha presença.

"Não deveria ir alguém atrás dela?", disse eu pouco depois. Sachiko olhou para mim e pareceu relaxar um pouco. "Não", disse, sentando-se. "Deixe-a estar."

"Mas é muito tarde."

"Deixe-a. Ela volta quando lhe apetecer."

Já algum tempo que uma chaleira fervia no fogão. Sachiko tirou-a do lume e começou a fazer o chá. Durante alguns momentos observei-a, depois perguntei-lhe brandamente:

"Encontrou o seu amigo?"

"Sim, Etsuko", disse. "Encontrei." Continuou a fazer o chá, sem levantar os olhos para mim. Depois disse: "Foi muito amável da sua parte ter cá vindo hoje. Peço imensa desculpa por causa de Mariko."

Continuei a observá-la. Momentos depois disse: "Quais são os seus planos agora?"

"Os meus planos?" Sachiko acabou de encher o bule, depois despejou para as chamas a água que sobrara. "Etsuko, já lhe disse muitas vezes que aquilo que é mais importante para mim é o bem-estar da minha filha. Isso vem antes de tudo o resto. Afinal de contas sou mãe. Não sou nenhuma coristazinha sem respeito pela decência. Sou mãe, e os interesses da minha filha vêm em primeiro lugar."

"Naturalmente."

"Tenciono escrever ao meu tio. Informá-lo-ei do meu paradeiro e contar-lhe-ei aquilo que ele tem direito a saber relativamente às circunstâncias atuais. Então se ele quiser, discutirei com ele a possibilidade de voltarmos lá para casa." Sachiko pegou no bule com ambas as mãos e começou a abaná-lo levemente. "Na verdade, Etsuko, estou até bem contente por as coisas terem tomado este rumo. Imagine como teria sido desestabilizador para a minha filha encontrar-se de repente num país cheio de estrangeiros, num país de ianques. E imagine como teria sido desconcertante para ela ter subitamente um ianque como pai. Compreende o que quero dizer, Etsuko? Ela já teve perturbações suficientes na sua vida, merece ter uma vida estável, algures. Até foi bom as coisas terem-se desenrolado assim."

Murmurei qualquer coisa em sinal de assentimento. "As crianças, Etsuko", continuou, "significam responsabilidades. Vai descobrir isso por si própria muito em breve. E é disso precisamente que ele tem medo, qualquer pessoa pode ver isso. Ele tem medo de Mariko. É claro que não posso aceitar isso, Etsuko. A minha filha vem em primeiro lugar. Ainda bem que as coisas tomaram este rumo." Continuou a agitar o bule nas mãos.

"Isto tudo deve ser muito angustiante para si", disse eu, momentos depois.

"Angustiante?" — Sachiko riu. "Etsuko, pensa que insignificâncias destas me afligem? Quando tinha a sua idade, talvez. Mas agora já não. Passei por muita coisa nos últimos anos. De qualquer modo, eu já contava com isto. Ah, sim, não estou nada surpreendida. Eu contava com isto. Da última vez, em Tóquio, foi tudo muito semelhante. Ele desapareceu e gastou todo o nosso dinheiro, em três dias gastou-o todo na bebida. E muito desse dinheiro era meu também. Sabe, Etsuko, que até trabalhei como criada num hotel? Sim, como criada. Mas não me queixei; nós já tínhamos quase o dinheiro todo, mais algumas semanas e poderíamos estar num navio a caminho da América. Mas então ele gastou o dinheiro todo na bebida. Passei aquelas semanas todas de joelhos esfregando o chão, e em três dias ele gastou o dinheiro todo na bebida. E agora aí o temos de novo, num bar com a sua desprezível coristazinha. Como é que eu posso colocar o futuro da minha filha nas mãos de um homem assim? Sou mãe e a minha filha vem em primeiro lugar."

Ficamos de novo em silêncio. Sachiko pousou o bule à sua frente e fixou nele o seu olhar.

"Espero que o seu tio se mostre compreensivo", disse eu.

Ela encolheu os ombros. "No que diz respeito ao meu tio, Etsuko, discutirei o assunto com ele. Estou disposta a fazê-lo pelo bem de Mariko. Se ele não se mostrar prestável, então terei de

arranjar outra alternativa. De qualquer modo, não tenho qualquer intenção de ir para a América com um bêbado estrangeiro. Ainda bem que ele encontrou uma corista para beber com ele. Estou certa que estão bem um para o outro. Mas naquilo que me diz respeito, farei aquilo que for melhor para Mariko, está decidido."

Sachiko continuou a fitar o bule durante mais algum tempo. Depois suspirou e levantou-se. Foi até a janela e perscrutou a escuridão.

"Vamos agora à procura dela?", sugeri.

"Não", disse Sachiko, ainda a olhar lá para fora. "Ela não tarda a voltar para casa. Se é o que ela quer, deixemo-la estar lá fora."

Atualmente arrependo-me das atitudes que tomei em relação a Keiko. Afinal de contas, neste país não é nada de extraordinário que uma garota daquela idade deseje sair de casa. Parece que tudo o que consegui fazer foi que quando ela finalmente partiu — há já quase seis anos — o tenha feito rompendo todos os laços comigo. Mas também nunca imaginei que ela pudesse assim tão rapidamente desaparecer para fora do meu alcance; tudo o que eu via era que a minha filha, infeliz como era em casa, não aguentaria o embate com o mundo exterior. Era para sua própria proteção que tão veementemente me opunha à sua saída de casa.

Nessa manhã — o quinto dia da visita de Niki — acordei de madrugada. O que primeiro me ocorreu foi que já não ouvia a chuva a cair, como nas noites e nas manhãs anteriores. Então, lembrei-me daquilo que me acordara.

Estava deitada sob os cobertores, olhando alternadamente para os objetos que eram visíveis à luz pálida que penetrava no quarto.

Alguns minutos depois, senti-me um pouco mais calma e voltei a fechar os olhos. Contudo, não consegui dormir. Pensei na

senhoria — na senhoria de Keiko — e em como ela tinha finalmente aberto a porta daquele quarto em Manchester.

Abri os olhos e mais uma vez olhei para os objetos do quarto. Finalmente, levantei-me e vesti o roupão. Encaminhei-me para a casa de banho, tentando não fazer barulho para não acordar Niki, que dormia no quarto de hóspedes ao lado do meu. Fiquei parada à saída da casa de banho durante algum tempo. Para lá da escadaria, ao fundo do corredor, via a porta do quarto de Keiko. Tal como habitualmente, a porta estava fechada. Continuei a olhar fixamente para ela, depois avancei alguns passos. Pouco depois dei comigo perante a porta do quarto. Uma vez, quando também aí me encontrava, pareceu-me ouvir um barulhinho, qualquer movimento lá dentro. Fiquei à escuta durante alguns momentos mas o som não se repetiu. Avancei e abri a porta.

Envolto por uma luminosidade pardacenta o quarto de Keiko tinha um aspecto severo; a cama coberta por um único lençol, o toucador branco, e no chão várias caixas de cartão contendo aqueles pertences que ela não levava consigo para Manchester. Dei alguns passos para o interior do quarto. As cortinas estavam abertas e via-se o pomar lá em baixo. O céu, com uma tonalidade alva e branca, não deixava adivinhar chuva. Lá em baixo na relva, sob a janela, dois pássaros debicavam algumas maçãs caí das no chão. Comecei então a ficar com frio e regressei ao meu quarto.

"Uma amiga minha anda a escrever um poema sobre a mãe", disse Niki. Estávamos a tomar o pequeno-almoço na cozinha.

"Sobre mim? Por que diabo é que ela está a fazer uma coisa dessas?"

"Eu falei-lhe de si e ela decidiu que havia de escrever um poema. É uma poetisa brilhante."

"Um poema sobre mim? Mas que absurdo! O que é que há a escrever sobre mim? Nem sequer me conhece."

"Já lhe disse, mãe. Falei-lhe de si. É espantoso como ela compreende bem as pessoas. Sabe, ela própria também já tem passado maus bocados."

"Compreendo. E que idade tem essa tua amiga?" "Mãe, está sempre tão obcecada com a idade das pessoas! Não é a idade de alguém que interessa, mas sim as experiências que viveu. Uma pessoa pode ter cem anos e não ter vivido nadinha."

"Suponho que sim." Dei uma gargalhada e lancei uma olhadela lá para fora; começara a choviscar.

"Falei-lhe de si", disse Niki. "De si e do pai e de como deixou o Japão. Ela ficou muito impressionada e calcula como deve ter sido; calcula que não foi assim tão fácil como parece."

Durante alguns momentos, continuei de olhar fito nas janelas. Depois disse rapidamente: "Tenho certeza que a tua amiga escreverá um poema maravilhoso." Tirei uma maçã da fruteira e Niki observou-me enquanto a descascava com a faca.

"Há tantas mulheres", disse ela, "que ficam presas aos filhos e a maridos desprezíveis e que são tão infelizes. Mas não conseguem arranjar coragem para fazer a mais pequena coisa que altere a situação. Continuarão assim para o resto da vida."

"Compreendo. Então estás a dizer que deviam abandonar os filhos, Niki?"

"Percebo o que quer dizer. É patético quando as pessoas desperdiçam as suas vidas."

Não falei, embora a minha filha tivesse feito uma pausa, como se esperasse que eu o fizesse.

"De certeza que o que a mãe fez não foi fácil. Devia sentir-se orgulhosa daquilo que fez com a sua vida."

Continuei a descascar a maçã. Quando acabei, limpei os dedos ao guardanapo.

"Os meus amigos pensam todos o mesmo", disse Niki. "Pelo menos aqueles a quem contei."

Fico muito lisonjeada. Por favor agradece aos teus maravilhosos amigos."

"Estava apenas a contar o que eles disseram."

"Bem, expuseste o teu ponto de vista muito claramente."

Talvez eu tenha sido desnecessariamente áspera com ela nessa manhã, mas era presunção de Niki supor que eu precisasse de ser tranquilizada em relação a esses assuntos. Aliás, ela faz uma ideia muito vaga daquilo que na realidade se passou naqueles últimos dias em Nagasaki. Suponho que ela construiu uma imagem a partir daquilo que o pai lhe contou. É, pois, inevitável que tal imagem tenha as suas inexatidões. Até porque, na verdade, e apesar dos notáveis artigos que escreveu sobre o Japão, o meu marido nunca compreendeu a nossa cultura, muito menos um homem como Jiro. Não posso dizer que recordo Jiro com afeto, mas também nunca foi o imbecil que o meu marido queria ver nele. Jiro trabalhava arduamente para cumprir as obrigações que tinha para com a família, e esperava que eu cumprisse as minhas; na sua maneira de ver as coisas podia ser considerado um marido dedicado. E na verdade, durante os sete anos em que estive com a filha foi um bom pai para ela. O que quer que seja de que eu me tenha convencido durante esses últimos dias, sempre soube que Keiko iria sentir a sua falta.

Mas estas coisas pertencem a um passado já muito distante e não sinto desejo algum de refletir de novo sobre elas. Os meus motivos para deixar o Japão eram perfeitamente justificáveis, e tenho consciência que sempre tomei em consideração os interesses de Keiko. Não se ganha nada em remexer outra vez nestas questões.

Estava já há algum tempo a aparar as plantas que se encontravam nos vasos ao longo do parapeito da janela quando me apercebi que Niki estava muito quieta. Quando me volvei, ela encontrava-se em frente da lareira, e o seu olhar passava por mim sem se deter, fixando-se lá fora no jardim. Voltei-me de novo para a

janela, tentando seguir o seu olhar; apesar de o vidro estar embaciado pela neblina, ainda se conseguia distinguir perfeitamente o jardim. Pareceu-me que Niki fitava um ponto junto da sebe, onde a chuva e o vento haviam destroçado as canas que suportavam as jovens plantações de tomate.

"Acho que este ano não vamos ter tomate; ficou tudo arruinado", disse eu. "Na verdade foi um bocado de negligência da minha parte."

Ainda olhava para as canas quando ouvi o som de uma gaveta a abrir-se, e quando de novo me volvei, Niki retomara as suas buscas. Depois do pequeno-almoço decidira ir ler todos os artigos de jornal que o pai escrevera; passara assim grande parte da manhã remexendo em todas as gavetas e prateleiras da casa.

Continuei durante alguns minutos a tratar dos meus vasos; muitos deles amontoavam-se desordenadamente no parapeito da janela. Ouvia Niki por trás de mim abrindo e fechando gavetas. Depois sossegou de novo, e quando me volvei para ela, via-a outra vez absorta fitando o jardim.

"Bem, acho que agora vou ver o peixe vermelho", disse ela. "O peixe vermelho?"

Niki saiu da sala sem me responder, e instantes depois vi-a caminhando pelo relvado. Limpei um pouco de neblina do vidro e observei-a. Dirigiu-se até o extremo do jardim, onde se encontrava o viveiro de peixes no meio das grutinhas. Deitou a comida lá dentro, e ali ficou vários segundos absorta, contemplando aquele cenário. Via a sua silhueta de perfil; parecia muito delgada, e apesar das roupas segundo o último grito da moda, ainda havia nela algo de inequivocamente pueril. O vento desordenou os cabelos e perguntei-me por que teria saído sem casaco.

Na vinda deteve-se perto das plantações de tomate e apesar dos fortes chuviscos ficou a contemplá-las durante algum tempo. Então aproximou-se alguns passos e começou a endireitar as canas

com muito cuidado. Levantou muitas que tinha caído e depois, agachando-se de tal modo que os joelhos quase tocavam na erva molhada, ajustou a rede que eu colocara no solo para proteger as plantações dos pássaros.

"Obrigada, Niki", disse-lhe quando ela regressou. "Foi muito atencioso da tua parte."

Murmurou qualquer coisa e sentou-se no sofá. Reparei que tinha ficado muito embaraçada.

"Realmente este ano tenho negligenciado as plantações de tomate", continuei. "Mas isso não tem assim muita importância, acho eu. Atualmente nunca sei o que fazer com tanto tomate. No ano passado dei a maior parte aos Morrison."

"Oh, meu Deus", disse Niki, "os Morrison. E como estão os velhos Morrison?"

"Niki, os Morrison são muito boas pessoas. Nunca percebi por que te mostras tão depreciativa. Em tempos tu e a Cathy foram amicíssimas."

"Ah, sim, a Cathy. E como está ela atualmente? Suponho que ainda deve viver em casa dos pais."

"De fato vive. E agora trabalha num banco." "Muito típico. "Na idade dela parece-me ser uma coisa perfeitamente sensata. E a Marilyn já casou, sabias?"

"Ah, sim? E casou com quem?"

"Não me recordo da profissão do marido. Encontrei-o uma vez e pareceu-me muito amável."

"Calculo que seja um pároco ou qualquer coisa desse tipo." "Bem, Niki, realmente não vejo por que esse tom. Os Morrison sempre foram extremamente simpáticos conosco."

Niki suspirou impacientemente. "Isso é apenas a maneira que eles têm de fazer as coisas", disse. "Enjoa-me, tal como o modo como educaram os filhos."

"Mas tu mal tens visto os Morrison nos últimos anos."

"Vi-os vezes suficientes quando me dava com a Cathy. Não há nada a fazer com pessoas como eles. Acho que devia sentir pena de Cathy."

"Censurá-la só porque ela não foi morar em Londres como tu? Devo dizer, Niki, que isso não condiz nada com a tolerância e abertura de espírito de que tu e teus amigos tanto se parecem orgulhar."

"Oh, não importa. De qualquer modo a mãe não entende aquilo de que estou a falar." Deitou-me uma olhadela, depois deu outro suspiro. "Não tem importância", repetiu, olhando para o outro lado.

Por momentos, continuei a fitá-la. Pouco depois voltei ao parapeito da janela e durante alguns minutos trabalhei em silêncio.

"Sabes, Niki", disse passado algum tempo, "agrada-me saber que tens bons amigos com quem gostas de estar. Afinal de contas, está na altura de viveres a tua vida. Isso é o mais natural."

A minha filha não retorquiu. Quando olhei para ela de relance, estava a ler um dos jornais que encontrara na gaveta.

"Gostava de conhecer os teus amigos", disse. "Sabes que serão sempre bem-vindos se os quiseres trazer cá."

Niki agitou de leve a cabeça para evitar que os cabelos lhe tirassem a visão e continuou a ler. O seu rosto assumira uma expressão de grande concentração.



Voltei às minhas plantas, pois compreendia perfeitamente o significado destes sinais. Niki adota uns modos sutis e contudo muito enfáticos sempre que manifesto alguma curiosidade em relação a sua vida em Londres; é o seu modo de me dizer que me

arrependerei se persistir. Consequentemente, a imagem que tenho da sua vida atual é largamente construída sobre especulações. Nas suas cartas, contudo — e Niki nunca se esquece de escrever — menciona certas coisas que nunca tocaria em conversa. Foi desse modo que soube, por exemplo, que o seu namorado se chama David, e que estuda política numa universidade de Londres. E no entanto, se durante a conversa lhe perguntasse como é que ele tem passado, sei que uma barreira se interporia firmemente entre nós.

Esta defesa um tanto agressiva da privacidade faz-me lembrar a irmã; pois, na verdade, as minhas duas filhas tinham muito em comum, muito mais do que o meu marido alguma vez admitiria. Na sua opinião, elas eram completamente opostas; além do mais, passou a defender a tese que Keiko era uma pessoa difícil por natureza e que por conseguinte muito pouco poderíamos fazer por ela. De fato, embora nunca o tivesse proclamado abertamente, insinuava que Keiko herdara do pai o seu feitio. Pouco fiz para o contradizer, pois era a explicação mais fácil, que a culpa era de Jiro e não nossa. Evidentemente, o meu marido não conheceu Keiko nos seus primeiros anos de vida. Se a tivesse conhecido, teria visto como as duas garotas eram parecidas durante a primeira fase da infância. Ambas tinham temperamentos impetuosos, ambas eram possessivas; se algo as aborrecia, não esqueciam rapidamente, como certas crianças, mas permaneciam mal-humoradas para o resto do dia. E, contudo, uma tornou-se uma mulher feliz e segura de si — depósito todas as esperanças no futuro de Niki — enquanto a outra, depois de se ter tornado cada vez mais infeliz, decidiu pôr termo à vida. Para mim não é assim tão simples como para o meu marido atribuir as culpas à natureza, ou então a Jiro. Contudo, estas coisas pertencem ao passado, e pouco há a ganhar em as dissecar de novo.

"A propósito, mãe", disse Niki. "Era mesmo a mãe esta manhã, não era?"

"Esta manhã?"

"Ouvi uns barulhos esta manhã. Muito cedo, por volta das quatro horas."

"Desculpa ter-te incomodado. Sim, era eu." Comecei a rir.
"Por quê? Quem mais pensaste que pudesse ser?"

Continuei a rir e durante alguns instantes não consegui parar. Niki fitava-me, segurando nas mãos o jornal aberto. "Bem, lamento ter-te acordado, Niki", disse, conseguindo finalmente controlar o riso.

"Não faz mal, estava acordada, de qualquer modo. Parece que ultimamente não consigo dormir como deve ser."

"E depois de todo aquele rebuliço que fizeste por causa dos quartos. Talvez devesse ir ao médico."

"Talvez vá." Niki voltou ao jornal.

Pousei as tesouras que estivera a utilizar e virei-me para ela.

"Sabes, é estranho. Voltei a ter aquele sonho outra vez."

"Que sonho?"

"Contei ontem, mas suponho que não ouviste. Sonhei outra vez com aquela garota."

"Que garota?"

"Aquele que vimos no balanço no outro dia. Quando fomos à aldeia tomar café."

Niki encolheu os ombros. "Ah, essa", disse sem erguer os olhos do jornal.

"Bem, na verdade, não se trata de fato dessa garota. Percebi isso esta manhã. Parecia ser essa garota, mas não era."

Niki olhou-me de novo. Depois disse: "Suponho que quer dizer com isso que era ela. Keiko."

"Keiko?" Ri. "Que ideia esquisita. Por que seria Keiko? Não, não tinha nada a ver com Keiko."

Niki continuou a me olhar com ar de dúvida.

"Era apenas uma garota que conheci há tempos", disse. "Há muito tempo."

"Que garota?"

"Ninguém que conheças. Foi há muito tempo."

Niki encolheu outra vez os ombros. "Nem sequer consigo dormir. Acho que a noite passada só dormi umas quatro horas."

"Isso é muito inquietante, Niki. Especialmente na tua idade. Talvez devesses ir ao médico. Podias ir ao Dr. Ferguson."

Niki fez mais um dos seus gestos de impaciência e voltou ao artigo do pai. Observei-a durante alguns momentos.

"Na verdade, percebi mais", disse eu. "Mais outra coisa sobre o sonho." Minha filha não pareceu me ouvir.

"Sabes", disse eu, "afinal a garota não está num balanço. No início parecia, mas não é um balanço."

Niki murmurou qualquer coisa e continuou com a leitura.

SEGUNDA PARTE

VII



"À medida que o verão ia ficando mais quente, a extensão de terra devastada em frente ao nosso prédio tornava-se cada vez mais desagradável. Grande parte da terra estava seca e estalada, ao passo que a água que se acumulara durante a estação das chuvas permanecia nas valas e buracos mais profundos. O solo era um viveiro para todo o tipo de insectos, e particularmente os mosquitos pareciam estar por todo o lado. Nos apartamentos ouviam-se as queixas habituais, mas com o passar dos anos a cólera por causa dessa extensão de terra tornara-se resignada e cínica.

Nesse Verão, atravessava essa área regularmente para ir a casa de Sachiko, e era, de fato, um percurso horrível; os insetos prendiam-se muitas vezes ao cabelo e por entre as fendas do terreno via-se todo o tipo de larvas e vermes. Ainda relembro com vivacidade esses trajetos, que — tal como as apreensões em relação à maternidade e a visita de Ogata-San — servem hoje para conferir uma certa clareza a esse Verão. E, contudo, em numerosos aspectos aquele Verão não se distinguiu de muitos outros. Passei muitos momentos — tal como haveria de fazer ao longo dos anos seguintes — absorta, fitando a paisagem que via da janela do meu apartamento. Nos dias mais claros a minha vista alcançava muito para além das árvores da outra margem do rio, e distinguia o pálido contorno das colinas de encontro às nuvens. Não era um panorama

desagradável, e em certas ocasiões trouxe-me uma rara sensação de alívio, e quebrou o vazio das longas tardes que passei naquele apartamento.

Para além da questão da terra devastada, outros assuntos preocupavam nesse Verão a vizinhança. Os jornais só falavam do fim da ocupação, e em Tóquio os políticos andavam muito ocupados em acesos debates uns com os outros. Nos apartamentos discutia-se este assunto com muita frequência, mas com muito do cinismo que perpassava na conversa fiada sobre a terra devastada. Mas aquilo que suscitava maior atenção eram as notícias dos assassinatos de crianças, que então alarmavam Nagasaki. Primeiro um rapazinho, depois uma menininha, foram espancados até a morte. Quando uma terceira vítima, outra menininha, foi encontrada enforcada numa árvore, quase se gerou o pânico entre as mães da vizinhança. Compreensivelmente, o fato de os incidentes terem ocorrido no outro extremo da cidade de pouco conforto servia. Passou a ser raro verem-se crianças à volta dos blocos habitacionais, particularmente a partir do fim da tarde.

Não sei até que ponto estas notícias terão preocupado Sachiko na altura. É certo que parecia menos inclinada a deixar Mariko sozinha, mas suspeito que isto tinha mais a ver com a evolução de certos acontecimentos na sua vida; recebera resposta do tio, expressando a sua vontade em recebê-los de novo, e logo a seguir a estas notícias notei uma mudança na atitude de Sachiko para com a filha: parecia mais calma e paciente com a criança.

Sachiko ficara muito aliviada com a carta do tio, e de início eu não tinha motivos para duvidar que ela voltasse para sua casa. Contudo, e à medida que os dias passavam, comecei a ter sérias dúvidas quanto às suas intenções. Em primeiro lugar, porque alguns dias depois da chegada da carta descobri que não falara no assunto a Mariko. E por outro lado, à medida que as semanas passavam, Sachiko não só não começara quaisquer preparativos para a partida,

como também não enviara qualquer resposta ao tio, tal como acabei por descobrir.

Se Sachiko não se tivesse mostrado tão singularmente relutante em falar da família do tio, duvido que me tivesse ocorrido tal possibilidade; mas assim a minha curiosidade foi crescendo e apesar das reticências de Sachiko, consegui reunir algumas impressões. Em primeiro lugar, parece que o tio não era parente de sangue, mas sim parente do marido de Sachiko; Sachiko só o conhecera quando alguns meses antes chegara a sua casa. O tio era rico, e visto que a sua casa era invulgarmente grande sendo a filha e uma criada os outros únicos ocupantes — havia muito espaço para Sachiko e a filha. Na verdade, uma coisa que Sachiko mencionou realmente mais do que uma vez, foi o fato de grande parte da casa permanecer vazia e silenciosa. Fiquei particularmente curiosa em relação à filha do tio de Sachiko, que deduzia ser uma mulher solteira aproximadamente da idade de Sachiko. Sachiko falava pouco da prima, mas recorde-me de uma conversa que tivemos por essa altura. Formara já então a ideia que a demora de Sachiko em voltar para casa do tio tinha a ver com qualquer tipo de tensão que existia entre ela e a prima. Devo ter insinuado isso a Sachiko nessa manhã, pois deu azo a uma das raras ocasiões em que falou explicitamente sobre o período que passara em casa do tio. Recordo com vivacidade essa conversa; era uma dessas manhãs secas e sem vento de meados de agosto e estávamos na ponte do alto da colina, esperando o bonde que nos levaria à cidade. Não me recordo onde íamos nesse dia, ou onde deixáramos Mariko, pois lembro-me que acriança não estava conosco. Sachiko observava a vista da ponte, e colocara uma mão em frente do rosto para o proteger do sol.

"Intriga-me, Etsuko", disse ela, "como pôde formar tal ideia. Pelo contrário, eu e Yasuko éramos muito amigas, e estou ansiosa por a ver de novo. Realmente não percebo como pode ter pensado outra coisa, Etsuko."

"Desculpe, devo-me ter enganado", disse eu. "Por qualquer razão supus que tinha algumas reservas a voltar para lá."

"De modo nenhum, Etsuko. É de fato verdade que quando me conheceu considerava outras alternativas. Mas não se pode censurar uma mãe por considerar as diferentes opções que se levantam em relação à sua filha, não? Acontece que durante uns tempos parecia uma possibilidade interessante que se abria para nós. Mas agora que já pensei melhor no assunto, rejeito-a. E é só isto, Etsuko, os outros planos que me foram sugeridos já não me interessam. Estou satisfeita por tudo se ter resolvido da melhor maneira e estou ansiosa por voltar para casa do meu tio. No que respeita a Yasuko-San, temos a maior consideração uma pela outra. Não compreendo o que a pode ter induzido a supor o contrário, Etsuko."

"Peço imensa desculpa. Só que me pareceu que uma vez mencionou uma briga qualquer."

"Uma briga?"

Olhou-me por um instante e depois um sorriso aflorou-lhe aos lábios. "Ah, agora percebo aquilo a que se refere. Não, Etsuko, isso não foi briga nenhuma, apenas um atrito trivial. Deixe-me cá ver qual foi a razão. Está a ver, nem sequer me lembro, foi tão trivial. Ah, já sei, foi isso, discutimos sobre qual das duas faria o jantar. Sim, realmente foi só isso. Sabe, Etsuko, nós costumávamos funcionar por turnos. Uma noite cozinhou a criada, na noite seguinte era a minha prima, e depois era a minha vez. Houve um dia em que a criada não pôde fazer o jantar porque adoeceu; ora tanto eu como Yasuko queríamos cozinhar. Mas não deve interpretar mal. Etsuko, nós geralmente dávamo-nos muito bem. Só que às vezes, quando se lida demasiado com uma só pessoa e não se contacta com mais ninguém; as coisas assumem uma importância excessiva. "Sim, compreendo perfeitamente. Desculpe-me, enganei-me de fato."

"Sabe, Etsuko, quando se tem uma criada que nos faz todas aquelas pequenas tarefas do dia a dia, é espantoso como o tempo passa devagar. Eu e Yasuko tentávamos ocupar-nos de um modo ou de outro, mas realmente pouco mais havia a fazer para além de nos sentarmos o dia todo a conversar. Durante todos esses meses que passamos juntas nessa casa, raramente vimos uma pessoa estranha. Até é de admirar não termos de fato brigado. A sério, quero dizer."

"Sim, de fato é. É evidente que a compreendi mal da primeira vez."

"Sim, Etsuko, parece-me que sim. Só me lembro deste incidente, porque ocorreu mesmo antes de partirmos e não voltei a ver a minha prima desde então. Mas é absurdo chamar a isso uma briga." Deu uma gargalhada. "De fato, calculo que Yasuko pense nisso e se ria também."

Talvez tenha sido nessa mesma manhã que decidimos que antes de Sachiko partir tiraríamos um dia para irmos dar um passeio algures. E assim foi: numa tarde quente, pouco tempo depois, acompanhei Sachiko e a filha á Inasa. Inasa é a zona de colinas de Nagasaki, com vista sobre o porto e famosa pelo cenário de montanha. Não era muito longe do lugar onde vivíamos — na realidade eram as colinas de Inasa que eu via da janela do meu apartamento — mas naqueles dias qualquer tipo de passeio era raro para mim, e a viagem a Inasa parecia uma excursão importante. Recordo-me que andei dias a ansiar por isso e creio que é uma das melhores recordações que tenho desses tempos.

Em plena tarde atravessamos para Inasa, de barco. Os ruídos do porto seguiram-nos através da água — o tinir dos martelos, o uivar das máquinas, e de vez em quando o som prolongado das sirenes dos navios — mas então não era desagradável ouvir esses sons em Nagasaki; eram os sons da reconstrução e nessa altura ainda conseguiam levantar-nos o moral.

Uma vez do outro lado, os ventos marítimos pareciam soprar mais livremente e o dia já não parecia tão sufocante. Os ruídos do porto, trazidos pelo vento, ainda chegavam até nós quando nos sentamos num banco no pátio da estação do teleférico. A brisa que então corria caiu bem, pois o pátio oferecia muito pouco abrigo do sol; não passava de uma área de concreto que — povoada nesse dia sobretudo por crianças acompanhadas pelas mães — mais parecia o recreio de uma escola. Num dos lados, por trás de um conjunto de catracas viam-se as plataformas de madeira onde chegavam as cabinas dos teleféricos. Durante alguns momentos continuamos sentadas, hipnotizadas pelo espetáculo dos teleféricos subindo e descendo; um deles elevava-se, afastando-se em direção às árvores, tornando-se gradualmente num pequeno ponto contra o céu, enquanto o seu companheiro descia, tornando-se cada vez maior, até que finalmente se detinha na plataforma. Numa pequena barraca ao lado das borboletas um homem acionava algumas alavancas; usava boné, e depois de cada teleférico ter descido em segurança, inclinava-se para fora da barraca e cavaqueava com um grupo de crianças que se havia juntado à sua volta para observar o que fazia.

Nesse dia o primeiro dos nossos encontros com a americana ocorreu em consequência de termos decidido ir de teleférico até o alto da colina. Sachiko e a filha tinham ido comprar os bilhetes, e durante uns momentos fiquei sentada no banco sozinha. Então reparei que no extremo do átrio havia uma pequena barraca que vendia doces e brinquedos. Pensei comprar um doce para Mariko, levantei-me e fui até lá. Estavam duas crianças à minha frente, discutindo a propósito do que haviam de comprar. Enquanto esperava a minha vez reparei nuns binóculos de plástico por entre os brinquedos. As crianças continuavam a discutir e eu lancei uma olhadela para o outro extremo do átrio. Sachiko e Mariko ainda estavam perto das borboletas; Sachiko parecia conversar com duas mulheres.

"Posso ser-lhe útil, minha senhora?"

As crianças tinham partido. Por detrás do balcão encontrava-se um homem jovem, envergando uma elegante farda de Verão.

"Posso experimentá-los?" Apontei para os binóculos." "Certamente, minha senhora. É apenas um brinquedo, mas é muito eficaz."

Aproximei os binóculos do rosto e dirigi-os para a encosta da colina; eram surpreendentemente potentes. Foquei depois o átrio e as lentes mostraram-me Sachiko e a filha. Nesse dia Sachiko vestia um quimono de tons claros, cingido por uma elegante faixa bordada — um traje que suspeito ser reservado só para ocasiões especiais — e a sua figura graciosa destacava-se no meio da multidão. Ainda estava a falar com as duas mulheres, uma das quais parecia estrangeira.

"Mais um dia quente, minha senhora", disse o homem quando lhe estendi o dinheiro. "Vão andar de teleférico?"

"Sim, vamos."

"Tem-se uma vista magnífica. Estamos construindo uma torre de teleférico lá em cima. No próximo ano o teleférico já vai até lá bem no alto."

"Isso é ótimo. Um bom dia para si."

"Obrigado, minha senhora."

Atravessei de novo o átrio, levando os binóculos na mão. Embora nessa altura não soubesse inglês, adivinhei imediatamente que a estrangeira era americana. Era alta, com cabelo ruivo ondulado, e usava óculos de formato tipo mariposa. Dirigia-se a Sachiko em voz muito alta e reparei com surpresa na facilidade com que Sachiko lhe respondia em inglês. A outra mulher era japonesa, nitidamente de formas arredondadas e parecia andar à volta dos quarenta anos. Ao seu lado encontrava-se um rapazinho baixo e gordo, com cerca de oito ou nove anos. Saudei-os quando cheguei, desejei-lhes um dia agradável e depois estendi os binóculos a Mariko.

"É só um brinquedo", disse-lhe. "Mas talvez consigas ver algumas coisas."

Mariko desfez o embrulho e examinou os binóculos com uma expressão séria. Experimentou-os, dirigindo-os primeiro para o átrio e depois lá para cima, para a encosta da colina.

"Agradece, Mariko", disse Sachiko.

Mariko continuou a olhar pelos binóculos. Depois afastou-os do rosto e enfiou a correia de plástico pela cabeça. "Obrigada, Etsuko-San", disse, um pouco contrariada. A americana apontou para os binóculos, disse qualquer coisa em inglês e riu-se. Os binóculos tinham igualmente atraído a atenção do rapazinho gordo, que antes estivera a observar a encosta da colina e o teleférico que vinha a descer. Deu alguns passos em direção a Mariko, com os olhos fitos nos binóculos.

"Foi muito simpático da sua parte, Etsuko", disse Sachiko. "Não tem importância, é apenas um brinquedo."

O teleférico chegou, passamos pelas borboletas e seguimos para a rudimentar plataforma de madeira. As duas mulheres e o rapazinho gordo pareciam ser os únicos passageiros para além de nós. O homem de boné saiu da sua barraca e introduziu-nos um a um na cabina do teleférico, cujo interior era metálico e austero. Havia amplas janelas de todos os lados e bancos acompanhavam as paredes maiores.

O teleférico permaneceu na plataforma durante vários minutos e o rapazinho gordo começou a andar de um lado para o outro impacientemente. A meu lado, Mariko olhava pela janela, de joelhos em cima do banco. Desse lado da cabina víamos o átrio e o ajuntamento dos jovens espectadores junto das borboletas. Mariko parecia estar a testar a eficácia dos binóculos, levando-os aos olhos num momento, afastando-os no momento seguinte. Depois o rapazinho gordo aproximou-se e ajoelhou-se ao lado dela no banco.

Durante uns instantes as duas crianças ignoraram-se mutuamente. Finalmente o rapaz disse:

"Agora quero dar uma olhadela." Estendeu a mão à espera dos binóculos. Mariko olhou para ele friamente.

"Akira, não é assim que se pede", disse-lhe a mãe. "Pede à menina delicadamente."

O rapaz afastou a mão e olhou para Mariko. Esta fitou-o também. O rapaz voltou-se e foi para outra janela.

As crianças perto das borboletas começaram a acenar quando o teleférico iniciou a sua subida. Agarrei-me instintivamente à barra de metal que se estendia a todo o comprimento da janela, e a americana riu nervosamente. O átrio tornava-se cada vez mais pequeno e então a ladeira começou a mover-se debaixo de nós; o teleférico balançava suavemente à medida que íamos subindo mais alto. Durante uns momentos as copas das árvores pareceram roçar nas janelas, depois abriu-se subitamente uma grande depressão debaixo de nós e ficamos suspensos no céu. Sachiko riu brandamente e apontou para qualquer coisa lá fora. Mariko continuou a olhar pelos binóculos.

O teleférico terminou a subida e nós andamos cautelosamente para a saída em fila indiana, como se não estivéssemos certos de ter chegado a terra firme. Lá em cima não havia pátio de concreto e saímos da plataforma de madeira diretamente para uma pequena clareira de grama. Além do homem fardado que nos conduziu para fora do teleférico não se via mais ninguém. Na parte de trás da clareira, já quase entre os pinheiros, havia várias mesas de madeira para piquenique. A orla da clareira onde desembarcamos era assinalada por uma vedação de metal que nos separava de uma área rochosa. Quando nos situamos, fomos até a vedação de metal e ficamos a olhar para o declive montanhoso que se inclinava abruptamente debaixo de nós. Passados uns momentos as duas mulheres e o rapaz juntaram-se a nós.

"É de fato de tirar a respiração, não é?", disse a mulher japonesa para mim. "Ando a mostrar à minha amiga todas as vistas interessantes. Ela nunca tinha estado no Japão."

"Compreendo. Espero que ela esteja a gostar." "Espero que sim. Infelizmente não percebo muito bem inglês. A sua amiga parece falar muito melhor do que eu."

"Sim, ela fala muito bem."

Ambas olhamos na direção de Sachiko. Ela e a americana trocavam de novo impressões em inglês.

"É tão bom ser assim instruída", disse a mulher. "Bem, espero que tenham um dia agradável."

Cumprimentamo-nos, depois a mulher gesticulou em direção à amiga americana, sugerindo-lhe que fossem andando.

"Por favor, posso ver?", pediu o rapazinho gordo com voz zangada.

Estendia de novo a mão. Mariko fitou-o como já fizera no teleférico.

"Quero vê-los", disse o rapaz, num tom já mais agressivo. "Akira, não te esqueças de pedir delicadamente à menina." "Por favor! Quero vê-los."

Mariko continuou a olhá-los por mais uns segundos, depois tirou a correia de plástico do pescoço e estendeu os binóculos ao rapaz. Este aproximou-os do rosto e durante alguns momentos observou a paisagem que se via para além da vedação.

"Estes binóculos não prestam", disse finalmente, virando-se para a mãe. "Não se comparam aos meus. Veja, mãe, nem sequer se conseguem ver bem aquelas árvores ali. Dê uma olhadela."

Estendeu os binóculos à mãe. Mariko tentou agarrá-los, mas o rapaz arrebatou-os e voltou a oferecê-los à mulher.

"Veja, mãe, nem se conseguem ver aquelas árvores, as mais próximas."

"Akira, agora devolve os binóculos à menina." "Não se comparam aos meus."

"Bem, Akira, isso não é nada simpático de se dizer. Sabes que nem toda a gente tem a sorte que tu tens."

Mariko estendeu de novo a mão para os binóculos e desta vez o rapaz largou-os.

"Agradece à menina", disse-lhe a mãe.

O rapaz não disse nada e afastou-se. A mãe riu sem convicção. "Muito obrigada", disse ela a Mariko. "Foste muito amável." Depois sorriu por sua vez para Sachiko e para mim. "Esplêndido panorama, não é?", disse. "Espero sinceramente que tenham um dia agradável."

O atalho estava coberto de folhas de pinheiro e avançava em ziguezague ao longo da encosta. Caminhávamos devagar, parando muitas vezes para descansar: Mariko estava sossegada e — para minha surpresa — não mostrava quaisquer sinais de tencionar portar-se mal. Mostrava, contudo, uma curiosa relutância em caminhar lado a lado com a mãe e comigo. Ora se deixava ficar para trás, fazendo-nos deitar ansiosas olhadelas por cima do ombro, ora passava por nós a correr e caminhava à nossa frente.



Aproximadamente uma hora depois de termos saído do teleférico voltamos a encontrar a americana. Descia com a sua companheira pelo atalho e, reconhecendo-nos, ambas nos saudaram alegremente. O rapazinho gordo, que seguia atrás delas, ignorou-nos. Ao passar por nós a americana disse algo em inglês para Sachiko, e quando esta replicou, deu uma sonora gargalhada. Parecia disposta a parar para conversar, mas a mulher japonesa e o

filho não abrandaram o passo; a americana acenou e continuou a caminhar.

Quando felicitei Sachiko pelo seu domínio do inglês ela riu e não disse nada. Reparei que este encontro tivera nela um efeito curioso. Ficou calada e caminhou ao meu lado absorta nos seus pensamentos. Então, quando mais uma vez Mariko nos ultrapassou a correr, disse-me:

"O meu pai era um homem muito respeitado, Etsuko. Mesmo muito respeitado. Mas as suas relações com o estrangeiro quase fizeram que o meu pedido de casamento fosse retirado." Esboçou um sorriso e abanou a cabeça. "Que esquisito, Etsuko. Tudo isso parece agora tão distante."

"Sim", disse eu. "As coisas mudaram tanto."

O atalho fazia uma curva pronunciada e começava de novo a subir. As árvores rareavam e sentimo-nos repentinamente dominadas pela imensidão do céu à nossa volta. Lá em cima, à nossa frente, Mariko gritava qualquer coisa e apontava algures. Depois continuou a correr excitadamente.

"Nunca tive muito contato com o meu pai", disse Sachiko. "Passava a maior parte do tempo no estrangeiro, na Europa e na América. Quando era mais nova, sonhava que um dia iria para a América e me tornaria atriz de cinema. A minha mãe ria-se de mim. Mas o meu pai disse-me que se eu soubesse bem inglês me poderia facilmente tornar uma mulher de negócios. Eu gostava de aprender inglês."

Mariko parara naquilo que parecia um planalto. De novo nos gritava qualquer coisa.

"Lembro-me que uma vez", continuou Sachiko, "o meu pai me trouxe um livro da América, uma versão inglesa de A Christmas Carol. Isso tornou-se numa espécie de ambição para mim, Etsuko. Queria aprender inglês para poder ler esse livro. Infelizmente nunca o cheguei a fazer. Quando casei o meu marido proibiu-me de

continuar a aprender inglês. Na verdade, obrigou-me a desfazer-me do livro." "Foi uma pena", disse eu.

"O meu marido era assim, Etsuko. Muito severo e patriótico. Nunca foi um homem muito atencioso. Mas vinha de uma família muito distinta e os meus pais consideravam-no um bom partido. Não protestei quando me proibiu de estudar inglês. Afinal, já não poderia vir a ter qualquer utilidade."

Chegamos ao lugar onde Mariko estava, uma área quadrangular que se estendia para além da vedação do atalho, formando uma saliência, e delimitada por vários pedregulhos. Um grosso tronco de árvore tombado no chão havia sido convertido num banco, e a sua superfície superior fora aplainada e polida. Eu e Sachiko sentamos para recobrar fôlego.

"Não te aproximes de mais da beira, Mariko", gritou Sachiko. A garota aproximara-se dos pedregulhos e estava a ver a paisagem com os binóculos.

Empoleirada na borda daquela montanha, observando aquele panorama, invadiu-me uma sensação de precaridade; muito abaixo de nós via-se o porto, que parecia uma massa compacta de maquinaria abandonada na água. Na margem oposta elevava-se o conjunto de colinas que conduzia a Nagasaki, cujo sopé fervilhava de casas e edifícios. À nossa direita o porto abria-se para o mar.

Ficamos ali sentadas por uns momentos, retomando fôlego e gozando a brisa. Depois eu disse:

"Ninguém pensaria que alguma vez algo aconteceu aqui, não? Tudo parece tão cheio de vida. Mas toda aquela área ali em baixo" — aponte para a vista debaixo de nós — "toda aquela área foi tão afetada quando a bomba caiu. Mas olhem para ela agora."

Sachiko aquiesceu, depois voltou-se para mim com um sorriso. "Como está bem disposta hoje, Etsuko", disse ela.

"É tão bom vir até aqui. Hoje decidi que vou ser optimista. Estou resolvida a ter um futuro feliz. A Senhora Fujiwara passa a

vida a dizer-me como é importante olhar em frente e ter esperança. E tem razão. Se as pessoas não fizessem isso, então tudo isto" — e de novo aponte para a paisagem — "tudo isto seria ainda um monte de entulho."

Sachiko voltou a sorrir. "Sim, é exatamente como diz, Etsuko. Não passaria tudo de entulho." Durante alguns momentos continuou a fitar a vista por baixo de nós. "A propósito, Etsuko", disse momentos depois, "a sua amiga, a Senhora Fujiwara. Deduzo que ela tenha perdido a família na guerra."

Anuí. "Tinha cinco filhos. E o marido era um homem importante em Nagasaki. Quando a bomba caiu morreram todos excepto o filho mais velho. Deve ter sido um choque tremendo para ela, mas continuou em frente."

"Sim", disse Sachiko, acenando lentamente com a cabeça, "pensei que algo desse tipo tivesse acontecido. E ela teve sempre aquele restaurante?"

"Não, claro que não. O marido era um homem importante. Isso foi só posteriormente, depois de ter perdido tudo. Sempre que a vejo, digo para mim própria que devia ser como ela, que devia olhar em frente. Porque em muitos aspectos ela perdeu mais do que eu. Afinal, olhe para mim agora. Estou prestes a começar a minha própria família."

"Sim, tem toda a razão." O vento revolteara o cabelo cuidadosamente penteado de Sachiko, que lhe passou a mão para o ajeitar, respirando depois profundamente. "Tem toda a razão, Etsuko, não devíamos continuar a pensar no passado. A guerra destruiu muitas coisas na minha vida, mas ainda tenho a minha filha. Tal como diz, temos de seguir em frente."

"Sabe", disse eu, "foi só nestes últimos dias que comecei realmente a pensar como irá ser. Quero dizer, ter uma criança. Agora já não tenho tanto medo. Vou passar a desejar que esse momento chegue. A partir de agora vou ser optimista."

"É isso mesmo que deve fazer, Etsuko. Afinal de contas, ainda tem muito a esperar da vida. Na verdade, vai descobrir em breve que o que torna a vida verdadeiramente digna de ser vivida é a maternidade. Que me importa se a vida for um pouco aborrecida em casa do meu tio? Eu só quero aquilo que for melhor para a minha filha. Vamos arranjar-lhe o melhor explicador particular e muito rapidamente ela retomará as suas atividades escolares. Tal como diz, Etsuko, temos de ter esperança na vida."

"Fico tão contente por pensar assim", disse eu. "Na realidade, devíamos estar ambas gratas. Podemos ter perdido muito na guerra, mas ainda temos tanta coisa a esperar da vida!"

"Sim, Etsuko. Ainda há muita coisa em que depositar esperança. Mariko aproximou-se mais um pouco e ficou de pé à nossa frente. Talvez tenha ouvido parte da conversa, pois disse-me:

"Vamos voltar a viver com Yasuko-San. A mãe já te tinha dito? "Sim", disse eu, "já. Estás ansiosa por ir viver outra vez para lá, Mariko-San?"

"Agora talvez possamos ficar com os gatinhos", disse a garota. "Há muito espaço em casa de Yasuko-San."

"Isso logo se vê, Mariko", disse Sachiko.

Mariko olhou para a mãe durante um instante. Depois disse: "Mas a Yasuko-San gosta de gatos. E de qualquer modo, Maru era a gata dela antes de a trazermos conosco. Portanto, os gatinhos também são dela."

"Sim, Mariko, mas logo se vê. Teremos de ver o que o pai de Yasuko-San pensará disso."

A garota fitou a mãe com um olhar zangado, depois voltou-se para mim mais uma vez. "Talvez possamos ficar com eles", disse, com uma expressão séria.

Por volta do fim da tarde nos encontramos de novo na clareira que víamos logo ao sair do teleférico. Ainda tínhamos alguns biscoitos e chocolates nos sacos e sentamos numa das mesas

de piquenique. No outro extremo da clareira, um magote de pessoas agrupara-se perto da vedação de metal, aguardando o teleférico que as levaria de novo para baixo.

Já há alguns minutos que estávamos sentadas na mesa de piquenique quando uma voz nos fez levantar o olhar. A americana caminhava a passos largos pela clareira, um sorriso largo estampado no rosto. Sem o menor sinal de acanhamento, sentou-se na nossa mesa, fez um sorriso para cada uma de nós, e depois dirigiu-se a Sachiko em inglês. Suponho que estaria grata pela oportunidade de comunicar de outro modo que não só por gestos. Olhei à minha volta e vislumbrei a mulher japonesa ali perto, vestindo um casaco ao filho. Parecia menos entusiasmada com a nossa companhia, mas pouco depois dirigiu-se para a mesa com um sorriso. Sentou-se à minha frente, e quando o filho se sentou ao seu lado vi até que ponto mãe e filho partilhavam as mesmas formas arredondadas; as suas bochechas carnudas e descaídas faziam visivelmente lembrar as de um buldogue. Durante todo esse tempo a americana continuou a falar com Sachiko em voz muito alta.

"À chegada dos estranhos, Mariko abriu o seu caderno de esboços e começou a desenhar. A mulher de cara gorda, depois de trocar comigo algumas joviais banalidades, virou-se para a garota.

"Então divertiste-te hoje?", perguntou a Mariko. "Isto aqui em cima é muito bonito, não é?"

Mariko continuou com os seus desenhos a carvão, sem levantar os olhos da folha. Contudo, isso não pareceu dissuadir minimamente a mulher de continuar com as perguntas.

"O que é que estás a desenhar?", perguntou. "Parece muito bonito."

Desta vez Mariko parou de desenhar e olhou friamente para a mulher.

"Isso parece muito bonito. Podemos ver?" A mulher estendeu a mão e pegou no caderno. "Não são bonitos, Akira?", disse para o

filho. "Não é verdade que a menina tem muito jeito?"

O rapaz inclinou-se sobre a mesa para ver melhor. Olhou para os desenhos com interesse, mas não se manifestou.

"São realmente muito bonitos." A mulher folheava as páginas. "Fizeste estes desenhos todos hoje?"

Durante uns momentos, Mariko permaneceu calada. Depois disse: "Os lápis são novos. Compramos esta manhã. É mais difícil desenhar com lápis novos."

"Compreendo. Sim, os lápis novos são mais rijos, não é? Aqui o Akira também desenha, não é Akira?"

"Desenhar é fácil", disse o rapaz.

"Não são uns desenhos muito bonitos, Akira?" Mariko apontou para a página em que o caderno estava aberto. "Não gosto deste aqui. Os lápis não estavam suficientemente usados. O da página seguinte é melhor."

"Oh sim! Este é lindo!"

"Fiz lá em baixo no porto", disse Mariko. "Mas estava muito barulho e muito calor, por isso fiz às pressas."

"Mas está muito bem. Gostas de desenhar?"

"Gosto."

Também Sachiko e a americana se tinham voltado para o caderno de Mariko. A americana apontava para o desenho e em voz muito alta proferia várias vezes a palavra japonesa que corresponde a "delicioso".

"E o que é isto?", continuava a mulher de cara gorda. "Uma borboleta! Deve ter sido muito difícil desenhá-la com tanta perfeição. Com certeza que ela não se manteve muito tempo no mesmo lugar."

"Eu lembrava-me", disse Mariko. "Já tinha visto uma antes." A mulher abanou a cabeça em assentimento, depois voltou-se para Sachiko. "Como a sua filha é esperta! Acho muito recomendável que uma criança use a memória e a imaginação. Há tantas crianças desta

idade que ainda copiam os desenhos dos livros. "Sim", disse Sachiko. "Suponho que sim."

Fiquei muito surpresa com o tom desabrido de Sachiko, pois estivera a falar com a americana de um modo bem afável. O rapazinho gordo inclinou-se mais sobre a mesa e pôs um dedo em cima da folha.

"Estes barcos são demasiado grandes", disse. "Se aquilo ali pretende ser uma árvore, então os barcos deveriam ser muito mais pequenos."

A mãe considerou esta observação durante um instante. "Bem, talvez", disse. "Mas não deixa de ser um lindo desenho. Não achas, Akira?"

"Os barcos são demasiado grandes", repetiu o rapaz. A mulher deu uma gargalhada. "Tem de desculpar Akira", disse ela para Sachiko. "Mas sabe, ele tem um explicador de desenho muito competente, e por isso tem obviamente muito mais discernimento em relação a estas coisas do que a maioria das crianças da sua idade. A sua filha tem explicador de desenho?"

"Não, não tem." Mais uma vez o tom de Sachiko era inequivocamente frio. A mulher, contudo, parecia não se aperceber disso.

"Não foi nada má ideia", continuou. "De início o meu marido opôs-se. Achava que já era suficiente que Akira tivesse explicações de matemática e ciências. Mas eu acho que o desenho também é importante. Uma criança deve desenvolver a sua imaginação muito cedo. Os professores lá da escola concordaram todos comigo. Mas onde ele faz mais progresso é na matemática. Penso que a matemática é muito importante, não acha?"

"Sim, de fato", disse Sachiko. "Estou certa que é muito útil." "A matemática estimula a inteligência das crianças. Vai ver que a maioria das crianças que são boas em matemática é boa em quase todo o resto. Eu e meu marido concordamos logo em arranjar um

explicador de matemática. E valeu realmente a pena. O ano passado Akira era sempre o terceiro ou quarto da aula, mas este ano tem sido sempre o primeiro."

"A matemática é fácil", proclamou o rapaz. Depois disse para Mariko: "Sabes a tabuada dos nove?"

A mãe riu outra vez. "Parece-me que a menina também é muito inteligente. É indiscutível que os seus desenhos prometem."

"A matemática é fácil", voltou a dizer o rapaz. "A tabuada dos nove é fácilima."

Sim, Akira já sabe a tabuada toda. Muitas crianças da idade dele só sabem até atabuada dos três ou dos quatro. Akira, quantos são nove vezes cinco?"

"Nove vezes cinco são quarenta e cinco."

"E nove vezes nove?"

"Nove vezes nove são oitenta e um."

A americana perguntou qualquer coisa a Sachiko, e quando esta acenou com a cabeça em assentimento bateu palmas e mais uma vez repetiu várias vezes a palavra "delicioso".

"A sua filha parece ser uma menina muito inteligente", disse a mulher de cara gorda para Sachiko. "Ela gosta de andar na escola? Akira gosta de quase todas as disciplinas. Para além de matemática e desenho, também vai muito bem a geografia. Aqui a minha amiga ficou muito surpreendida ao ver que Akira sabia os nomes de todas as grandes cidades americanas. Não foi, Suzie-San?" A mulher voltou-se para a amiga e titubeou algumas palavras em inglês. A americana não pareceu compreendê-las mas sorriu aprovadamente para o rapaz.

"Mas a matemática é a disciplina preferida de Akira. Não é, Akira?"

"A matemática é fácil!"

"E na escola quais são as disciplinas preferidas da menina?", perguntou a mulher, voltando-se de novo para Mariko.

Por uns momentos Mariko não respondeu. Depois disse: "Também gosto de matemática."

"Também gosta de matemática. Isso é esplêndido." "Então quantos são nove vezes seis?", perguntou-lhe o rapaz irritadamente.

"É tão bom quando as crianças se interessam pelo trabalho da escola, não é?", disse a mãe.

"Vá lá, quantos são nove vezes seis?"

Então eu perguntei: "O que é que Akira-San quer ser quando crescer?"

"Akira, diz à senhora o que vais ser quando fores grande." "Administrador da firma Mitsubishi."

"É a firma do pai", explicou a mãe. "Akira já sabe muito bem o que quer."

"Sim, estou a ver", disse eu, sorrindo. "Isso é magnífico." "Para quem é que o teu pai trabalha?", perguntou o rapaz a Mariko.

"Akira, não sejas tão curioso, isso não é bonito." A mulher voltou-se de novo para Sachiko. "Muitos rapazes da idade dele ainda dizem que querem ser polícias ou bombeiros. Mas já há muito tempo que Akira diz que quer trabalhar na firma Mitsubishi."

"Para quem é que o teu pai trabalha?", voltou a perguntar o rapaz. Desta vez a mãe em vez de intervir olhou para Mariko na expectativa.

"É guarda no jardim zoológico", respondeu Mariko. Durante um breve instante ninguém falou. Curiosamente, a resposta pareceu humilhar o rapaz, que se sentou no seu banco com ar amuado. Então a mãe disse com pouca convicção:

"Mas que ocupação interessante. Nós gostamos muito de animais. O jardim zoológico do seu marido é perto daqui?"

"Antes que Sachiko pudesse responder, Mariko já tinha saltado ruidosamente do banco, e afastava-se de nós sem uma palavra, em direção a umas árvores ali perto. Ficamos todos a observá-la durante um momento.

"Ela é a sua mais velha?", perguntou a mulher a Sachiko.
"Não tenho outros."

"Ah, estou a ver. Na verdade até não é mau. Desse modo uma criança torna-se mais independente. E muitas vezes acho que uma criança também trabalha mais. Há seis anos de diferença entre este" — pôs a mão na cabeça do rapaz — "e o mais velho. A americana soltou uma ruidosa exclamação e bateu palmas. Mariko trepava desenvoltamente pelos ramos de uma árvore. A mulher de cara gorda voltou-se e olhou para Mariko com preocupação.

"A sua filha é muito traquinas", disse.

A americana repetiu alegremente a palavra traquinas' e voltou a bater palmas.

"Será seguro?", perguntou a mulher de cara gorda. "Ela pode cair."

Sachiko sorriu e os seus modos para com a mulher pareceram subitamente tornar-se mais amistosos. "Não está habituada a ver crianças subir às árvores?", perguntou.

A mulher continuou a observar Mariko ansiosamente. "Tem certeza de que é seguro? Pode partir-se um ramo."

Sachiko deu uma gargalhada. "Tenho certeza de que a minha filha sabe o que está a fazer. De qualquer modo, muito obrigada pela sua preocupação. É muito amável da sua parte." Fez-lhe uma elegante reverência. A americana disse qualquer coisa a Sachiko, e recomeçaram a conversar em inglês. A mulher de cara gorda deixou de olhar para as árvores.

"Por favor não me considere impertinente", disse, pondo-me a mão no braço, "mas não pude deixar de reparar. É a sua primeira vez?"

"Sim", disse eu, rindo. "Deve nascer no outono."

"Esplêndido. E o seu marido, também é guarda de jardim zoológico?"

"Oh, não. Trabalha numa firma de eletrônica."

"Ah, sim?"

A mulher começou a dar-me conselhos relativamente aos cuidados a ter com os bebês. Entretanto, olhando por cima do seu ombro, vi o rapaz afastar-se da mesa em direção à árvore de Mariko.

"E é boa ideia fazer a criança ouvir boa música", dizia-me a mulher. "Estou certa que isso se refletirá mais tarde. Uma criança devia ouvir boa música, isso devia fazer parte dos seus primeiros sons."

"Sim, eu gosto muito de música."

O garoto estava no chão, perto da árvore, e erguia o olhar perplexo para Mariko.

"O nosso filho mais velho não tem tão bom ouvido para a música como Akira", continuava a mulher. "O meu marido diz que é porque ele não ouviu suficiente música boa quando era bebê, e acho que tem razão. Nesse tempo a rádio emitia muita música militar. Tenho certeza que não lhe fez bem nenhum."

À medida que a mulher continuava a falar via o garoto tentar encontrar no tronco da árvore um apoio para os pés. Mariko tinha descido um pouco e parecia dar instruções a ele. Ao meu lado a americana continuava a rir ruidosamente, dizendo de vez em quando palavras soltas em japonês. O rapaz conseguiu finalmente sair do chão; apoiava um pé numa fenda e agarrava-se a um ramo com as mãos. Embora a apenas alguns centímetros do chão, parecia estar sob grande tensão. É difícil dizer se ela o fez deliberadamente, mas ao descer da árvore a garota pisou com força nos dedos do garoto. Este guinchou e caiu desajeitadamente.

"A mãe voltou-se alarmada. Sachiko e a americana, nenhuma delas tendo presenciado o incidente, também se voltaram para o rapaz; estava deitado de lado, queixando-se ruidosamente. A mãe correu para ele e ajoelhando-se a seu lado começou a apalpar-lhe as pernas. O rapaz continuava com os queixumes. Os passageiros que na clareira esperavam pelo teleférico olhavam todos na nossa

direção. Aproximadamente um minuto depois o rapaz voltou para a mesa, soluçando, apoiado na mãe.

"Subir às árvores é tão perigoso", disse a mulher num tom zangado.

"Ele não caiu de muito alto", sosseguei-a. "Na verdade mal tinha subido à árvore."

"Pode ter partido um osso. Acho que as crianças deviam ser desencorajadas de subir às árvores. É tão idiota."

"Ela deu-me um pontapé", soluçou o rapaz. "Ela deu-me um pontapé para eu cair da árvore. Tentou matar-me."

"Ela deu-te um pontapé? A menina deu-te um pontapé?" Vi Sachiko lançar uma olhadela para a filha. Mariko estava outra vez no cimo da árvore.

"Tentou matar-me."

"A menina te deu um pontapé?"

"O seu filho apenas escorregou", interrompi bruscamente. "Vi tudo. Isso mal foi uma queda."

"Ela me deu um pontapé. Tentou me matar."

A mulher também se virou e olhou para a árvore.

"Ele apenas escorregou", voltei a dizer.

"Não devias fazer estas idiotices, Akira", disse a mulher, irritada. "É muito perigoso subir em árvore."

"Ela tentou me matar."

"Não debes subir nas árvores."

O garoto continuou a soluçar.



Nas cidades japonesas, muito mais do que na Inglaterra, os donos dos restaurantes, os proprietários das casas de chá, os lojistas,

todos parecem desejar que a noite caia; muito antes de a luz do dia se ter desvanecido já se veem lanternas nas janelas, já se acendem os letreiros luminosos por cima das portas. Nagasaki já brilhava com as cores da noite quando à tardinha regressamos ao centro da cidade; deixáramos Inasa ao fim da tarde e estivéramos a jantar no restaurante dos grandes armazéns Hamaya. Em seguida, relutantes em acabar o dia, perambulamos pelas ruas secundárias, sem nenhuma pressa de chegar à estação dos bondes. Lembro-me que começava a estar então na moda os casais jovens andarem de mão dada em público — algo que eu e Jiro nunca fizéramos — e enquanto caminhávamos vimos muitos desses casais à procura de divertimento noturno. Tal como em muitas noites de Verão, o céu colorira-se de um leve tom púrpura.

Muitas das barracas vendiam peixe, e a essa hora, em que os barcos de pesca começavam a chegar ao porto, viam-se frequentemente homens abrindo caminho pelas ruas secundárias apinhadas de gente, levando nos ombros cestos carregados de peixe acabado de pescar. Foi numa dessas ruas secundárias, cheia de lixo e de pessoas que por ali acidentalmente vagueavam que deparamos com a barraca de kujibiki. Como nunca tive o hábito de me entregar à kujibiki e visto que ela não tem equivalentes aqui na Inglaterra — excepto talvez em feiras — é bem possível que tivesse esquecido a existência de tal coisa se não se desse o caso de essa noite me trazer recordações especiais.

Ficamos atrás do ajuntamento de pessoas e observamos. Uma mulher pegava num rapazinho de dois ou três anos; em cima da plataforma, um homem com um lenço atado à volta da cabeça inclinava-se para a frente para que a criança pudesse chegar à tigela que ele segurava. O rapazinho conseguiu tirar uma rifa, mas não pareceu saber o que fazer com ela. Segurou-a na mão e olhou abstratamente para as caras divertidas que o rodeavam. O homem do lenço baixou-se mais e fez qualquer observação à criança, que

levou os espectadores mais próximos a rir. Finalmente a mãe pôs o rapazinho no chão, tirou-lhe a rifa da mão e estendeu-a ao homem. o prêmio foi um batom, que a mulher aceitou com uma gargalhada.

Mariko pusera-se nas pontas dos pés, tentando ver os prêmios expostos na parte de trás da barraca. Virou-se subitamente para Sachiko e disse:

"Quero comprar uma rifa."

"Mas isso é um desperdício de dinheiro, Mariko." "Quero comprar uma rifa." O seu tom de voz exprimia uma curiosa premência. "Quero experimentar o kujibiki.*"

**Kujibiki: barraca que vende loteria ou rifas.*

"Aqui tens, Mariko-San." Ofereci-lhe uma moeda. Virou-se para mim, um pouco surpreendida. Depois pegou na moeda e abriu caminho até chegar lá à frente.

Mais alguns participantes tentaram a sorte; uma mulher ganhou uma guloseima, um homem de meia-idade ganhou uma bola de borracha. Então chegou a vez de Mariko.

"Agora, minha princesinha" — o homem abanou a tigela — , "fecha os olhos, concentra-te e pensa naquele grande urso de pelúcia, acolá."

"Eu não quero o urso", disse Mariko.

O homem fez uma careta e as pessoas riram. "Não queres aquele urso grande de pelúcia? Bem, bem, princesinha, então o que é que queres?"

Mariko apontou para o fundo da barraca. "Aquele cesto", disse.

"O cesto?" O homem encolheu os ombros. "Está bem, princesa, fecha os olhos com força e pensa no teu cesto. Pronta?"

A rifa de Mariko correspondia a um vaso para plantas. Ela voltou para junto de nós e estendeu-me o prêmio.

"Não o queres?", perguntei. "Ganhaste."

"Eu queria o cesto. Agora os gatinhos precisam de ter um cesto próprio."

"Bem, deixa lá."

Mariko virou-se para a mãe. "Quero tentar mais uma vez."

Sachiko suspirou. "Já se está a fazer tarde."

"Quero tentar. Só mais uma vez."

Voltou de novo a abrir caminho até a plataforma. Enquanto esperávamos, Sachiko virou-se para mim e disse:

"É engraçado, mas fazia uma impressão completamente diferente dela. Refiro-me à sua amiga, à Senhora Fujiwara."

"Ah?"

Sachiko inclinou a cabeça para ver por entre os espectadores. "Não, Etsuko", disse, "receio nunca a ter visto do modo que você a vê. A sua amiga deu-me a impressão de uma mulher com uma vida vazia."

"Mas isso não é verdade", disse eu.

"Ah, não? Então o que é que ela ainda tem a esperar da vida, Etsuko? Qual é o objectivo da sua vida?"

"Tem o restaurante. Não é nada de grandioso, mas significa muito para ela."

"O restaurante?"

"E tem o filho. O filho dela tem à sua frente uma carreira promissora."

Sachiko olhava de novo para a barraca. "Sim, suponho que sim", disse com um sorriso cansado. "Suponho que ela tem o filho."

Desta vez Mariko ganhou um lápis, e voltou para junto de nós com uma expressão zangada. Começamos a andar, mas Mariko ainda olhava para a barraca de kujibiki."

"Vamos", disse Sachiko. "Etsuko-San tem de ir para casa."

"Quero tentar mais uma vez. Só mais esta vez." Sachiko suspirou com impaciência, depois olhou para mim. Encolhi os ombros e ri.

"Está bem", disse Sachiko. "Tenta mais esta vez." Mais algumas pessoas ganharam prêmios. Uma mulher jovem ganhou uma caixa de pó de arroz e a exatidão do prêmio provocou alguns aplausos. Ao ver Mariko aparecer pela terceira vez, o homem do lenço fez mais uma das suas caretas divertidas.

"Então, princesinha, de volta! Ainda queres o cesto? Não preferes aquele urso grande de pelúcia?"

Mariko não respondeu, esperando que o homem lhe estendesse a tigela. Quando ela retirou uma rifa, o homem examinou-a atentamente, depois lançou uma olhadela para trás de si, para o lugar onde os prêmios estavam expostos. Inspeccionou a rifa mais uma vez, depois fez finalmente um sinal de assentimento.

"Não ganhaste o cesto. Mas ganhaste um prêmio importante!" Houve gargalhadas e aplausos da assistência. O homem foi até o fundo da barraca e voltou com aquilo que parecia uma grande caixa de madeira.

"Para a tua mãe pôr os legumes!", proclamou — mais para a assistência do que para Mariko — e durante um breve instante mostrou o prêmio. Ao meu lado Sachiko desatou a rir e juntou-se aos aplausos. Formou-se um corredor para permitir que Mariko passasse com o seu prêmio.

Quando nos afastamos, Sachiko ainda ria. Ria tanto que pequenas lagriminhas perlavam seus olhos; limpou-as e olhou para a caixa.

"Que coisa com aspecto mais esquisito", disse, passando-a para mim.

Era do tamanho de um caixote de laranjas e surpreendentemente leve; a madeira tratada não fora envernizada, e num dos lados tinha duas portinholas de correr, de um arame fino.

"Pode vir a ser útil", disse eu, abrindo uma das portinholas. "Ganhei um prêmio importante", disse Mariko. "Sim, tiveste sorte", disse Sachiko.

"Uma vez ganhei um quimono", disse-me Mariko. "Em Tóquio uma vez ganhei um quimono."

"Bem, voltaste a ganhar um bom prêmio."

"Etsuko, não se importa de levar o meu saco? Assim eu posso transportar este objecto para casa."

"Ganhei um prêmio importante", repetiu Mariko. "Sim, portaste-te muito bem", disse-lhe a mãe e riu. Afastamo-nos da barraca de kujibiki. A rua estava cheia de jornais velhos e todo tipo de lixo.

"Os gatinhos podiam morar ali dentro, não podiam?", perguntou Mariko. "Podíamos pôr um tapete lá dentro e a caixa seria a casa deles."

Sachiko olhou com ar de dúvida para a caixa que segurava nos braços. "Não sei se eles gostariam muito dessa ideia."

"Podia ser a casa deles. Depois quando formos para casa de Yasuko-San levamo-los aqui."

Sachiko fez um sorriso de cansaço.

"Podíamos, não podíamos, mãe? Podíamos levar os gatinhos aí dentro."

"Sim, suponho que sim", disse Sachiko. "Sim, está bem. Levamos os gatinhos aí dentro."

"Então, podemos ficar com os gatinhos?"

"Sim, podemos ficar com os gatinhos. Com certeza que o pai de Yasuko-San não se vai opor."

Mariko correu até um pouco mais à frente, depois esperou que a apanhássemos.

"Portanto, já não temos de arranjar casas para eles?" "Não, agora já não. Vamos para casa de Yasuko-San, por isso acabamos por ficar com os gatinhos."

"Então já não é preciso arranjar donos para eles. Podemos ficar com todos. Podemos levá-los na caixa, não podemos, mãe?"

"Sim", disse Sachiko. Depois atirou a cabeça para trás e recomeçou a rir.

Dou muitas vezes comigo recordando o rosto de Mariko tal como nessa noite o vi, no bonde a caminho de casa. Olhava pela janela, a testa de encontro ao vidro; um rosto arrapazado, envolto pelas luzes inconstantes da cidade que lá fora se agitava no turbilhão da noite. Mariko manteve-se silenciosa durante todo o trajeto, e eu e Sachiko falamos pouco. Lembro-me de Sachiko me ter perguntado:

"Seu marido vai ficar zangado com você?"

"Muito provavelmente", respondi, sorrindo. "Mas na verdade ontem o avisei de que hoje poderia chegar tarde."

"Foi um dia muito agradável."

"Sim, foi. Jiro não terá outro remédio senão ficar sentado com seu aborrecimento. Gostei muito do dia de hoje."

"Temos de repetir, Etsuko."

"Sim, temos."

"Não se esqueça de me visitar quando eu me mudar."

"Sim, não esquecerei."

Depois desta troca de palavras, ficamos de novo em silêncio. Foi um pouco depois, quando o bonde começou a abrandar por causa da parada seguinte, que reparei que Sachiko teve um súbito sobressalto. Olhava para o fundo da carruagem, onde duas ou três pessoas se tinham aglomerado perto da saída. Uma mulher olhava para Mariko. Andava à volta dos trinta anos, tinha um rosto magro e cansado. É claro que poderia estar a olhar para

Mariko inocentemente, e se não fosse a reação de Sachiko, duvido que tivesse despertado as minhas suspeitas. Entretanto, Mariko continuava a olhar pela janela, completamente inconsciente da presença da mulher.

Ao ver que Sachiko a observava, a mulher virou-se. O bonde parou, as portas se abriram e a mulher saiu. "Conhecia aquela mulher?", perguntei calmamente.

Sachiko riu. "Não. Eu me enganei."

"Confundi-a com outra pessoa?"

"Só por um momento. Na realidade nem sequer eram parecidas."

Voltou a rir, depois lançou uma olhadela para fora, para ver onde estávamos.

VIII



Em retrospectiva parece-me bem claro o motivo que levou Ogata-San a permanecer conosco tanto tempo nesse verão. Conhecendo bem o filho, deve ter percebido a estratégia de Jiro na questão do artigo de Shigeo Matsuda; meu marido estava simplesmente à espera que Ogata-San voltasse para casa em Fukuoka para que se pusesse uma pedra no assunto. Entretanto, apressava-se a concordar que tal ataque ao nome da família devia ser tratado com firmeza e prontidão, que o assunto lhe dizia respeito tanto como ao pai, e que escreveria ao seu velho colega de escola mal tivesse tempo. Vejo agora à distância, e um pouco tardiamente, como esta atitude era típica do modo como Jiro enfrentava qualquer confronto potencialmente embaraçoso. Se ele não tivesse anos mais tarde enfrentado outra crise de modo muito semelhante, talvez eu nunca tivesse deixado Nagasaki. Contudo, isto é apenas um aparte.

Já antes relatei alguns detalhes sobre a noite em que os dois colegas, bêbados, do meu marido vieram interromper o jogo de xadrez entre Jiro e Ogata-San. Nessa noite, enquanto me preparava para ir para a cama, senti uma grande necessidade de falar com Jiro do assunto relativo a Shigeo Matsuda; embora não desejasse que Jiro escrevesse essa carta contra a sua vontade, estava cada vez mais convencida de que devia tornar a sua posição clara perante o pai. Contudo, absteve-me de mencionar o assunto essa noite, tal como,

aliás, fizera em ocasiões anteriores; pois o meu marido teria achado que tal assunto não me dizia respeito. Além disso, a essa hora da noite Jiro estava invariavelmente cansado, e qualquer tentativa de conversar só o impacientava. E de qualquer modo, o nosso relacionamento nunca se caracterizou pela discussão aberta deste tipo de questões.

Durante todo o dia seguinte, Ogata-San permaneceu no apartamento, estudando frequentemente o jogo de xadrez, que — tal como se disse — fora interrompido na noite anterior num ponto crucial. Assim, nessa noite, aproximadamente uma hora depois de termos acabado de jantar, foi mais uma vez buscar o tabuleiro de xadrez e começou novamente a estudar as peças. Levantou os olhos por uma vez e disse para o meu marido:

"Então, Jiro, é então amanhã o grande dia."

Jiro levantou os olhos do jornal e deu uma breve gargalhada. "Não é nada de extraordinário", disse.

"Disparate! É um grande dia para ti. Evidentemente que é imperativo que dêes o teu melhor por causa da firma, mas em minha opinião isto constitui um triunfo em si, independentemente do resultado obtido amanhã. Terem-te pedido para representar a firma a este nível, ainda em princípio de carreira, não é certamente usual, mesmo atualmente."

Jiro encolheu os ombros. "Suponho que não. Mas como é natural, mesmo que tudo corra excepcionalmente bem amanhã, não tenho nenhuma garantia de ser promovido. Suponho, porém, que o administrador está razoavelmente satisfeito com o meu esforço ao longo deste ano."

"De acordo com a opinião geral, parece-me que ele deposita grande confiança em ti. E como pensas que as coisas vão correr amanhã?"

"Calmamente, sem grandes dificuldades, espero. Nesta fase todas as partes envolvidas têm de cooperar. Esta reunião vai ser

mais para preparar o terreno para as verdadeiras negociações que se realizarão no Outono. Não é nada assim tão especial."

"Bem, só nos resta esperar para ver como tudo corre. Agora, Jiro, por que não acabamos de vez com este jogo? Já há três dias que andamos com ele."

"Ah, sim, o jogo. É claro que o pai tem consciência que por melhor que eu me saia amanhã, não tenho nenhuma certeza de obter a promoção."

"É claro que não, Jiro, eu compreendo essas coisas. Eu próprio tive de subir a pulso através de uma carreira competitiva. Sei perfeitamente como as coisas funcionam. Às vezes somos preteridos por outros que por direito nem sequer deveriam ser considerados nossos iguais. Mas não podes deixar que essas coisas te impeçam de atingir os teus objetivos. Se perseverares, acabarás por triunfar. E agora, que tal acabarmos de vez este jogo?"

O meu marido deitou uma olhadela para o tabuleiro de xadrez, mas não fez qualquer movimento para se aproximar dele. "Se bem me lembro, o pai tinha acabado de ganhar", disse.

"Bem, estás numa situação um bocado difícil, mas há uma saída se a conseguires descobrir. Lembras-te, Jiro, quando te ensinei este jogo pela primeira vez te ter avisado quanto ao perigo de usar as torres demasiado cedo? E continuas a fazer o mesmo erro. Estás a ver?"

"Sim, as torres. Tal como diz."

"E a propósito, Jiro, não me parece que programes os teus lances antecipadamente, não? Lembras-te de como em tempos tive tanto trabalho para te fazer planear pelo menos três lances antecipadamente? Mas não me parece que o faças atualmente."

"Três lances antecipadamente? Bem, não, realmente não o tenho feito. Não pretendo ser um perito como o pai. De qualquer modo, acho que podemos dizer que o pai ganhou."

"De fato, Jiro, logo no princípio do jogo tornou-se penosamente óbvio que não estavas a programar os teus lances. Quantas vezes te disse para o fazeres? Um bom jogador de xadrez tem de pensar os lances antecipadamente, no mínimo três."

"Sim, suponho que sim."

"Por exemplo, por que é que fizeste avançar este cavalo aqui? Jiro, olha, nem sequer estás a olhar. Consegues ao menos lembrar por que é que fizeste este lance?"

Jiro olhou para o tabuleiro. "Para ser sincero, não me lembro", disse. "É provável que na altura tivesse uma razão suficientemente boa para o fazer."

"Uma razão suficientemente boa? Mas que disparate, Jiro! Pensaste os primeiros lances antecipadamente, isso vi eu. Aí tinhas de fato uma estratégia. Mas mal eu a derrubei, desististe, começaste a pensar um lance de cada vez. Não te lembras do que sempre te dizia? O xadrez baseia-se em saber manter uma estratégia coerente e não em desistir quando o inimigo destrói o nosso plano; aí temos de pôr imediatamente em prática a estratégia seguinte. Não é quando se faz xeque-mate que o jogo está ganho ou perdido. O jogo fica definitivamente decidido quando um jogador abandona toda e qualquer estratégia. Quando os soldados ficam dispersos, não têm uma causa comum e fazem um lance de cada vez, aí é que o jogo está perdido."

"Muito bem, pai, admito-o. Perdi. Agora talvez possamos esquecer o assunto."

Ogata-San olhou primeiro para mim, depois para Jiro. "Mas que conversa vem a ser essa? Passei o dia a estudar cuidadosamente este tabuleiro e vejo três maneiras diferentes de conseguires sair da situação difícil em que te encontras. "O meu marido baixou o jornal. "Desculpe-me se estiver enganado", disse, "mas creio que o próprio pai acabou de dizer que o jogador que não consiga manter uma estratégia coerente é inevitavelmente o derrotado. Bem, tal como

salientou tão repetidamente, tenho pensado um lance de cada vez, por isso não me parece valer a pena continuar. E agora se me der licença, gostaria de acabar de ler este relatório."

"Ora, Jiro, isso é puro derrotismo. O jogo está muito longe de estar perdido, já te disse. Agora debes planear a tua defesa, sobreviver e atacar-me de novo. Jiro, sempre tiveste uma tendência para o derrotismo, desde muito novo. Pensava ter conseguido eliminar essa tendência, mas aí está ela de novo, depois deste tempo todo."

"Desculpe, mas não consigo ver o que é que o derrotismo tem a ver com isto. É apenas um jogo..."

"Na verdade, até pode ser que seja apenas um jogo. Mas um pai conhece bem o filho. Um pai consegue reconhecer estes traços indesejáveis quando eles se manifestam. Não se pode dizer que seja uma qualidade de que eu me orgulhe em ti, Jiro. Desinteressaste-te mal a tua primeira estratégia foi destruída. E agora quando és forçado a uma atitude defensiva, amuas e já não queres jogar. Ora bem, era exatamente assim que procedias quando tinhas nove anos de idade."

"Pai, tudo isso é um disparate. Tenho coisas melhores para fazer do que pensar em xadrez o dia todo."

Jiro falara muito alto, e durante uns instantes Ogata-San pareceu ficar algo perplexo.

"Pode estar muito bem para si, pai", continuou o meu marido. "Tem o dia todo para conceber as suas estratégias e os seus ardis. Pessoalmente, tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo."

E com isto o meu marido voltou para o seu jornal. O pai continuou a fitá-lo com uma expressão atônita. Então, finalmente, Ogata-San começou a rir.

"Vá lá, Jiro", disse, "estamos a gritar um com o outro como duas varinas." Deu outra gargalhada. "Como duas varinas."

Jiro não levantou os olhos do jornal.

"Vá lá, Jiro, vamos acabar com a discussão. Se não queres acabar o jogo, não acabamos."

O meu marido não deu mostras de ter ouvido.

Ogata-San voltou a rir. "Está bem, ganhaste. Já não jogamos mais. Mas deixa-me mostrar-te como poderias ter saído deste canto aqui. Há três coisas que poderias ter feito. A primeira é a mais simples de todas e eu pouco poderia fazer para a evitar.

Olha, Jiro, olha para aqui. Jiro, olha, estou-te a mostrar uma coisa."

Jiro continuou a ignorar o pai. Tinha o aspecto de alguém solenemente absorvido na leitura. Voltou uma página e continuou a ler.

Ogata-San fez como que um sinal de assentimento para si próprio, rindo brandamente. "Exatamente como quando era pequeno", disse. "Quando as coisas não correm como ele quer amua e não há nada a fazer." Deitou uma olhadela para o lugar onde eu estava sentada riu de um modo esquisito. Depois voltou-se de novo para o filho. "Jiro, olha. Ao menos deixa-me mostrar-te isto. É simplicíssimo."

Repentinamente o meu marido arremessou o jornal para o chão e fez um movimento em direção ao pai. Aquilo que o meu marido claramente quisera fazer tinha sido atirar o tabuleiro ao chão, e com ele todas as peças. Mas fez um movimento desajeitado e antes de conseguir tocar no tabuleiro, o pé derrubou o bule do chá ao seu lado. O bule rolou lateralmente pelo chão, a tampa abriu-se ruidosamente e o chá começou a correr velozmente pelo tatami. Jiro, sem perceber bem o que se passara, voltou-se e ficou a olhar para o chá derramado. Depois voltou-se de novo e fitou o tabuleiro de xadrez. A visão das peças ainda perfiladas nas suas casas respectivas pareceu encolerizá-lo ainda mais, e por um instante pensei que ele faria outra tentativa para as derrubar. Mas afinal levantou-se, apanhou o jornal e saiu da sala sem uma palavra.

Dirigi-me rapidamente para o lugar onde o chá fora derramado.

A almofada onde Jiro estivera sentado começava a ficar embebida em chá. Desloquei a almofada e enxuguei-a com a ponta do avental.

"Tal e qual como ele costumava agir", disse Ogata-San. Um sorriso débil apareceu à volta dos seus olhos. "As crianças tornam-se adultas mas não mudam muito."

Fui à cozinha buscar um pano. Quando voltei, Ogata-San continuava sentado tal como o deixara, o sorriso ainda pairando à volta dos olhos. Fitava a poça de chá no tatami e parecia absorvido em pensamentos profundos. Na verdade, parecia tão absorvido na contemplação do chá que hesitei um pouco antes de me ajoelhar para o limpar.

"Não deve deixar que isto a perturbe, Etsuko", disse momentos depois. "Não é caso para preocupações."

"Não." Continuei a enxugar o tatami.

"Bem, suponho que também podemos ir para a cama daqui a pouco tempo. De vez em quando é bom ir para a cama cedo."

"Sim."

"Não deve deixar que isto a aborreça, Etsuko. Amanhã Jiro já esqueceu isso tudo, vai ver. Lembro-me muito bem deste tipo de cenas. Na verdade, trouxe-me uma certa nostalgia presenciar esta ceninha. Faz-me tanto lembrar o tempo em que Jiro era pequeno. Sim, dá para uma pessoa ficar deveras nostálgica."

Continuei a limpar o tatami.

"Ora, Etsuko", disse ele. "Não há razão para se preocupar."

Não troquei mais nenhuma palavra com o meu marido até amanhã seguinte. Enquanto tomava desjejum olhava de vez em quando para o jornal da manhã, que colocara ao lado da sua tigela. Falou pouco e não comentou o fato de o pai ainda não ter aparecido.

No que me diz respeito tentei captar alguns sons provenientes do quarto de Ogata-San, mas não consegui ouvir nada.

"Espero que corra tudo bem hoje", disse eu, depois de estarmos sentados em silêncio há vários minutos.

O meu marido encolheu os ombros. "Não é nada de extraordinário", disse. Depois levantou os olhos para mim e disse: "Hoje tentei encontrar a minha gravata preta de seda, mas não sei onde a sumiste. Gostaria que não mexesses nas minhas gravatas."

"A gravata preta de seda? Está pendurada na trave do roupeiro juntamente com as tuas outras gravatas."

"Não estava lá ainda agora. Gostaria que deixasses de andar sempre a mexer nelas."

"A gravata de seda tem de lá estar juntamente com as outras", disse eu. "Passei-a a ferro anteontem, porque sabia que a irias querer pôr hoje, mas estou certa que a voltei a pôr lá. Tens certeza que não estava lá?"

O meu marido suspirou impacientemente e olhou para o jornal. "Não tem importância", disse. "Esta terá de servir."

Continuou a comer em silêncio. Entretanto, continuava a não haver sinal de Ogata-San e passados uns momentos levantei-me e pus-me à escuta à porta do seu quarto. Depois de vários segundos sem ouvir o mínimo ruído, estava prestes a abrir um pouco a porta quando o meu marido se voltou e disse:

"O que é que estás a fazer? Não tenho a manhã toda, sabes?" Empurrou a xícara para a frente.

Voltei-me a sentar, pus a loiça suja para o lado e deitei-lhe o chá. Bebeu-o rapidamente, enquanto olhava para a primeira página do jornal.

"Hoje é um dia importante para nós", disse eu. "Espero que corra tudo bem."

"Não é caso para tanto alvoroço", disse ele sem levantar os olhos.

Contudo, antes de sair examinou-se cuidadosamente no espelho da entrada, ajustando a gravata e examinando o queixo para verificar se se barbeara convenientemente. Quando saiu, fui mais uma vez até a porta do quarto de Ogata-San e pus-me à escuta. Continuava a não ouvir nada.

"Pai?", chamei suavemente.

"Ah, Etsuko", respondeu a voz de Ogata-San lá de dentro. "Já devia calcular que não me deixaria preguiçar."

Um tanto aliviada, fui para a cozinha preparar um novo bule de chá e depois pus a mesa para o pequeno-almoço de Ogata-San. Quando ele se sentou mais tarde para comer, comentou de um modo casual:

"Suponho que Jiro já tenha saído."

"Oh, sim, já saiu há muito tempo. Já ia deitar fora o pequeno-almoço do pai. Pensei que estivesse com demasiada preguiça para se levantar antes do meio-dia."

"Então, não seja má, Etsuko. Quando se chega à minha idade, gosta-se de ficar a preguiçar de vez em quando. Além disso, esta estada aqui com vocês é como se fosse umas férias para mim."

"Bem, acho que por esta vez o pai fica perdoado por ser tão preguiçoso."

"Quando regressar para Fukuoka não terei oportunidade de ficar na cama até tarde", disse, pegando nos hashi. Depois suspirou profundamente. "Creio que está na altura de ir pensando em regressar."

"Regressar? Mas não há pressa nenhuma, pai." "Não, tenho realmente que regressar em breve. Tenho muito trabalho à espera."

"Trabalho? Que trabalho é esse?"

"Bem, para começar tenho de fazer novos painéis para a varanda. Depois há as grutas artificiais para o jardim. Ainda nem sequer comecei com isso. Já há meses que as pedras chegaram e ainda continuam à minha espera lá no jardim." Suspirou e começou

a comer. Quando voltar para casa não posso continuar a preguiçar assim."

"Mas não é preciso partir imediatamente, pois não, pai? As suas grutas podem esperar mais um pouco."

"É muito amável, Etsuko. Mas agora o tempo urge. Sabe, a minha filha e o marido vêm de novo me visitar no outono, e tenho de ter todos estes trabalhos prontos antes de chegarem. No ano passado e no outro vieram me ver no outono, por isso penso que este ano virão de novo nessa época."

"Compreendo."

"Sim, certeza que vão querer visitar-me de novo no Outono. É a altura que dá mais jeito para o marido de Kikuko. E nas cartas, Kikuko farta-se de dizer que tem muita curiosidade em ver a minha nova casa."

Ogata-San fez um sinal de assentimento para si próprio, depois continuou a comer da tigela. Observei-o por alguns instantes.

"Mas que filha dedicada é Kikuko-San, pai", disse-lhe. "Osaca fica muito longe. Ela deve sentir a sua falta."

"Creio que sente necessidade de se afastar do sogro de vez em quando. Não vejo que outro motivo poderia ter para vir de tão longe."

"Mas que injustiça, pai. Tenho certeza que tem saudades suas. Vou ter de lhe contar o que me está a dizer."

Ogata-San riu. "Mas é verdade. O velho Watanabe manda neles como um antigo senhor da guerra. Sempre que me visitam passam o tempo a queixar-se de que está cada vez mais intolerável. Pessoalmente, até gosto muito do velhote, mas não se pode negar que é um velho senhor da guerra. Penso que gostariam de um lugar assim, Etsuko, de um apartamento como este, só para eles. Não é mau os jovens casais viverem longe dos pais. Cada vez mais casais o fazem atualmente. Os jovens não querem ser dominados pelos velhos durante toda a vida."

Ogata-San pareceu então lembrar-se da comida na tigela e começou a comer apressadamente. Quando acabou, levantou-se e foi até a janela. Aí ficou durante alguns momentos, de costas voltadas para mim, observando a paisagem. Depois abriu a janela para deixar entrar mais ar, e respirou profundamente.

"Está satisfeito com a sua nova casa, pai?", perguntei-lhe.

"Com a minha casa? Estou. Ainda precisa de uns arranjinhos aqui e ali, tal como disse. Mas é muito mais pequena. A casa de Nagasaki era demasiado grande só para um velhote."

Continuou a olhar pela janela; à luz crua da manhã só conseguia distinguir o contorno indeciso da cabeça e dos ombros.

"Mas era linda, a antiga casa", disse eu. "Quando por lá passo ainda me detenho e fico a olhar para ela. Na verdade, passei lá a semana passada, quando vinha de visitar a Senhora Fujiwara."

Pensei que não me tivesse ouvido, pois continuou a olhar em silêncio para a paisagem. Mas momentos depois disse:

"E que aspecto tinha, a velha casa?"

"Oh, estava praticamente na mesma. Os novos ocupantes devem gostar dela tal como o pai a deixou."

Virou-se um pouco na minha direção. "E então as azáleas, Etsuko? Ainda havia azáleas à entrada?" A luminosidade continuava a impedir-me de ver distintamente o seu rosto, mas pela sua voz deduzi que devia estar a sorrir:

"Azáleas?"

"Bem, suponho que não se deve lembrar." Voltou-se de novo para a janela e estendeu os braços para fora. "Plantei-as à entrada naquele dia. No dia em que finalmente ficou tudo decidido."

"No dia em que ficou decidido o quê?"

"Que a Etsuko e o Jiro se iriam casar. Mas nunca lhe contei das azáleas, por isso não faz sentido esperar que a Etsuko se lembrasse delas."

"Plantou azáleas para mim? Foi uma ideia muito bonita. Mas acho que nunca falou disso."

"Mas sabe, Etsuko, você pediu-as." De novo se voltara para mim. "Na verdade, mandou-me mesmo plantá-las à entrada."

"O quê?" — Ri. "Mandei-o?"

"Sim, mandou-me. Como se eu fosse algum jardineiro. Não se lembra? No preciso momento em que eu pensava estar finalmente tudo resolvido, e ir finalmente ter a Etsuko como nora disse-me que ainda havia mais uma coisa; não viveria numa casa sem azáleas à entrada. E que se eu não plantasse azáleas, então ficaria tudo sem efeito. Então, que é que eu podia fazer? Fui logo em seguida plantar azáleas."

Ri-me. "Agora que falou nisso", disse eu, "lembro-me de qualquer coisa desse estilo. Mas que disparate, pai. Nunca o forcei."

"Oh, sim, isso é que forçou, Etsuko. Disse que não viveria numa casa sem azáleas à entrada." Afastou-se da janela e sentou-se de novo à minha frente. "Sim, Etsuko", disse, "tal como um jardineiro."

Rimos os dois e comecei a deitar o chá.

"Sabe, as azáleas foram sempre as minhas flores preferidas", disse.

"Sim, assim o afirmou na altura."

Acabei de deitar o chá e durante alguns momentos ficamos em silêncio, observando o vapor a elevar-se das xícaras de chá.

"E nessa altura não fazia ideia nenhuma", disse eu. "Dos planos de Jiro, quero dizer."

"Não."

Inclinei-me para a frente e coloquei um prato com bolinhos perto da sua xícara. Ogata-San olhou para eles com um sorriso. Momentos depois disse:

"As azáleas desenvolveram-se muito bem. Mas nessa altura, é claro, vocês já lá não estavam. Contudo, não é nada má ideia os

casais jovens viverem independentes. Veja Kikuko e o marido. Adorariam ter uma casa só para eles, mas o velho Watanabe nem sequer quer ouvir falar nisso. É mesmo um velho senhor da guerra."

"Agora pense numa coisa", disse eu, "havia azáleas à entrada na semana passada. Os novos ocupantes devem concordar comigo. As azáleas são fundamentais em qualquer entrada."

"Fico contente por ainda lá estarem."

Ogata-San tomou um gole de chá. Depois suspirou e disse, rindo: "Mas que velho senhor da guerra é aquele Watanabe."

Pouco depois do desjejum, Ogata-San sugeriu irmos dar uma volta por Nagasaki — "tal como fazem os turistas", assim me disse. Concordei imediatamente e tomamos o bonde até acidade. Segundo me lembro, passamos algum tempo numa galeria de arte, e depois, um pouco antes do meio-dia, fomos visitar o monumento à paz, situado no grande parque público, não muito longe do centro da cidade.

O parque era comumente conhecido por Parque da Paz; nunca consegui descobrir se era este o nome oficial — e na verdade, apesar do barulho das crianças e dos pássaros, pairava sobre aquela grande extensão verde uma atmosfera de solenidade. Os ornamentos habituais, como arbustos e repuxos, tinham sido reduzidos ao mínimo e daí resultava uma certa austeridade; a grama plana, o vasto céu aberto e estival e o monumento em si — uma maciça estátua branca em memória dos mortos da bomba atômica — dominavam o espaço.

A estátua fazia lembrar um musculoso deus grego, sentado com ambos os braços esticados. Com a mão direita apontava para o céu, de onde a bomba caíra; com o outro braço — esticado para o lado esquerdo — tentava provavelmente deter as forças do Mal. Os olhos estavam fechados em oração.

Sempre achei que a estátua parecia muito desajeitada, e nunca consegui associá-la ao ocorrido no dia em que a bomba caiu e

nos terríveis dias que se seguiram. Vista ao longe, a figura quase parecia cômica, lembrando um guarda de trânsito. Para mim nunca foi nada mais que uma estátua, e embora em Nagasaki a maioria das pessoas parecesse apreciá-la por aquilo que simbolizava, suspeito que o sentimento geral não divergia muito do meu. E hoje, se por qualquer acaso me acontece recordar essa grande estátua de Nagasaki, aquilo que em primeiro lugar me vem à mente é a minha visita ao Parque da Paz com Ogata-San nessa manhã, e o episódio relativo ao bilhete-postal.

"Não parece tão grandioso na fotografia", lembro-me de ouvir Ogata-San dizer, segurando o postal com a estátua, que acabara de comprar. Estávamos a cerca de cinquenta metros do monumento. "Já há algum tempo que ando para mandar um postal", continuou. "Dentro de dias regresso a Fukuoka, mas suponho que ainda vale a pena enviá-lo. Tem uma caneta, Etsuko? Talvez seja melhor pô-lo no correio já de seguida, senão ainda acabo por me esquecer."

Encontrei uma caneta na carteira e nos sentamos num banco ali perto. "Fiquei curiosa quando reparei que ele fitava o espaço em branco do postal, com a caneta na mão mas sem escrever. Por uma ou duas vezes vi-o lançar uma olhadela para a estátua, como se buscasse inspiração. Finalmente, perguntei-lhe:

"O postal é para uma pessoa amiga de Fukuoka?" "Bem, é apenas uma pessoa conhecida."

"O pai está a ficar com um ar muito culpado", disse. "Pergunto-me para quem estará a escrever."

Ogata-San levantou os olhos com uma expressão de espanto. Depois desatou a rir muito alto. "Culpado? Estou realmente com ar de culpado?"

"Sim, muito culpado. Gostaria de saber em que é que o pai se mete quando não tem ninguém para o vigiar."

Ogata-San continuava a rir muito. Ria tanto que eu sentia o banco estremecer. Recuperou-se um pouco e disse: "Muito bem, Etsuko. Apanhou-me. Apanhou-me a escrever para a minha girlfriend." Usou a palavra inglesa. "Apanhou-me em flagrante." Recomeçou a rir.

"Eu sempre suspeitei que o pai levava uma vida fascinante em Fukuoka."

"Sim, Etsuko" — ainda ria um pouquinho — "uma vida muito fascinante." Depois respirou fundo e olhou de novo para o postal. "Sabe, na verdade não sei o que escrever. Talvez o deva mandar sem nada escrito. Afinal eu só lhe quero mostrar o aspecto do monumento. Mas se calhar isso também é demasiado informal."

"Bem, não o posso aconselhar, pai, a menos que me revele quem é a misteriosa senhora."

"A misteriosa senhora, Etsuko, tem um pequeno restaurante em Fukuoka. É muito perto da minha casa, por isso vou geralmente lá jantar. Às vezes converso com ela, é muito simpática, e prometi enviar-lhe um postal do monumento à paz. Receio que seja só isto que há para contar."

"Estou a ver, pai. Mas ainda estou desconfiada." "É uma velhota muito amável, mas passado um bocado torna-se enfadonha. Quando sou o único cliente, não para de falar durante toda a refeição. Infelizmente não há muitos outros restaurantes como deve ser nas redondezas. Está a ver, Etsuko, se me ensinasse a cozinhar, tal como prometeu, então já não teria de a aturar."

"Mas não valeria a pena", disse eu, rindo. "O pai nunca lhe apanharia o jeito."

"Disparate! Está simplesmente com medo que depois a supere. Isso é muitíssimo egoísta da sua parte, Etsuko. Agora deixe-me cá ver" — voltou a olhar para o postal —. "O que é que eu poderei dizer à velha senhora?"

"Lembra-se da Senhora Fujiwara?", perguntei-lhe. "Agora tem um restaurante. Perto da sua antiga casa."

"Sim, já ouvi dizer. Muito lamentável. Alguém da sua posição a trabalhar num restaurante!"

"Mas ela gosta. Assim tem algo em que se ocupar. Pergunta muitas vezes por si."

"Muito lamentável", repetiu. "O marido era um homem distinto. Tinha muito respeito por ele. E agora ela tem um restaurante. Extraordinário!" Abanou a cabeça gravemente. "Vou passar por lá e apresentar-lhe os meus cumprimentos, mas ela é capaz de achar isso um bocado embaraçoso. Quer dizer, nas circunstâncias atuais."

"Pai, ela não se envergonha de ter um restaurante. Orgulha-se disso. Ela disse-me que sempre quisera ter um negócio, por mais humilde que fosse. Acho que ela ficaria encantada se a visitasse."

"Disse que o restaurante dela é em Nakagawa?" "Sim. Muito perto da outra casa."

Ogata-San pareceu considerar esta questão durante algum tempo. Depois voltou-se para mim e disse: "Então está bem, Etsuko. Vamos lá fazer-lhe uma visita." Escrevinhou rapidamente qualquer coisa no postal e devolveu-me a caneta.

"Quer dizer, ir agora, pai?" Fiquei um pouco perplexa com a sua súbita resolução.

"Sim, por que não?"

"Muito bem. Penso que podemos almoçar lá." "Sim, talvez. Mas não quero de modo algum humilhar a pobre senhora."

"Terá todo o gosto em nos dar de almoçar."

Ogata-San anuiu e durante uns momentos não falou. Depois disse, com alguma deliberação: "Na verdade, Etsuko, já há algum tempo que ando a pensar visitar Nakagawa. Gostaria de ir lá fazer uma visita a uma certa pessoa."

"Ah, sim?"

"Não sei se ele estará em casa a esta hora do dia." "Quem é que quer visitar, pai?"

"Shigeo. Shigeo Matsuda. Ando há algum tempo a tencionar fazer-lhe uma visita. Talvez ele almoce em casa, e assim talvez ainda o apanhe. Seria preferível isso a ir incomodá-lo à escola."

Durante alguns minutos, Ogata-San permaneceu de olhos fixos na estátua, com uma expressão levemente perplexa. Continuei silenciosa, observando o postal que fazia girar nas mãos. Depois, repentinamente, deu uma palmada nos joelhos e levantou-se.

"Muito bem, Etsuko", disse, "então vamos a isso. Tentamos primeiro apanhar Shigeo em casa e depois vamos visitar a Senhora Fujiwara."

Deve ter sido por volta do meio-dia que subimos para o bonde que nos conduziria até Nakagawa; o carro estava sufocantemente apinhado de gente e as ruas estavam cheias de uma multidão que se apressava para o almoço. Mas à medida que nos fomos distanciando do centro da cidade, os passageiros começaram a rarear, e quando o bonde chegou à estação terminal em Nakagawa já restavam muito poucos passageiros.

Ao sair do bonde Ogata-San deteve-se por um momento e afagou o queixo. Não era fácil perceber se estaria a saborear a sensação de regressar ao seu antigo bairro, ou simplesmente a tentar lembrar-se do caminho para casa de Shigeo Matsuda. Encontrávamo-nos num pátio de concreto, rodeados por vários bondes vazios. Por cima das nossas cabeças, um labirinto de fios pretos cruzava o ar. O sol brilhava com alguma intensidade, fazendo cintilar cruamente a superfície pintada dos bondes.

"Mas que calor! ", observou Ogata-San, limpando a fronte. Depois começou a caminhar, dirigindo-se para uma fiada de casas que começava no outro extremo da estação dos bondes.



O bairro não se modificara muito com o passar dos anos. À medida que caminhávamos, as ruas estreitas torciam-se, trepavam e caíam. As casas, muitas das quais ainda me eram familiares, erguiam-se onde a paisagem montanhosa o permitia; algumas empoleiravam-se precariamente nas ladeiras, outras esgueiravam-se para cantos inverossímeis. Em muitas das varandas viam-se cobertores e roupa a secar. Continuamos a andar, passamos por outras casas mais imponentes, mas não passamos nem pela antiga casa de Ogata-San, nem pela casa onde eu em tempos vivera com os meus pais. De fato, ocorreu-me que Ogata-San talvez tivesse deliberadamente escolhido aquele caminho para as evitar.

Não creio que tenhamos caminhado por muito mais de dez ou quinze minutos, mas o sol e as encostas íngremes tornaram o percurso muito cansativo. Passados uns minutos paramos a meio de uma vereda íngreme, e Ogata-San encaminhou-me para debaixo do abrigo proporcionado por uma frondosa árvore debruçada sobre o passeio. Depois apontou para o outro lado da rua, para uma velha casa de aspecto agradável, cujos longos telhados se inclinavam abruptamente para o chão, segundo a arquitetura tradicional.

"É a casa de Shigeo", disse. "Conhecia muito bem o pai dele. Tanto quanto sei a mãe ainda vive com ele." Depois Ogata-San começou a afagar o queixo, tal como fizera ao sair do bonde. Mantive-me calada e aguardei.

"É muito provável que não esteja em casa", disse Ogata-San. "Se calhar fica na sala de professores durante a hora do almoço, com os colegas."

Continuei silenciosamente à espera. Ogata-San permanecia de pé a meu lado fitando a casa. Finalmente, disse:

"Etsuko, a que distância fica o restaurante da Senhora Fujiwara? Tem alguma ideia?"

"Fica apenas a alguns minutos."

"Agora que penso nisso, talvez seja melhor a Etsuko ir andando à frente, e eu depois vou lá ter consigo. É capaz de ser melhor assim."

"Muito bem. Se é isso que deseja..."

"De fato, tudo isto foi muito irrefletido da minha parte."

"Não estou inválida, pai."

Riu e depois voltou a olhar para a casa. "Acho que é capaz de ser melhor assim", voltou a dizer. "A Etsuko vai andando à frente."

"Muito bem."

"Não me conto demorar. De fato" — mais uma vez olhou em direção à casa — "de fato, espere antes aqui até eu tocar à campainha. Se me vir entrar, então pode prosseguir caminho até a Senhora Fujiwara. Tudo isto foi tudo muito precipitado da minha parte."

"Não tem importância, pai. Agora preste atenção, senão nunca mais dá com o restaurante. Lembra-se onde o médico tinha o consultório?"

Mas Ogata-San já não me ouvia. Do outro lado da rua abrira-se o portão e por ele saíra um homem jovem e magro, de óculos. Estava em mangas de camisa e trazia debaixo do braço uma pequena pasta. Ao avançar para a claridade crua do sol do meio-dia piscou um pouco os olhos, depois curvou-se sobre a pasta que abrira e começou a remexê-la. Shigeo Matsuda parecia mais magro e juvenil do que nas poucas vezes em que o vira no passado.

IX



Shigeo Matsuda apertou a fivela da pasta, depois olhou à sua volta com ar distraído e caminhou para o nosso lado da rua. Olhou na nossa direção por um breve instante, não nos reconhecendo, e continuou a caminhar.

Ogata-San observou-o ao passar por nós. Então, quando o jovem já andara uns metros pela rua abaixo, chamou-o: "Ah, Shigeo."

Shigeo Matsuda parou e voltou-se. Depois dirigiu-se para nós com uma expressão intrigada.

"Como vai, Shigeo?"

O jovem mirou-nos através dos óculos, depois desatou a rir alegremente.

"Mas é Ogata-San! Que surpresa inesperada! " Fez uma reverência e estendeu a mão. "Que magnífica surpresa! E a Etsuko-San também! Como está? Que bom vê-la de novo."

Trocamos reverências e ele apertou a mão aos dois. Depois disse para Ogata-San:

"Por acaso ia visitar-me? Está com azar, porque a minha pausa para o almoço está quase a acabar." Olhou para o relógio.

"Mas ainda podemos ir até lá a casa por uns minutos."

"Não, não", disse Ogata-San precipitadamente. "Não queremos interromper o seu trabalho. Acontece que passamos por

aqui, e lembrei-me que vivia nesta casa. Estava agora mesmo a mostrá-la a Etsuko."

"Por favor, ainda tenho alguns minutos. Deixe-me ao menos oferecer-lhes um chá. Está um calor abrasador aqui fora."

"Não, não. Você tem de ir trabalhar."

Durante uns instantes os dois homens olharam-se. "Então como é que vai a sua vida, Shigeo?", perguntou Ogata-San. "Como é que vão as coisas na escola?"

"Oh, como de costume. Sabe como é. E quanto a si, Ogata-San, está a gozar a sua reforma, espero? Não fazia ideia nenhuma que estivesse em Nagasaki. Parece que eu e Jiro perdemos o contato ultimamente." Em seguida virou-se para mim e disse: "Estou sempre a pensar escrever, mas sou tão esquecido."

Sorri e fiz qualquer observação de circunstância. Depois os dois homens de novo se fitaram.

"Está com um aspecto esplêndido, Ogata-San", disse Shigeo Matsuda. "Gosta de viver em Fukuoka?"

"Sim, é uma cidade agradável. Sabe, é a minha terra natal." "Ah, sim?"

De novo se fez silêncio. Depois Ogata-San disse: "Por favor não se deixe atrasar por nós. Entendo perfeitamente se tiver de ir embora logo."

"Não, não, ainda tenho alguns minutos. Foi uma pena não terem passado um pouco mais cedo. Talvez ainda me possa visitar antes de deixar Nagasaki."

"Bem, vou tentar. Mas ainda tenho tantas pessoas para visitar." "Sim, calculo."

"E a sua mãe, está boa?"

"Sim, está ótima, obrigado."

Voltaram a ficar silenciosos durante alguns instantes. "Fico contente por tudo estar a correr bem", disse Ogata-San pouco depois. "Sim, nós íamos por acaso a passar por aqui e eu estava precisamente

a dizer à Etsuko-San onde você vivia. Na verdade, estava-me a lembrar dos tempos em que você ia lá para casa brincar com Jiro, quando os dois eram garotinhos."

Shigeo Matsuda riu. "O tempo realmente passa correndo, não é?", disse.

"Sim, era isso que estava a dizer a Etsuko. De fato, ia agora mesmo contar-lhe um episódiozinho curioso. Lembrei-me disso quando vi a sua casa. Um episódiozinho muito curioso."

"Ah, sim?"

"Sim. Acontece que me lembrei disso ao ver a sua casa, foi só isso. Sabe, no outro dia estive a ler uma coisa. Um artigo numa revista. New Education Digest, acho que era assim que se chamava."

Durante um momento o jovem não disse nada, depois mudou de posição e pousou a pasta no chão.

"Estou a ver", disse.

"Fiquei muito surpreso com o que li. Na verdade fiquei atônito."

"Sim, calculo que sim."

"Foi de fato extraordinário, Shigeo. Realmente extraordinário."

Shigeo Matsuda respirou fundo e olhou para o chão. Acenou com a cabeça, mas não disse nada.

"Já há alguns dias que tinha pensado vir falar consigo", continuou Ogata-San. "Mas depois passou-me, é claro. Shigeo, diga-me sinceramente, acredita numa só palavra daquilo que escreveu? Explique o que o fez escrever tais coisas. Explique, Shigeo, para que possa ir para Fukuoka tranquilo. Neste momento estou muito confuso."

Com a ponta do sapato Shigeo Matsuda dava pancadinhas num seixo. Finalmente suspirou, levantou o olhar para Ogata-San e ajustou os óculos.

"Muitas coisas mudaram nos últimos anos", disse. "Bem, é claro que sim. Isso vejo eu bem. Que espécie de resposta é essa, Shigeo?"

"Ogata-San, deixe-me explicar." Fez uma pausa e olhou de novo para o chão. Durante um ou dois segundos coçou a orelha. "Sabe, tem de compreender. As coisas mudaram... e continuam a mudar. Vivemos numa época diferente daquela em que... em que você era uma figura influente."

"Mas, Shigeo, o que é que isso tem a ver com o assunto? As coisas podem mudar, mas por que escrever um artigo daqueles? Alguma vez fiz algo que o ofendesse?"

"Não, nunca. Pelo menos, a mim pessoalmente não fez."

"Também acho que não. Lembra do dia em que o apresentei ao reitor da sua escola? Não foi há tanto tempo assim, não? Ou será que isso também foi noutra era?"

"Ogata-San" — Shigeo Matsuda elevava o tom de voz, e pareceu assumir uns modos autoritários — "Ogata-San, quem me dera que tivesse passado por aqui uma hora antes. Então talvez tivesse conseguido explicar-lhe tudo detalhadamente. Agora não há tempo para discutir o assunto como deve ser. Mas deixe-me só dizer-lhe isto. Sim, eu acreditei em tudo quanto escrevi naquele artigo e ainda acredito. No seu tempo ensinavam-se coisas terríveis às crianças no Japão. Ensinavam mentiras muito prejudiciais. E o pior de tudo era que lhes era ensinado a não perceber as coisas, a não as questionar. E foi por isso que o país foi arrastado para a pior catástrofe de toda a sua história."

"Podemos ter perdido a guerra", interrompeu Ogata-San, "mas isso não é razão para imitarmos os costumes do inimigo. Perdemos a guerra porque não tínhamos armas e tanques suficientes, e não porque o nosso povo fosse covarde, ou porque a nossa sociedade fosse pouco profunda. Não faz a mais pequena ideia, Shigeo, de como nós trabalhamos arduamente, homens como

eu, homens como o Dr. Endo, que também insultou no seu artigo. Interessávamo-nos profundamente pelo país e trabalhamos duramente para garantir que os valores corretos fossem preservados e transmitidos."

"Não ponho isso em dúvida. Não duvido que fossem sinceros e trabalhadores. Nem por um instante pus isso em causa. Mas acontece que suas energias foram mal dirigidas, foram orientadas no sentido errado. Não era para lhe dizer isso, mas receio ser esta a verdade. Mas agora tudo isso já pertence ao passado, e só temos de agradecer que assim seja."

"Mas isto é extraordinário, Shigeo. Consegue realmente acreditar nisso? Quem é que o ensinou a dizer essas coisas?"

"Ogata-San, seja sincero consigo mesmo. No mais fundo de si mesmo deve saber que aquilo que estou a dizer é verdade. E para ser justo, acho que você não deve ser censurado por não se ter apercebido das reais consequências das suas ações. Nessa altura muito poucos homens perceberam onde tudo isso levaria, e esses homens foram presos por dizerem o que pensavam. Mas agora são livres e conduzir-nos-ão a uma nova alvorada."

"Uma nova alvorada? Que disparate é esse?"

"Agora tenho de ir andando. Lamento não poder discutir o assunto mais longamente."

"Mas o que é isto, Shigeo? Como pode dizer essas coisas? É óbvio que não faz ideia do esforço e da devoção com que homens como o Dr. Endo se entregaram ao trabalho. Você era apenas um rapazinho nessa altura, como é que podia saber como as coisas eram? Como é que pode saber aquilo que demos e aquilo que conseguimos realizar?"

"Para dizer a verdade, até estou de fato familiarizado com certos aspectos da sua carreira. Por exemplo, a demissão e a prisão de cinco professores de Nishizaka. Em abril de 1938, se não me engano. Mas esses homens agora são livres e nos ajudarão a chegar a

uma nova alvorada. Agora, por favor, dê-me licença." Pegou a pasta e fez uma reverência para cada um de nós. "Dê os meus cumprimentos a Jiro", acrescentou. Depois voltou-se e afastou-se.



Ogata-San observou o jovem até este desaparecer pela colina abaixo. Continuou ali parado durante mais alguns momentos, sem falar. Depois quando se voltou para mim havia um sorriso à volta dos seus olhos.

"Os homens jovens têm tanta confiança em si próprios! ", disse. "Suponho que em tempos também já fui assim. Muito seguro das minhas opiniões."

"Pai", disse eu. "Talvez seja melhor ir agora visitar a Senhora Fujiwara. Já passa da hora do almoço."

"É claro, Etsuko. É uma grande falta de consideração da minha parte fazê-la estar de pé com este calor. Sim, vamos lá ver a boa senhora. Terei muito prazer em a voltar a ver."

Caminhamos pela colina abaixo, depois atravessamos uma ponte de madeira que se estendia sobre um rio estreito. Por baixo de nós, crianças brincavam na margem do rio, algumas tinham canas de pesca. A certa altura disse para Ogata-San:

"Que disparates que ele esteve a dizer."

"Quem? Refere-se a Shigeo?"

"Disparates ignóbeis. Acho que não devia prestar a mínima atenção, pai."

Ogata-San riu, mas não retorquiu.

Como sempre acontecia a essa hora, a zona comercial do bairro estava cheia de gente. Ao entrar no átrio do restaurante fiquei

contente por ver que havia várias mesas ocupadas. A Senhora Fujiwara viu-nos e veio ao nosso encontro.

"Mas é Ogata-San", exclamou, reconhecendo-o imediatamente, "que bom voltar a vê-lo. Já lá vai muito tempo, não é verdade?" "Sim, realmente muito tempo."

Ogata-San retribuiu a reverência que a Senhora Fujiwara lhe fizera. "Sim, muito tempo."

Fiquei surpresa com o calor com que se cumprimentaram, pois tanto quanto sabia Ogata-San e a Senhora Fujiwara não se conheciam muito bem. Trocaram aquilo que parecia uma infindável sucessão de reverências, antes que a Senhora Fujiwara fosse nos buscar algo para comer.

Não tardou muito a regressar com duas tigelas fumegantes, desculpando-se por não ter nada melhor para oferecer. Ogata-San fez uma reverência em sinal de apreço e começou a comer. "Pensava que me tinha esquecido há muito, Senhora Fujiwara", observou ele com um sorriso. "Na realidade já passou muito tempo."

"É um prazer encontrá-lo de novo assim", disse a Senhora Fujiwara, sentando-se na beira do meu banco. "Etsuko disse-me que atualmente vive em Fukuoka. Visitei Fukuoka por várias vezes. É uma cidade agradável, não é?"

"Sim, realmente é. Fukuoka é a minha terra natal."

"Fukuoka é a sua terra natal? Mas viveu e trabalhou aqui durante anos, Ogata-San. Já não temos direitos sobre você aqui em Nagasaki."

Ogata-San riu e inclinou a cabeça para o lado. "Um homem pode trabalhar e dar a sua contribuição para a sociedade num lugar, mas no fim de tudo" — encolheu os ombros e sorriu melancolicamente — "no fim de tudo quer regressar à terra onde cresceu."

A Senhora Fujiwara abanou a cabeça como quem compreendia o que Ogata-San queria dizer. Depois disse: "Estava-me

agora a lembrar, Ogata-San, dos tempos em que era diretor da escola de Suichi. Ele tinha tanto medo de você."

Ogata-San riu. "Sim, lembro-me muito bem do seu Suichi. Um rapazinho muito inteligente. Muito inteligente."

"A sério que ainda se lembra dele, Ogata-San?" "É claro que sim. Era um rapazinho muito trabalhador. Um bom rapazinho."

"Sim, ele era um bom rapazinho."

Ogata-San apontou para a tigela com os pauzinhos. "Isto está realmente delicioso", disse.

"Disparate! Lamento não ter nada melhor para lhe oferecer." "Não, na verdade isto é delicioso."

"Deixe-me cá ver", disse a Senhora Fujiwara. "Nessa altura havia lá uma professora que foi muito simpática para Suichi."

Como é que ela se chamava? Suzuki, acho que era a Menina Suzuki. Tem alguma ideia do que é feito dela, Ogata-San?"

"Da Menina Suzuki? Ah, sim, recordo-me muito bem dela. Mas receio não fazer ideia de onde é que ela possa estar agora."

"Ela foi muito simpática para Suichi. E havia aquele outro professor, o nome dele era Kuroda. Um excelente rapaz."

"Kuroda..." Ogata-San acenou com a cabeça lentamente. "Ah, sim, Kuroda. Lembro-me dele. Um esplêndido professor."

"Sim, um jovem espantoso. O meu marido ficou muito impressionado com ele. Sabe o que lhe aconteceu?"

"Kuroda." Ogata-San continuava a acenar para si próprio. Um raio de sol tombara-lhe sobre o rosto, iluminando as numerosas rugas que tinha à volta dos olhos. "Kuroda, deixe-me ver. Encontrei-o uma vez por acaso, logo no princípio da guerra. Suponho que tenha partido para o combate. Desde então nunca mais voltei a saber nada dele. Sim, era um excelente professor. Há tantos desse tempo de quem nunca mais ouvi falar."

Alguém chamou a Senhora Fujiwara e a observamos atravessar apressadamente o átrio até a mesa do cliente. Aí ficou

durante alguns momentos fazendo reverências, depois levantou alguns pratos da mesa e desapareceu para a cozinha.

Ogata-San observou-a, depois abanou a cabeça. "É uma pena vê-la assim", disse em voz baixa. Eu não disse nada e continuei a comer. Depois Ogata-San inclinou-se sobre a mesa e perguntou-me: "Etsuko, como é que disse que o filho dela se chamava? O que ainda está vivo, quero dizer."

"Kazuo", sussurrei-lhe.

Fez um sinal de assentimento, depois voltou para a sua tigela de massas.

A Senhora Fujiwara regressou alguns momentos depois. "É uma vergonha não ter algo melhor para lhe oferecer", disse.

"Disparate", disse Ogata-San. "Isto é delicioso. E como vai Kazuo-San?"

"Está ótimo. Está bem de saúde e gosta do emprego que tem."

"Ótimo! Etsuko disse-me que trabalha numa firma de automóveis."

"Sim, e está a sair-se muito bem. E o que é mais, está de novo a pensar casar."

"A sério?"

"Ele em tempos disse que nunca se voltaria a casar, mas agora está a começar a pensar no futuro. Ainda não tem ninguém em vista, mas pelo menos começou a pensar no assunto."

"Isso é o que se chama bom senso", disse Ogata-San. "Afinal ele ainda é um homem muito novo, não é?"

"É claro que é. Ainda tem toda a vida à sua frente." "É claro que tem. Tem a vida inteira à frente. Tem de lhe arranjar uma jovem simpática, Senhora Fujiwara."

Ela riu. "Não pense que não tenho tentado. Mas as mulheres jovens são tão diferentes hoje em dia. Espanta-me como as coisas mudaram tanto em tão pouco tempo."

"É verdade, tem toda a razão. As mulheres de hoje são todas tão obstinadas. E passam a vida a falar de máquinas de lavar e de vestidos americanos. Aqui a Etsuko não é diferente."

"Que disparate, pai."

A Senhora Fujiwara voltou a rir-se e depois disse: "Lembre-me da primeira vez que ouvi falar numa máquina de lavar, não queria crer que alguém pudesse querer uma coisa daquelas. Gastar todo aquele dinheiro quando se tem boas mãos para trabalhar. Mas estou certa que Etsuko não concorda comigo."

Estava prestes a dizer algo, mas Ogata-San foi mais rápido: "Deixe-me contar", disse ele, "uma coisa que ouvi no outro dia. Foi um homem que me contou, um colega de Jiro, aliás. Parece que nas últimas eleições a mulher não queria votar no partido que ele lhe indicava. Teve de lhe bater, mas mesmo assim ela não cedeu. Portanto, acabaram por votar em partidos diferentes. Agora imagine se uma coisa destas podia acontecer nos velhos tempos. Extraordinário!"

A Senhora Fujiwara abanou a cabeça. "Agora as coisas são tão diferentes", disse ela suspirando. "Mas soube pela Etsuko que Jiro-San tem feito progressos brilhantes no emprego. Deve estar orgulhoso dele, Ogata-San."

"Sim, acho que o rapaz vai muito bem. Na verdade, hoje foi representar a firma numa reunião importantíssima. Parece que vai ser outra vez promovido."

"Magnífico!"

"Ainda no ano passado foi promovido. Suponho que os seus superiores devem tê-lo em grande conta."

"Magnífico! Deve estar muito orgulhoso dele." "É um trabalhador incansável, aquele ali. É assim desde pequeno. Lembre-me que quando era rapaz novo, e todos os outros pais passavam o tempo a dizer aos filhos para estudarem mais, eu via-me obrigado a

insistir com ele para que brincasse mais porque não lhe fazia bem trabalhar tanto."

A Senhora Fujiwara riu e abanou a cabeça. "Sim, Kazuo também é muito trabalhador", disse. "Muitas vezes fica a ler a papelada do trabalho pela noite dentro. Digo-lhe que não devia trabalhar tanto, mas não me dá ouvidos."

"Não, eles nunca ligam ao que lhes dizemos. Mas tenho de admitir que eu também era muito parecido. Mas quando se acredita naquilo que se faz, não apetece passar o tempo na ociosidade. A minha mulher estava-me sempre a dizer para levar as coisas com calma, mas nunca lhe dei ouvidos."

"Sim, Kazuo é exatamente assim. Mas terá de mudar os seus hábitos se voltar a casar."

"Não se fie nisso", disse Ogata-San, dando uma gargalhada. Depois pousou os hashi atravessados em cima da tigela. "Foi realmente uma excelente refeição."

"Disparate. Tenho pena de não lhe ter podido oferecer algo melhor. Quer mais um bocadinho?"

"Se tem mais para me dar ficarei encantado. Sabe, atualmente tenho de aproveitar ao máximo as oportunidades de comer boas refeições como esta."

"Disparate", voltou a Senhora Fujiwara a dizer, ao mesmo tempo que se levantava.

Não havíamos ainda regressado há muito quando Jiro chegou do trabalho, mais ou menos uma hora mais cedo do que o habitual. Saudou o pai alegremente — aparentemente o ataque de mau gênio da véspera estava completamente esquecido — antes de desaparecer para tomar o seu banho. Reapareceu pouco depois, envergando um quimono e cantarolando uma canção para si próprio. Sentou-se numa almofada e começou a secar o cabelo com uma toalha.

"Então, como é que correu?", perguntou Ogata-San. "Como é que correu o quê? Ah, refere-se à reunião. Não correu nada mal. Nada mal mesmo."

Eu ia a sair da sala para ir à cozinha, mas parei à entrada, à espera de ouvir o que Jiro tivesse para contar. Também o pai o continuou a fitar. Durante alguns momentos Jiro continuou a secar o cabelo, sem olhar para nenhum de nós.

"Na verdade", disse por fim, "creio que me saí muito bem. Consegui convencer os representantes deles a assinarem um acordo. Não exatamente um contrato, mas para todos os efeitos é como se fosse. O meu chefe ficou muito surpreso. Não é hábito deles comprometerem-se desse modo. Disse-me que ficava dispensado o resto do dia."

"Ora bem, mas isso é uma notícia magnífica", disse Ogata-San e em seguida deu uma gargalhada. Lançou-me uma olhadela, depois voltou a olhar para o filho. "É uma notícia magnífica!"

"Parabéns", disse eu, sorrindo para o meu marido. "Fico muito contente". Jiro levantou os olhos para mim, como se pela primeira vez reparasse na minha presença.

"Por que estás aí parada?", perguntou. "Não me importaria de tomar um chá, sabes."

Pousou a toalha e começou a pentear o cabelo.

Nessa noite, para festejar o sucesso de Jiro, preparei uma refeição mais elaborada do que o habitual. Nem durante o jantar nem durante o resto da noite Ogata-San mencionou o seu encontro com Shigeo Matsuda nesse dia. Contudo, mal começamos a comer disse subitamente:

"Bem, Jiro, vou-me embora amanhã."

Jiro levantou os olhos. "Vai-se embora? Oh, que pena. Bem, espero que tenha gostado da sua estada."

"Sim, foi um bom descanso. De fato, estive com vocês muito mais tempo do que tinha planeado."

"É sempre bem-vindo, pai", disse Jiro. "Garanto-lhe que não há necessidade nenhuma de ir já a correr embora."

"Obrigado, mas está na altura de regressar. Tenho uns trabalhinhos para fazer."

"Por favor, venha visitar-nos sempre que lhe der jeito." "Pai", disse eu. "Tem de vir ver o bebé quando ele chegar." Ogata-San sorriu. "Talvez no Ano Novo, então", disse. "Mas não vos incomodarei muito antes disso, Etsuko. Nessa altura já terão muito com que se ocupar, para além de me aturarem."

"Foi uma pena ter-me apanhado tão ocupado", disse o meu marido. "Talvez da próxima vez não esteja tão absorvido pelo trabalho e tenhamos mais tempo para conversar."

"Não te preocupes, Jiro. Nada me agradou tanto como ver a tua dedicação ao trabalho."

"Agora que este acordo foi finalmente conseguido", disse Jiro, "terei um pouco mais de tempo livre. É uma pena ter de ir embora precisamente nesta altura. E eu que até estava a pensar tirar alguns dias. Contudo, suponho que não pode adiar a sua partida."

"Pai", interrompi eu, "se Jiro vai tirar uns dias, não pode ficar mais uma semana?"

O meu marido parou de comer, mas não levantou os olhos. "É tentador", disse Ogata-San, "mas penso que realmente está na altura de regressar."

Jiro recomeçou a comer. "É uma pena", disse. "Sim, realmente tenho de pôr a varanda pronta antes de Kikuko e o marido chegarem. Com certeza que eles vão querer visitar-me no Outono."

Jiro não replicou e por uns instantes todos continuamos a comer em silêncio. Depois, Ogata-San disse:

"Além disso, não posso ficar o dia todo aqui sentado a pensar no xadrez." Riu, de um modo um pouco estranho.

Jiro fez um sinal de assentimento, mas não disse nada. Ogata-San voltou-se a rir e depois comemos em silêncio durante vários

momentos.

"Ainda costuma beber sake, pai?", perguntou Jiro momentos depois.

"Sake? Bebo uma gota de vez em quando. Não muito frequentemente."

"Visto que esta é a sua última noite conosco, talvez devêssemos beber um pouco de sake."

Ogata-San pareceu considerar esta proposta durante uns instantes. Finalmente, disse com um sorriso: "Não é preciso pôr tudo em rebuliço por causa de um velhote como eu. Mas acompanho-te numa taça para festejar o magnífico futuro que tens à frente." Jiro fez-me um sinal. Fui ao armário e tirei uma garrafa e dois copos.

"Sempre pensei que irias longe", dizia Ogata-San. "Sempre prometeste muito."

"O que aconteceu hoje não é garantia de que me deem a promoção", disse o meu marido. "Mas suponho que os meus esforços de hoje não tenham feito mal nenhum."

Sake: saqué, bebida alcoólica feita de arroz.

"Não, realmente", disse Ogata-San. "Não me parece que tenham feito mal algum, pelo contrário."

Ambos me observaram em silêncio enquanto eu deitava o sake. Depois Ogata-San pousou os hashi e ergueu a taça.

"Ao teu futuro, Jiro", disse.

O meu marido, ainda com alguma comida na boca, ergueu também a sua taça.

"E ao seu também, pai", disse.

X



Vejo agora que a memória às vezes falha; é muitas vezes profusamente colorida pelas circunstâncias em que as recordações nos afluem à mente, e isto aplica-se sem dúvida a algumas lembranças que aqui reuni. Por exemplo, acho muito tentador persuadir-me que foi uma premonição que tive naquela tarde, que a imagem desagradável que naquele dia penetrou os meus pensamentos era algo de completamente diferente — algo muito mais intenso e vívido — que os inúmeros devaneios que flutuam na imaginação em certas horas longas e vazias.

É muito possível que não tenha sido nada de extraordinário. A tragédia da garotinha encontrada enforcada numa árvore — muito mais do que os anteriores assassinatos de crianças — chocara a vizinhança, e com certeza que não fui a única nesse Verão a ficar perturbada com essas imagens.

Foi um dia ou dois depois do nosso passeio a Inasa, quando a tarde já ia avançada. Eu andava de volta das tarefas domésticas, quando por acaso olhei pela janela. A terra devastada deve ter endurecido significativamente desde a primeira ocasião em que observara aquele grande carro americano, pois agora vi-o avançar pela superfície irregular sem dificuldades de maior. Continuou a aproximar-se, depois veio bater no concreto por baixo da minha janela. A luz resplandecente que batia no para-brisas impediu-me de

ver claramente, mas tive a nítida impressão que o condutor não estava sozinho. O carro deu a volta ao prédio e depois deixei de o ver.

Deve ter sido só nessa altura que aconteceu, precisamente quando olhava na direção da casa de Sachiko, num estado de espírito algo perturbado. Sem motivo aparente, aquela imagem deprimente introduziu-se nos meus pensamentos e afastei-me da janela muito perturbada. Voltei às tarefas domésticas, tentando livrar-me da imagem que me transtornara, mas só alguns minutos depois o consegui fazer, passando então a ponderar no reaparecimento do grande carro branco.

Foi aproximadamente uma hora mais tarde que vi uma figura caminhando pela terra devastada em direção à casa de campo. Protegi os olhos da luz de maneira a ver melhor; era uma mulher — de silhueta delgada e caminhava com um passo deliberadamente lento. Deteve-se por algum tempo à porta da casa, depois desapareceu por detrás do telhado íngreme. Continuei a observar, mas ela não voltou a aparecer; tudo indicava que entrara para dentro de casa.

Permaneci à janela durante vários momentos, sem saber o que fazer. Por fim calcei umas sandálias e saí de casa. Lá fora estava muitíssimo calor, e o trajeto através daqueles acres de terra seca pareceu-me demorar uma eternidade. Na verdade, a caminhada até a casa de Sachiko cansou-me tanto que quando lá cheguei já quase esquecera o meu propósito original. Assim, foi como uma espécie de choque que ouvi vozes vindas lá de dentro. Uma delas era a de Mariko; a outra não reconheci. Aproximei-me mais da entrada, mas não consegui perceber o que diziam. Ali fiquei durante alguns momentos, sem saber o que deveria fazer, depois entrei e chamei. As vozes deixaram de se ouvir. Esperei um instante, em seguida avancei lá para dentro.

Depois da luminosidade do dia lá fora, o interior da casa parecia fresco e sombrio. Mas aqui e ali o sol irrompia com força através de fendas estreitas, iluminando pedacinhos do tatami. O odor de madeira úmida parecia tão forte como sempre.

Levei alguns segundos a habituar os olhos ao novo ambiente. Uma mulher de idade estava sentada no tatami e Mariko estava à sua frente. Ao voltar-se para me encarar, a mulher moveu a cabeça muito lentamente, como se tivesse medo de magoar o pescoço. Tinha um rosto magro, de uma palidez cor de giz que no início me irritou muito. Parecia ter uns setenta anos, embora a fragilidade dos ombros e do pescoço pudesse derivar de problemas de saúde tanto quanto da idade. Vestia um quimono de cor escura, o tipo de quimono geralmente usado quando se está de luto. As pálpebras salientes descaíam levemente sobre os olhos que me fitavam sem emoção aparente.

"Como está?", disse ela passado um momento. Fiz uma ligeira reverência e retribuí-lhe as palavras de saudação. Durante um ou dois segundos nos fitamos com um certo embaraço.

"É uma vizinha?", perguntou a mulher. Pronunciava as palavras muito devagar.

"Sim", respondi. "Uma amiga."

Continuou a olhar-me durante uns momentos, depois perguntou: "Tem alguma ideia de onde esteja a locatária? Deixou a criança aqui sozinha."

A garota mudara de posição para ficar sentada lado a lado com a estranha. Ao ouvir a pergunta, Mariko olhou-me intensamente.

"Não, não faço ideia", disse eu.

"Que estranho", disse a mulher. "A criança também não parece saber. Onde poderá estar? Não posso demorar."

Voltamos a nos fitar por mais alguns momentos. "Veio de longe?" perguntei.

"De muito longe. Por favor, desculpe o meu vestuário. Acabo de vir de um funeral."

"Compreendo." De novo fiz uma reverência.

"Uma ocasião muito triste", disse a mulher, acenando lentamente a cabeça para si própria. "Um antigo colega do meu pai. O meu pai está demasiado doente para sair de casa. Mandou-me em seu lugar apresentar as condolências. Foi uma ocasião muito triste." Olhou demoradamente à sua volta, movendo a cabeça com a mesma circunspeção. "Não tem ideia nenhuma de onde ela está?"

"Não, receio que não."

"Não posso esperar muito mais tempo. O meu pai já deve estar a ficar preocupado."

"Quer deixar algum recado?", perguntei.

Durante uns instantes a mulher não respondeu. Depois disse: "Então, se não se importa, diga-lhe que eu estive cá à procura dela. Sou uma parente. O meu nome é Yasuko Kawada."

"Yasuko-San?" Fiz o que pude para esconder a minha surpresa. "É Yasuko-San, prima de Sachiko?"

A velha mulher fez-me uma vênia, e ao fazê-lo seus ombros estremeceram ligeiramente. "Diga-lhe por favor que estive cá e perguntei por ela. Não faz ideia de onde ela possa estar? De novo afirmei desconhecer o paradeiro de Sachiko. A mulher começou a acenar para si própria mais uma vez.

"Nagasaki está muito diferente", disse ela. "Esta tarde mal a reconheci."

"Sim", disse eu. "Acho que Nagasaki se modificou muito. Mas não vive em Nagasaki?"

"Já há muitos anos que vivemos em Nagasaki. Modificou-se muito, tal como diz. Surgiram novos edifícios, até novas ruas. Acho que a última vez que saí e fui até cidade foi na Primavera. E desde então novos edifícios foram construídos. Tenho certeza de que não estavam lá na Primavera. Na verdade, creio que também nessa

ocasião fui a um funeral. Sim, foi o funeral de Yamashita-San. Um funeral na Primavera ainda parece mais triste. Disse que era uma vizinha? Então, tenho muito prazer em conhecê-la." O seu rosto tremia e vi que estava a sorrir; os olhos haviam-se tornado muito pequenos e a boca curvava-se para baixo em vez de para cima. Eu estava um pouco constrangida ali de pé na entrada, mas não me sentia à vontade para avançar até o tatami.

"Tenho muito gosto em conhecê-la", disse eu. "Sachiko fala muitas vezes de você."

"Fala em mim?" A mulher pareceu ficar a pensar no que eu dissera. "Estávamos a contar que fosse viver conosco. Comigo e com o meu pai. Talvez ela lhe tenha contado."

"Sim, contou."

"Já há três semanas que estamos à espera dela. Mas ainda não apareceu."

"Há três semanas? Bem, suponho que tenha havido algum mal-entendido. Sei que ela está a pensar mudar-se dentro de dias."

Mais uma vez os olhos da mulher percorreram a casa. "É uma pena ela não estar", disse. "Mas se é vizinha dela, então fico muito contente por a ter conhecido." De novo me fez uma reverência, depois continuou a fitar-me. "Não se importa de lhe dar um recado?", perguntou.

"Certamente que não."

A mulher permaneceu algum tempo em silêncio. Finalmente, disse: "Tivemos um pequeno desentendimento, eu e ela. Talvez ela até lhe tenha contado. Não passou de um mal-entendido. Fiquei muito surpreendida quando no dia seguinte vi que ela fizera as malas e partira. Fiquei de fato muito surpreendida. Não a queria ofender. O meu pai diz que a culpa foi minha." Fez uma pequena pausa. "Não tinha intenção de a ofender", repetiu.

Nunca antes me ocorrera que o tio e a prima de Sachiko pudessem desconhecer a existência do seu amigo americano. Na

ausência de uma resposta adequada, fiz outra reverência.

"Confesso que sinto a falta dela desde que partiu", continuou a mulher. "Também tenho saudades de Mariko-San. Gostava da companhia delas e foi uma tolice da minha parte ter perdido a cabeça e ter dito o que disse." Fez nova pausa, voltou-se para Mariko e depois de novo para mim. "O meu pai, à sua maneira, também sente a falta delas. Sabe, ele ouve. Ouve como a casa está muito mais sossegada. No outro dia fui dar com ele acordado e disse-me que a casa lhe lembrava uma sepultura. Parece exatamente uma sepultura, disse ele. Tê-las outra vez de volta faria muito bem ao meu pai. Talvez ela regresse para bem dele."

"É claro que transmitirei tudo isso a Sachiko-San", disse. "E para bem dela também", disse a mulher. "Afimal, não é bom uma mulher não ter um homem para a guiar. Uma situação dessas só pode ser nociva. O meu pai está doente, mas a sua vida não corre perigo. Ela devia voltar para nossa casa, quanto mais não seja para o seu próprio bem." Começou a desatar um xaile que estava ao seu lado. "Trouxe isto comigo", disse. "São apenas uns casacos que tricotei, só isso. Mas a lã é muito boa. Pensava oferecê-los quando voltassem lá para casa, mas afinal trouxe-os hoje. Primeiro tricotei um para Mariko, depois pensei que também podia fazer um para a mãe." Pegou num dos casacos, depois olhou para a garota. De novo a sua boca se curvou para baixo enquanto sorria.

"São muito bonitos", disse eu. "Deve ter levado muito tempo para os fazer."

"É uma lã muito boa", disse de novo a mulher. Voltou a enrolar o xaile à volta dos casacos, depois atou o embrulho cuidadosamente. "Agora tenho de me ir embora. O meu pai já deve estar preocupado."

Levantou-se e afastou-se do tatami. Ajudei-a a calçar as sandálias de madeira. Mariko aproximara-se da beira do tatami e a mulher tocou de leve na cabeça da criança.

"Então não te esqueças, Mariko-San", disse ela, "conta à tua mãe o que te disse. E não precisas de te preocupar com os teus gatinhos. Há lá em casa muito espaço para todos eles."

"Iremos em breve", disse Mariko. "Eu digo à mãe." De novo a mulher sorriu. Depois voltou-se para mim e fez uma reverência. "Gostei de a conhecer. Não posso ficar mais tempo. Sabe, o meu pai está adoentado."

"Ah, é você, Etsuko", disse Sachiko quando nesse fim de tarde voltei à casa de campo. Depois riu e disse: "Não fique tão espantada. Não esperava que eu ficasse aqui eternamente, não?"

Roupa, cobertores e muitos outros artigos jaziam espalhados sobre o tatami. Retorqui-lhe adequadamente e sentei-me num lugar onde não incomodava. Ao meu lado, no chão, reparei em dois quimonos de aspecto magnífico que nunca vira Sachiko usar. Igualmente vi — numa caixa de cartão no meio da sala — o seu delicado serviço de porcelana da China.

Sachiko afastara os biombos centrais para permitir que as últimas réstias de luz do dia se escoassem para dentro de casa. Apesar disso, a obscuridade estava quase a invadir a casa, e o pôr do Sol que chegava à sala através da varanda já mal alcançava o canto distante em que Mariko se sentara a observar calmamente a mãe. Perto dela, dois dos gatinhos lutavam galhofeiramente. A garota tinha nos braços um terceiro gatinho.

"Espero que Mariko lhe tenha contado", disse eu para Sachiko. "Esteve cá uma visita para si. A sua prima."

"Sim, Mariko contou-me." Sachiko continuou a fazer a mala. "Vai partir amanhã de manhã?"

"Sim", respondeu ela, com alguma impaciência na voz. Depois suspirou e levantou os olhos para mim. "Sim, Etsuko, partimos de manhã." Enfiou qualquer coisa num canto da mala.

"Têm tanta bagagem", disse eu momentos depois. "Como é que vão conseguir transportar isso tudo?"

Durante uns instantes Sachiko não respondeu. Depois, continuando a emalar as coisas, disse: "Sabe perfeitamente bem, Etsuko. Pomos tudo no carro."

Fiquei silenciosa. Ela respirou fundo e olhou através da sala, para o lugar onde eu estava sentada.

"Sim, vamos deixar Nagasaki, Etsuko. Garanto-lhe que tinha toda a intenção de lhe ir dizer adeus depois de acabar de fazer as malas. Não me iria embora sem lhe agradecer, foi muito amável. A propósito, o empréstimo ser-lhe-á devolvido pelo correio. Por favor não se preocupe com isso." Recomeçou a arrumar as coisas.

"Para onde vai?", perguntei.

"Para Kobe. Agora está tudo decidido, de uma vez por todas."

"Kobe?"

"Sim, Etsuko, Kobe. E daí para a América. Frank tratou de tudo. Não fica contente por mim?" Fez-me um breve sorriso, depois voltou-se de novo.

Continuei a observá-la. Também Mariko a observava. O gatinho que tinha nos braços debatia-se para se juntar aos seus companheiros que brincavam no tatami, mas a garota continuava a segurá-lo com firmeza. Ao seu lado, no canto da sala, encontrava-se a caixa para legumes que ela ganhara na barraca de kujibiki; ao que parecia, Mariko convertera a caixa numa casa para os seus gatinhos.

"A propósito, Etsuko; aquele montão ali" — e apontou "vou ter de deixar cá ficar aquilo. Não fazia ideia que tinha junto tanta coisa. Algumas dessas coisas são de qualidade muito razoável. Por favor, faça delas o que quiser. É claro que não a quero ofender. É só porque realmente há ali coisas de qualidade."

"Mas então o seu tio?", perguntei. "E a sua prima?" "O meu tio?" Encolheu os ombros. "Foi simpático da sua parte ter-me convidado para ir lá para casa. Mas agora tenho outros planos. Não faz ideia, Etsuko, como me sinto aliviada por ir sair daqui. Espero que seja realmente a última vez que vejo esta sordidez." Depois

voltou a olhar para mim e riu-se. "Estou mesmo a ver o que está a pensar. Asseguro-lhe, Etsuko, que está completamente enganada. Desta vez ele não me vai abandonar. Amanhã de manhã ele estará aqui com o seu carro. Não fica contente por mim?" Sachiko olhou para as malas espalhadas pelo chão e suspirou. Depois, passando por cima de um monte de roupa, ajoelhou-se ao lado da caixa que continha o serviço de chá e começou a enchê-la comovelos de lã.

"Já decidiste?", perguntou Mariko repentinamente. "Agora não podemos falar nisso, Mariko", disse-lhe a mãe. "Estou muito ocupada."

"Mas disseste que eu podia ficar com eles. Não te lembras?" Sachiko abanou suavemente a caixa de cartão; a porcelana ainda chocalhava. Olhou à volta, encontrou um bocado de pano e começou a cortá-lo às tiras.

"Disseste que podia ficar com eles", repetiu Mariko. "Mariko, por favor pensa na situação por um momento só. Como é que podemos levar todas essas criaturas conosco?"

"Mas disseste que eu podia ficar com eles."

Sachiko respirou e por uns instantes pareceu considerar qualquer possibilidade. Olhou para o serviço de chá, absorta, as tiras de pano na mão.

"Disseste, mãe", continuou Mariko. "Não te lembras? Disseste que podia ficar com eles."

Sachiko levantou os olhos para a filha, depois para os gatinhos. "As coisas mudaram", disse ela com cansaço. Depois uma onda de irritação atravessou-lhe o rosto e arremessou os bocados de pano para o chão. "Mariko, como é possível que te preocupes tanto com essas criaturas? Como é que podemos levá-las conosco? Não, teremos de as deixar aqui."

"Mas disseste que podia ficar com eles."

Sachiko fitou a filha durante alguns momentos. "Não és capaz de pensar em mais nada?", disse ela, baixando a voz de tal maneira

que quase sussurrava. "Ainda não tens idade suficiente para perceber que há outras coisas na vida para além destes animaizinhos imundos? Vais ter de crescer um pouco. Na verdade, não podes continuar eternamente com estas afeições sentimentais. São apenas... apenas animais, não vês? Não consegues compreender isso, criança? Não percebes?"

Mariko olhava fixamente para a mãe.

"Se quiseres, Mariko-San", acrescentei eu, "posso vir cá de vez em quando dar-lhes de comer. E passado algum tempo com certeza que eles arranjam casas onde ficar. Não há motivo para preocupações."

A garota virou-se para mim. "A mãe tinha dito que eu podia ficar com os gatinhos", disse ela.

"Para de ser tão infantil", disse Sachiko asperamente. "Estás complicando tudo de propósito, como sempre. O que importa o futuro dessas criaturinhas sujas?" Levantou-se e foi até Mariko. Os gatinhos que brincavam no tatami recuaram apressados; Sachiko olhou-os, depois respirou fundo. Com muita calma virou o caixote de legumes para o lado — de modo a que as portinholas de arame ficassem para cima —. abaixou-se para pegar os gatinhos e deixou-os cair na caixa um a um. Então voltou-se para a filha; Mariko continuava a segurar o gatinho que restava.

"Dá-me isso", disse-lhe Sachiko.

Mariko continuou a segurar o gatinho. Sachiko avançou e estendeu a mão. A garota olhou para mim.

"Este é Atsu", disse ela. "Queres vê-lo, Etsuko-San? É o Atsu.

"Dá-me essa criatura, Mariko", disse Sachiko. "Não vês que é apenas um animal? Por que não consegues compreender isso, Mariko? Será que é realmente por ainda seres demasiado nova? Não é o teu bebezinho, é apenas um animal, tal como uma ratazana ou uma cobra. Agora, dá-me isso."

Mariko levantou os olhos e fitou a mãe. Então, baixou lentamente o gatinho até o chão e deixou-o cair no tatami à sua frente. O gatinho debateu-se enquanto Sachiko o levantava do chão. Deixou-o cair no caixote e fechou a portinhola.

"Fica aqui", disse para a filha, e pegou o caixote. Depois, ao passar por mim disse: "É uma estupidez, são apenas animais, o que é que isso interessa?"

Mariko levantou-se e parecia prestes a seguir a mãe. À saída Sachiko voltou-se e disse: "Faz o que te digo. Fica aqui."

Por alguns momentos, Mariko permaneceu na beira do tatami, olhando para a porta por onde a mãe desaparecera. "Espera pela tua mãe aqui, Mariko-San", disse-lhe. A garota olhou para mim. De repente saiu porta afora.

Durante um ou dois minutos não me mexi. Passados uns momentos levantei-me e calcei as sandálias. Da entrada via Sachiko à beira da água, com o caixote aos pés; parecia não se ter apercebido da presença da filha alguns metros atrás, precisamente no lugar em que o terreno se começava a inclinar abruptamente. Saí de casa e encaminhei-me para o lugar em que Mariko se encontrava.

"Vamos voltar para casa, Mariko-San", disse-lhe brandamente.

Os olhos da garota continuavam presos aos gestos da mãe, e o seu rosto estava completamente inexpressivo. Lá em baixo, à nossa frente, Sachiko ajoelhou-se cautelosamente à beira da água, depois aproximou um pouco mais o caixote de si.

"Vamos para casa, Mariko", voltei a dizer, mas a garota continuou a ignorar-me. Saí de perto dela e desci a ladeira lamacenta até o local onde Sachiko estava ajoelhada.



O sol poente rompia através das árvores da margem oposta, e os juncos que cresciam à beira da água espalhavam longas sombras no terreno enlameado que nos cercava. Sachiko encontrara uma pequena extensão de erva onde se ajoelhar, mas também aí o terreno estava todo enlameado.

"Não podemos soltá-los?", perguntei com brandura. "Nunca se sabe. Talvez alguém os queira."

Sachiko olhava fixamente através da rede de arame do caixote de legumes. Abriu uma das portinholas, tirou um gatinho e voltou a fechar o caixote. Segurou o gatinho com ambas as mãos, olhou-o durante alguns segundos e depois levantou os olhos para mim. "É apenas um animal, Etsuko", disse. "Nada mais do que isso."

Pôs o gatinho dentro de água e continuou a segurá-lo.

Permaneceu assim durante alguns momentos, fitando a água, as duas mãos mergulhadas lá dentro. Vestia um informal quimono de Verão, e a ponta das mangas tocava na água.

Então, pela primeira vez e sem tirar as mãos da água, Sachiko lançou uma olhadela por cima do ombro em direção à filha. Segui instintivamente o seu olhar, e durante um breve instante permanecemos as duas de olhos fixos em Mariko. A garota estava de pé no cimo da ladeira, observando-nos com a mesma expressão vazia. Ao ver o rosto da mãe voltar-se para ela moveu ligeiramente a cabeça. Depois ficou muito quieta, as mãos atrás das costas.

Sachiko tirou as mãos de dentro de água e fitou o gatinho que ainda segurava. Aproximou-o mais do rosto e a água correu-lhe pelos pulsos e depois pelos braços.

"Ainda está vivo", disse com cansaço. Depois voltou-se para mim e disse-me: "Olhe para esta água, Etsuko. Está tão suja." Com um ar de repulsa deixou cair o gatinho encharcado para dentro do caixote e fechou-o. "Como estas coisas se debatem!", murmurou e mostrou-me os pulsos para que eu visse os arranhões. Por qualquer

razão o cabelo de Sachiko também se molhara; primeiro uma gota, depois outra escorreram de uma fina madeixa de cabelo que se estendia sobre o seu rosto.

Sachiko mudou ligeiramente de posição e em seguida empurrou o caixote para a beira da água; o caixote girou sobre si mesmo e foi parar dentro de água. Para impedir que flutuasse, Sachiko inclinou-se para a frente e empurrou-o mais para dentro da água, que chegou quase a meio da rede de arame. Continuou a segurar o caixote debaixo de água, finalmente empurrou-o com as mãos. O caixote flutuou um pouco para dentro do rio, balançou e afundou mais um pouco. Sachiko levantou-se e ficamos as duas a observar o caixote. Continuou a flutuar, depois foi apanhado pela corrente e começou a deslizar mais rapidamente pelo rio abaixo.

Nesse momento um movimento brusco chamou-me a atenção e fez-me virar. Mariko correra vários metros rio abaixo e detivera-se num ponto onde a margem fazia uma saliência para dentro de água. Ali ficou observando o caixote a flutuar, o rosto ainda sem qualquer expressão. O caixote enredou-se nos juncos, libertou-se e continuou o seu caminho. Mariko começou de novo a correr. Percorreu uma distância razoável ao longo da margem, depois voltou de novo a parar para observar o caixote. Nessa altura já só um pequeno canto era visível à superfície da água.

"Esta água é tão suja", disse Sachiko. Estivera a sacudir a água das mãos. Torceu as mangas do quimono, depois tirou a lama dos joelhos. "Vamos para casa, Etsuko. Os insectos estão-se a tornar insuportáveis."

"Não devíamos ir buscar Mariko? Em breve ficará completamente escuro."

Sachiko voltou-se e chamou pela filha. Mariko estava agora a uns cinquenta metros de distância, e ainda continuava a olhar para a água. Não pareceu ouvir e Sachiko encolheu os ombros. "Ela não tardará a ir para casa", disse. "Agora tenho de ir acabar de fazer as

malas antes que se faça completamente noite." Começou a subir a ladeira em direção a casa.

Sachiko acendeu a lanterna e pendurou-a numa trave de madeira não muito alta. "Não se preocupe, Etsuko", disse. "Ela estará de volta dentro de pouco tempo." Abriu caminho, por entre as várias coisas espalhadas pelo tatami e sentou-se, tal como antes, em frente dos biombos. Por trás dela o céu tornara-se pálido e esmorecido.

Recomeçou a emalar as coisas. Sentei-me no extremo oposto da sala e observei-a.

"Quais são então os seus planos?", perguntei-lhe. "O que vai fazer quando chegar a Kobe?"

"Já está tudo assente, Etsuko", disse sem levantar os olhos.

"Não há motivo para preocupações. Frank tratou de tudo."

"Mas porquê Kobe?"

"Ele tem lá amigos. Na base americana. Conseguiu trabalho num cargueiro e daqui a muito pouco tempo estará na América. Então mandar-nos-á o dinheiro necessário para irmos ter com ele. Ele tratou de tudo o que era preciso."

"Quer dizer que ele vai deixar o Japão sem você?" Sachiko riu. "Uma pessoa tem de ser paciente, Etsuko. Quando chegar à América ele poderá arranjar um emprego e depois mandar-nos dinheiro. Esta é sem dúvida a solução mais sensata. De fato, terá muito mais facilidade de arranjar trabalho na América. Não me importo de esperar um pouco."

"Estou a ver."

"Ele tratou de tudo, Etsuko. Arranjou um lugar para ficarmos em Kobe, e providenciou para que depois embarquemos num navio quase por metade do preço habitual." Suspirou. "Não faz ideia como me sinto feliz por me ir embora."

Sachiko continuou a fazer as malas. A luz pálida que vinha lá de fora iluminava-lhe parte do rosto, mas as mãos e as mangas do

quimono captavam a luz que a lanterna emanava. O efeito obtido era muito estranho.

"Está a contar ficar muito tempo em Kobe?", perguntei. Ela encolheu os ombros. "Estou preparada para ser paciente, Etsuko. Uma pessoa tem de ser paciente."

Na obscuridade não conseguia ver o que ela estava a dobrar; parecia não ser tarefa fácil, pois abriu e voltou a dobrar várias vezes o objecto em questão.

"De qualquer modo, Etsuko", continuou ela, "por que haveria ele de se ter dado a este trabalho todo se não fosse realmente sincero? Por que haveria ele de se dar a este trabalho todo por causa de mim? Às vezes você parece tão incrédula, Etsuko. Devia ficar contente por mim. As coisas começam finalmente a dar certo."

"Sim, evidentemente que me sinto feliz por si."

"Mas realmente, Etsuko, seria muito injusto para com ele começar a duvidar das suas intenções depois de se ter dado a este trabalho todo. Seria deveras injusto."

"Sim."

"E Mariko será mais feliz assim. A América é um país muito melhor para uma menininha crescer. Lá ela poderá fazer o que quiser da sua vida. Pode tornar-se uma mulher de negócios. Ou pode estudar pintura na universidade e tornar-se uma artista. Todas estas coisas são muito mais fáceis na América, Etsuko. O Japão não é lugar para uma garota. O que é que ela pode esperar aqui?"

Não respondi. Sachiko levantou os olhos para mim e deu uma risada breve.

"Tente lá sorrir, Etsuko", disse ela. "As coisas acabarão todas em bem."

"Sim, estou certa que sim." "É claro que sim."

"Sim."

Durante um ou dois minutos, Sachiko continuou com as suas arrumações. Depois as suas mãos imobilizaram-se e o seu olhar

atravessou a sala na minha direção, o rosto envolto naquela estranha mistura de luz.

"Deve-me achar uma tonta", disse ela calmamente. "Não é, Etsuko?"

Olhei para ela, um pouco surpreendida.

"Eu sei que podemos nunca chegar a ver a América", disse ela. "E mesmo que lá chegemos, sei como as coisas irão ser difíceis. Pensava que eu não tinha consciência disso?"

Não retorqui e continuamos a fitar-nos.

"Mas e daí?", disse Sachiko. "Que diferença é que faz? Por que é que não haveremos de ir para Kobe? Afinal, Etsuko, o que é que tenho a perder? Não há nada para mim em casa do meu tio. Apenas algumas salas vazias, só isso. Posso lá ficar sentada numa dessas salas e envelhecer. Para além disso, nada mais me espera naquela casa. Apenas salas vazias, só isso. E a Etsuko sabe o que isso é."

"Mas Mariko", disse eu. "O que vai ser de Mariko?"

"Mariko? Ela se arranjará. Terá que conseguir."

Sachiko continuava a fitar-me através da obscuridade, parte do seu rosto permanecia na sombra. Então, disse: "Pensa que imagino por um só momento que sou uma boa mãe para ela?"

Continuei silenciosa. Então, repentinamente, Sachiko desatou a rir.

"Mas por que é que estamos a falar assim?", disse, e de novo as suas mãos se começaram a mover, atarefadas. "Tudo acabará por se resolver bem, garanto-lhe. Escrevo-lhe quando chegar à América. Talvez até nos possa ir visitar um dia, Etsuko. E podia levar a sua criança."

"Sim, talvez."

"Nessa altura talvez até já tenha várias crianças." "Sim", disse eu, rindo com um certo embaraço. "Nunca se sabe."

Sachiko suspirou e ergueu ambas as mãos para o ar. "Tenho tanta coisa para arrumar", murmurou. "Vou ter de deixar ficar

algumas coisas."

Durante alguns momentos, continuei sentada a observá-la. "Se quiser", disse minutos depois, "posso ir procurar Mariko. Já está muito tarde."

"Só vai se cansar, Etsuko. Vou acabar de fazer as malas e se até lá ela ainda não tiver voltado, podemos ir as duas à procura dela."

"Não faz mal. Vou ver se consigo encontrá-la. Já é quase noite."

Sachiko olhou para mim, depois encolheu os ombros. "Então talvez seja melhor levar a lanterna", disse-me. "A margem do rio é muito escorregadia."

Levantei-me e tirei a lanterna da trave. As sombras invadiram a casa à medida que eu me ia dirigindo para a saída. Ao sair olhei para trás, para Sachiko. Só conseguia distinguir a sua silhueta, sentada em frente dos biombos, com o céu cada vez mais escuro por detrás.

Atraídos pela lanterna, insetos seguiram-me enquanto me encaminhava para o rio. De vez em quando uma dessas criaturas ficava presa lá dentro e tinha de parar e ficar imóvel com a lanterna na mão até que o inseto conseguisse sair.

A seu tempo, vislumbrei a pequena ponte de madeira à minha frente, na margem do rio. Enquanto a atravessava parei por uns momentos para contemplar o céu crepuscular. Recordo-me que ali em cima daquela ponte me inundou uma estranha sensação de tranquilidade. Permaneci alguns momentos imóvel, apoiada nas traves da ponte, escutando os sons do rio por baixo de mim. Quando por fim me volvei deparei com a minha própria sombra, projetada pela lanterna, dirigida de encontro às traves de madeira da ponte.

"O que é que estás a fazer aqui?", perguntei, pois a garota estava à minha frente, agachada sob as traves do outro lado.

Aproximei-me até que a luz da lanterna me permitiu vê-la mais distintamente. Observava as palmas das mãos e não disse nada.

"O que é que se passa contigo?", perguntei-lhe. "Por que é que estás aqui sentada?"

Os insectos agitavam-se à volta da lanterna. Pousei-a no chão à minha frente e a sua luz permitiu-me ver com mais nitidez o rosto da criança. Depois de um longo silêncio, Mariko disse: "Não me quero ir embora. Não quero ir embora amanhã."

Suspirei. "Mas vais acabar por gostar. Toda a gente tem um certo medo de coisas novas. Mas vais gostar daquilo por lá."

"Não quero ir embora. E não gosto dele. Parece um porco." "Não deves falar assim", disse-lhe asperamente. Fitamo-nos durante um instante, depois ela continuou a observar as mãos.

"Não podes falar assim", disse eu mais calmamente. "Ele gosta de ti, e vai ser como um novo pai para ti. Tudo vai correr bem, prometo."

A criança não disse nada. Voltei a suspirar.

"De qualquer modo", continuei, "se não gostares daquilo por lá, podes sempre regressar."

Desta vez ela olhou para mim interrogativamente. "Sim, prometo-te", disse eu. "Se não gostares de lá viver, podes voltar logo de seguida para cá. Mas vamos ter de tentar e ver se gostamos. De certeza que sim."

A garota observava-me atentamente. "Por que é que tens isso na mão?", perguntou-me.

"Isto? Prendeu na minha sandália, só isso."

"Por que está com isso na mão?"

"Já te disse. Prendeu na sandália. O que é que se passa contigo?"

Dei uma risada breve. "Por que é que me olhas assim? Não te vou fazer mal."

Sem tirar os olhos de mim, levantou-se lentamente. "O que é que se passa contigo?", repeti.

A criança começou a correr, e o som dos seus passos ressoou pelas tábuas de madeira. Parou no fim da ponte e aí ficou a olhar-me com desconfiança. Sorri-lhe e apanhei a lanterna. De novo a criança começou a correr.

A meia-lua erguera-se sobre a água e durante alguns momentos de quietude fiquei em cima da ponte a contemplá-la. Uma vez, por entre a escuridão, pareceu-me ver Mariko correndo ao longo da margem do rio em direção a casa.

XI



De início estava certa que alguém passara ao lado da minha cama e depois saíra do quarto, fechando a porta de mansinho. Depois, à medida que ia ficando mais acordada, percebi como esta impressão era fantasiosa.

Continuei na cama, tentando escutar outros ruídos. Era óbvio que o que ouvira tinha sido Niki no quarto ao lado; ao longo de toda a sua estada queixara-se de não conseguir dormir bem. Ou muito possivelmente nem sequer ouvira realmente barulhos nenhuns; o hábito é que me levara a acordar a meio da noite.

Ouvia o som dos pássaros lá fora, mas o meu quarto ainda estava mergulhado na escuridão. Alguns minutos depois, levantei-me e vesti o roupão. Quando abri a porta a manhã ainda estava muito pálida. Avancei um pouco e quase por instinto lancei uma olhadela para o outro extremo do corredor, para a porta do quarto de Keiko.

Então, por um instante, tive certeza de ter ouvido um som vindo lá de dentro, um som leve e nítido no meio dos trinados dos pássaros lá fora. Fiquei quieta, à escuta, depois caminhei em direção à porta. Voltei a ouvir mais barulhos e então percebi que vinham lá de baixo, da cozinha. Permaneci alguns momentos ali no patamar, depois comecei a descer as escadas.

Niki saía da cozinha e ao ver-me assustou-se.

"Oh, mãe, pregou-me cá um susto!"

Na semiobscuridade do hall de entrada via a sua figura esbelta dentro do roupão, segurando uma xícara nas mãos.

"Desculpa, Niki. Pensei que talvez fosse algum ladrão."

A minha filha respirou fundo, mas ainda parecia abalada. Depois disse: "Não consegui dormir bem. Por isso pensei em vir beber um pouco de café."

"Que horas são?"

"Cerca de cinco horas, creio."

Foi para a sala de estar, deixando-me ali no fundo das escadas. Fui até a cozinha para buscar café para mim antes de ir ter com ela à sala. Niki abriu as cortinas e estava escarranchada numa cadeira dura, olhando abstratamente para o jardim. A luz parda que vinha através da janela tombava-lhe sobre o rosto.

"Achas que vai chover?", perguntei-lhe.

Encolheu os ombros e continuou a olhar pela janela. Sentei-me perto da lareira e observei-a. Então ela suspirou com um ar cansado e disse:

"Parece que não consigo dormir bem. Continuo a ter pesadelos continuamente."

"Isso é preocupante, Niki. Na tua idade devias ter um sono descansado."

Não disse nada e continuou a olhar para o jardim. "Que tipo de pesadelos é que tens?", perguntei. "Oh, apenas pesadelos."

"Mas pesadelos com que, Niki?"

"Apenas pesadelos", repetiu ela, subitamente irritada. "O que interessa com quê?"

Durante uns instantes ficamos silenciosas. Então, sem se voltar, Niki disse:

"Acho que o pai se devia ter interessado mais por ela, não devia? A maioria das vezes ignorava-a. Na verdade, isso não era justo."

Esperiei para ver se acrescentava mais alguma coisa. Então disse: "Bem, isso é perfeitamente compreensível. Afinal, não era o pai verdadeiro."

"Mas de fato não era justo."

Lá fora era quase dia. Um pássaro solitário cantarolava perto da janela.

"Por vezes o teu pai era muito idealista", disse eu. "Sabes, naquele tempo ele acreditava realmente que pudéssemos dar a Keiko uma vida feliz aqui."

Niki encolheu os ombros. Observei-a durante algum tempo, depois disse: "Mas sabes, Niki, eu sempre soube. Eu sempre soube que ela não seria feliz aqui. Mas mesmo assim resolvi trazê-la."

A minha filha pareceu ficar a pensar no que eu dissera. "Não seja tola", disse, voltando-se para mim, "como é que podia saber? E a mãe fez tudo o que era possível fazer por ela. É a última pessoa que se podia censurar."

Fiquei calada. O seu rosto, liberto da maquilhagem, parecia muito jovem.

"De qualquer modo", disse ela, "às vezes tem de se correr riscos. A mãe fez exatamente aquilo que devia fazer. Uma pessoa não pode ficar a ver o espetáculo da sua vida desperdiçada."

Pousei a xícara de café que estivera a segurar e fiquei a olhar para o jardim. Não havia sinais de chuva e o céu parecia mais claro que nas manhãs anteriores.

"Teria sido tão estúpido", continuou Niki, "se a mãe tivesse simplesmente aceite as coisas tal como elas estavam e tivesse ficado onde estava. Pelo menos tentou."

"Tal como dizes. Agora não vamos discutir mais esse assunto." "É tão estúpido o modo como as pessoas desperdiçam as suas vidas."

"Não vamos discutir mais esse assunto", disse eu com mais firmeza. "Não há nada a ganhar em dissecar tudo isso agora."

A minha filha voltou-se de novo. Durante uns instantes ficamos sentadas sem falar, depois levantei-me e aproximei-me da janela.

"Hoje está uma manhã muito mais bonita", disse eu. "Talvez o sol apareça. Se tal acontecer, Niki, podíamos ir dar um passeio. Farnos-ia muito bem."

"Suponho que sim", resmungou ela.

Quando saí da sala, a minha filha continuava escarrapachada na cadeira, o queixo apoiado na mão, olhando para o jardim com ar absorto.

Quando o telefone tocou estávamos a acabar de tomar o pequeno-almoço na cozinha. Tocara tantas vezes para ela durante os dias anteriores, que era mais que natural que fosse ela a atendê-lo. Quando voltou, o café já tinha arrefecido.

"De novo os teus amigos?", perguntei.

Ela fez um aceno de cabeça, depois foi aquecer o café.

"Na verdade, mãe", disse, "vou ter de regressar esta tarde.

Não faz mal?" Estava de pé, uma mão na asa da cafeteira e outra na anca.

"É claro que não faz mal. Foi muito bom ter-te cá, Niki." "Em breve venho visitá-la de novo. Mas agora tenho realmente de ir embora."

"Não tens de te desculpar. É muito importante que leves a tua vida."

Niki voltou-se e ficou à espera de poder tirar a cafeteira do lume. As janelas acima do lava-louça estavam um pouco embaçadas, mas lá fora o sol brilhava. Niki serviu-se de café, depois sentou-se à mesa.

"Ah, a propósito, mãe", disse ela. "Lembra-se daquela amiga de quem lhe falei, a que está a escrever o poema sobre a mãe?"

Sorri. "Ah, sim. A tua amiga."

"Ela quer que eu lhe leve uma fotografia ou qualquer coisa do gênero. De Nagasaki. Tem alguma coisa que possa servir? Um velho bilhete-postal, por exemplo?"

"Acho que consigo descobrir qualquer coisa para levares. Que absurdo! " — dei uma gargalhada. "O que será que ela poderá escrever sobre mim?"

"Ela é realmente uma boa poetisa. Sabe, ela já passou por muita coisa. Foi por isso que lhe falei de si."

"Estou certa que escreverá um poema maravilhoso, Niki."
"Apenas um velho bilhete-postal, qualquer coisa desse gênero. Desde que ela possa ver como era tudo."

"Bem, Niki, isso não estou certa de arranjar. Tem mesmo de mostrar como tudo era?"

"Sabe muito bem o que quero dizer."

Virei-me rindo. "Daqui a pouco vou procurar." Niki estivera a pôr manteiga numa tosta, mas agora estava de novo a tirá-la. A minha filha sempre foi magra e diverti-me ver que ela estava com medo de engordar. Durante alguns momentos observei-a.

Contudo", disse-lhe pouco depois, "é uma pena ires embora hoje. Ia sugerir irmos ao cinema esta tarde."

"Ao cinema? Porquê, que filme é que passa neste momento?"

"Há muito tempo que não sei que filmes é que passam nas salas. Esperava que tu me soubesses informar."

"Na verdade, mãe, há séculos que não vamos juntas ao cinema, não é? Desde o tempo em que eu era pequena."

Niki sorriu, e por um instante o seu rosto pareceu um rosto de criança. Depois pousou a faca e olhou absorta para a xícara de café. "Também não vou muito ao cinema", disse.

"Em Londres há sempre montes de filmes para ver, mas nós não vamos muito ao cinema."

"Bem, se preferires, podemos ir ao teatro. Agora o ônibus leva-nos até o teatro. Não sei que peça está de momento em cena,

mas podemos ver. Isso que está aí mesmo atrás de ti é o jornal local, não é?"

"Bem, mãe, não se incomode. Não vale a pena." "Acho que às vezes representam boas peças. Algumas muito modernas. Deve dizer no jornal."

"Não vale a pena, mãe. De qualquer modo vou ter de ir embora hoje. Gostaria de ficar, mas tenho realmente de regressar."

"Com certeza, Niki. Não é preciso pedires desculpa." Sorri-lhe através da mesa. "De fato, gosto muito de saber que tens bons amigos com quem te sentes bem. Serão sempre bem-vindos, se quiseres trazer cá algum deles."

"Sim, mãe, obrigada."

O quarto de hóspedes que Niki estivera a usar era pequeno e tinha um aspecto austero. Nessa manhã o sol jorrava lá para dentro.

"Será que isto serve para a tua amiga?", perguntei da entrada. Niki estava a fazer a mala e deitou uma rápida olhadela para o calendário que eu encontrara. "É ótimo", disse.

Avancei pelo quarto dentro. Da janela via-se o pomar lá embaixo, com as suas fileiras muito alinhavadas de jovens arvorezinhas. O calendário que segurava nas mãos trazia originalmente uma fotografia referente a cada mês, mas todas as folhas haviam sido arrancadas exceto a última. Durante uns instantes observei a fotografia que restava.

"Não me dê nada de muito importante", disse Niki. "Se não houver nada não faz mal."

Ri e pus o calendário em cima da cama, ao lado das outras coisas. "É apenas um velho calendário, só isso. Nem sei por que o guardei."

Niki desviou algum cabelo da cara, depois continuou a fazer a mala.

"Suponho", disse eu momentos depois, "que pensas continuar a viver em Londres nos próximos tempos."

Encolheu os ombros. "Bem, sinto-me feliz por lá."

"Dá cumprimentos meus a todos os teus amigos."

"Está bem, não me esquecerei."

"E ao David também. É assim que ele se chama, não é?"

Encolheu outra vez os ombros, mas não disse nada. Trouxera três pares de botas, e agora tentava arranjar maneira de enfiá-los na mala.

"Suponho, Niki, que não pensas casar daqui a uns tempos?"

"E para que é que eu havia de me querer casar?"

"Estava só a perguntar."

"Por que me casaria? Para que é que isso serve?"

"Pensas apenas continuar a viver em Londres, não é?"

"Bem, por que é que eu haveria de casar? Isso é tão estúpido, mãe." Enrolou o calendário e guardou-o. "Há tantas mulheres que levam uma lavagem ao cérebro. Pensam que a vida se resume a casar e ter um monte de filhos."

Continuei a observá-la. Depois disse: "Mas no fim de contas, Niki, até nem há muito mais do que isso."

"Céus, mãe, há imensas coisas que posso fazer. Mas não quero ficar encurralada algures, presa a um marido e a um monte de crianças aos berros. De qualquer modo, por que é que subitamente começou a falar disso?" Não conseguia fechar a mala. Empurrou-a impacientemente.

"Estava apenas a pensar quais seriam os teus planos, Niki", disse rindo. "Não é preciso ficares tão zangada. É claro que tens de fazer aquilo que escolheres."

Voltou a levantar a tampa da mala e acomodou algumas coisas.

"Vá lá, Niki, não é preciso ficares tão zangada." Desta vez conseguiu fechar a mala. "Só Deus sabe porque trouxe tanta coisa", resmungou para si própria.

"O que é que diz às pessoas, mãe?", perguntou Niki. "O que é que diz quando lhe perguntam onde estou?"

A minha filha decidira que só partiria depois do almoço e fôramos passear pelo pomar por detrás da casa. O sol continuava a brilhar mas estava um ar frio. Olhei-a surpreendida.

"Digo-lhes apenas que estás a viver em Londres, Niki. Não é essa a verdade?"

"Suponho que sim. Mas eles não perguntam o que estou lá a fazer? Como a velha Senhora Waters no outro dia?"

"Sim, às vezes perguntam. Digo-lhe que vives com amigos. Na verdade, Niki, não fazia ideia que te importasses tanto com aquilo que as pessoas pudessem pensar de ti."

"E não me importo."

Continuamos a caminhar vagarosamente. Em muitos lugares o terreno tornara-se pantanoso.

"Suponho que não gosta muito, pois não, mãe?" "De quê, Niki?" "Do tipo de vida que levo. Não gosta que esteja a viver longe. Com o David e tudo isso."

Chegáramos ao fim do pomar. Niki passou por um atalhinho em curva e daí atravessou para o outro lado, em direção aos portões de madeira de um campo. Segui-a. O pasto era grande à medida que se ia estendendo à nossa frente ia-se também elevando gradualmente. No seu topo viam-se dois delgados sicômoros, cuja silhueta se projetava de encontro ao céu.

"Não me envergonho de ti, Niki", disse eu. "Deves viver como achares melhor."

A minha filha fitava o campo. "Antes aqui havia cavalos, não havia?", disse ela, levantando os braços e agarrando-se ao portão. Olhei mas não havia cavalos à vista.

"Sabes, é estranho", disse eu. "Lembro-me que quando casei da primeira vez, houve muitas discussões porque o meu marido não

queria viver com o pai. Sabes, nesse tempo isso ainda era o mais usual no Japão. Houve muitas discussões por causa disso.

"Aposto que ficou aliviada", disse Niki, sem afastar os olhos do campo.

"Aliviada? De quê?"

"De não ter de viver com o pai dele."

"Pelo contrário, Niki. Teria ficado contente se ele vivesse conosco. Além disso, ele era viúvo. Não está mal de todo, esse velho costume japonês."

"Obviamente, isso é o que diz agora. Contudo, aposto que não foi isso que pensou na altura."

"Mas, Niki, realmente não estás a perceber. Eu gostava muito do meu sogro." Olhei para ela por um instante, depois dei uma gargalhada. "Talvez tenhas razão. Talvez tenha ficado aliviada por ele não ir viver conosco. Já não me lembro." Aproximei-me e toquei no cimo do portão de madeira. Os meus dedos agarraram a umidade. Apercebi-me que Niki me observava e levantei a mão para lhe mostrar. "Ainda há alguma geada", disse.

"Ainda pensa muito no Japão, mãe?"

"Acho que sim." Voltei-me de novo para o campo. "Tenho algumas recordações."

Apareceram dois pôneis perto dos sicômoros. Durante uns momentos ficaram ali ao sol muito quietos, lado a lado.

"Aquele calendário que te dei esta manhã", disse eu. "É uma vista do porto de Nagasaki. Esta manhã estive a recordar uma vez em que lá fomos e passamos o dia fora. Aquelas colinas sobre o porto são muito belas." Os pôneis mexeram-se ligeiramente por detrás das árvores.

"O que aconteceu de tão especial?"

"Especial?"

"O que aconteceu de especial no dia que passaram no porto?"

"Ah, não houve nada de especial. Apenas aconteceu lembrar-me

disso. Nesse dia Keiko estava muito feliz. Andamos de teleférico." Ri-me e voltei-me para Niki. "Não, não aconteceu nada de especial nesse dia. É apenas uma recordação feliz que me ficou, só isso."

A minha filha suspirou. "Aqui é tudo tão calmo", disse. "Já não me lembrava desta quietude."

"Sim, depois de Londres deve parecer muito sossegado." "Suponho que às vezes deve ser um pouco monótono viver aqui sozinha."

"Mas eu aprecio o sossego, Niki. Penso sempre que isto aqui é a verdadeira Inglaterra."

Voltei-me, e durante uns instantes olhei para trás, em direção ao pomar.

"Quando viemos para cá, não existiam aquelas árvores todas", disse eu pouco depois. "Só havia campos, e daqui via-se a nossa casa. Quando o teu pai aqui me trouxe a primeira vez, Niki, lembro-me de pensar como tudo isto parecia tão genuinamente inglês. Todos estes campos, e a casa também. Fora sempre assim que imaginara que a Inglaterra seria e fiquei tão contente."

Niki respirou fundo e afastou-se do portão. "É melhor regressarmos", disse. "Não tardo a ter de partir."

Enquanto caminhamos pelo pomar, o céu cobriu-se de nuvens. "No outro dia estive a pensar numa coisa", disse eu, "talvez eu devesse vender a casa."

"Vender a casa?"

"Sim. Mudar-me para uma casa mais pequena, talvez. Foi apenas uma ideia."

"Quer vender a casa?" A minha filha lançou-me um olhar preocupado. "Mas é uma casa tão bonita."

"Mas agora é tão grande."

"Mas é uma casa tão bonita, mãe. Seria uma vergonha." "Suponho que sim. Foi apenas uma ideia, Niki, só isso." Gostaria de a ter acompanhado à estação — são apenas alguns minutos — mas a

ideia pareceu embará-la. Partiu logo a seguir ao almoço, com um ar muito seguro de si, que me pareceu deslocado, como se partisse sem a minha aprovação. A tarde tornara-se cinzenta e ventosa, e fiquei à porta, enquanto ela caminhava até o fim da alameda. Vestia as mesmas roupas justas com que chegara, e a mala fazia-a arrastar um pouco o passo. Quando chegou ao portão olhou para trás e pareceu surpreendida por ainda me ver à porta. Sorri-lhe e disse-lhe adeus.

FIM

